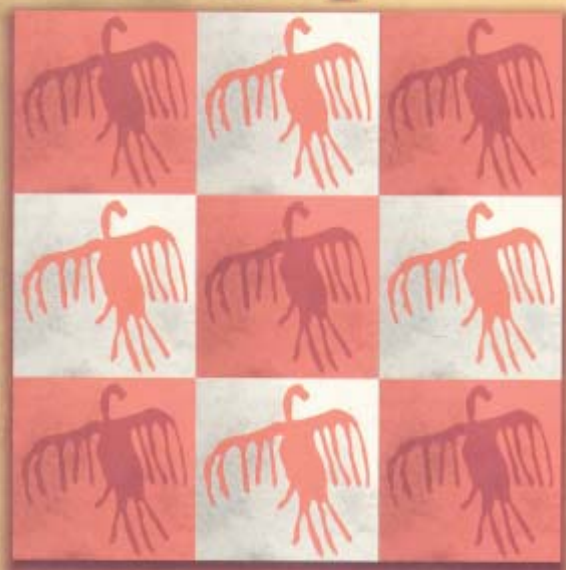
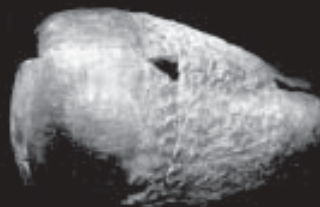
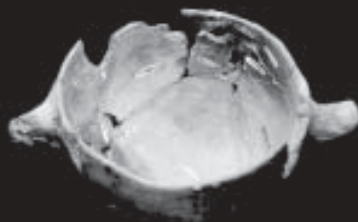
Fernando Lins de Carvalho

A Pré-História Sergipana

Universidade Federal de Sergipe
Petrobras
CHESF

A Pré-história Sergipana

Esta publicação do Museu de Arqueologia de Xingó da Universidade Federal de Sergipe é patrocinada pela PETROBRAS, integrando-se à Ação Educativa do MAX.

A Pré-história Sergipana

AGRADECIMENTOS

À Petrobrás, pelo estímulo permanente às ações do MAX e, em conseqüência, à valorização da sua Ação Educativa.

Aos que fazem o Museu de Arqueologia de Xingó, pelo apoio técnico e administrativo sem o qual esta obra não teria vindo a lume.

APRESENTAÇÃO

A publicação de A PRÉ-HISTÓRIA SERGIPANA, em 2000, possibilitou ao Museu de Arqueologia de Xingó-MAX conciliar os esforços de pesquisadores, preocupados com a pouca visibilidade da Pré-História Sergipana, com a demanda estudantil e a do público em geral, por um texto, sobre o assunto, ao mesmo tempo abrangente e didático.

Entre aquela a presente edição, as pesquisas do MAX continuaram, adicionando novos elementos sobre a pré-história sergipana. Objetiva-se, com a publicação deste livro, fazer chegar aos professores, pela Ação Educativa do MAX, em edição ampliada, informações que vêm sendo obtidas através de estudos em sítios arqueológicos sergipanos. A obra descreve os principais grupamentos humanos em nosso território, num período que se estende de nove mil anos atrás até a chegada dos portugueses em Sergipe.

O texto foi dividido em três partes. A primeira, dedicada à Pré-história Brasileira, destaca conceitos básicos de Arqueologia, oportunizando ao leitor uma familiaridade com termos técnicos de uso nessa ciência. Um glossário foi incluído, ao final do livro. Acompanhando as transformações culturais dos caçadores-coletores na América, as principais tradições arqueológicas são sumariamente descritas, utilizadas como preâmbulo para o entendimento da pré-história sergipana. A segunda parte, dedicada à cultura Canindé, divulga, de forma sistemática, o resultado das pesquisas em Xingó, iniciadas em 1988. A terceira parte, utilizando textos clássicos sobre a pré-história brasileira e nordestina e pesquisas em alguns municípios ser-

gipanos, o autor disserta sobre as culturas Aratu e Tupiguarani, cotejando as inúmeras pesquisas nacionais com os dados técnicos coletados em campo (1982-1988) por ele, e por outros pesquisadores da UFS.

Com mais esta produção, o Museu de Arqueologia de Xingó renova o compromisso com a ciência e mantém a posição de divulgador da produção científica sobre a pré-história sergipana.

José Alexandre Felizola Diniz
Diretor do MAX

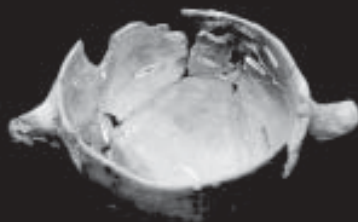
SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

A Pré-história Brasileira

1. ARQUEOLOGIA

2. A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

3. A PRÉ-HISTÓRIA

A ARQUEOLOGIA

1.1. CONCEITO

Pode-se entender a arqueologia, dentre tantas conceituações possíveis, como o estudo do passado do homem através de restos materiais de suas atividades.

Há duas considerações distintas, em decorrência do nível cultural dos grupos humanos, para a arqueologia. Para o estudo de povos que já dispunham de documentos escritos, a arqueologia é vista como um complemento útil, uma ilustração para os textos históricos. No caso de comunidades Pré-Históricas, a arqueologia é o substituto não escrito do registro histórico autêntico.

Nas ultimas décadas, diversos fatores combinados passam a criar uma nova importância para a arqueologia.

1. O desenvolvimento de **novas técnicas de datar**, em especial através do carbono radioativo.

1.2. AS DATAÇÕES

I - O Carbono Quatorze (C14). Os átomos de nitrogênio da atmosfera são bombardeados por nêutrons da radiação cósmica, provocando na alta atmosfera a transmutação do azoto em radiocarbono. Resulta um carbono radioativo (C14) que se incorpora ao dióxido de carbono na atmosfera. O dióxido é absorvido pela vegetação e pelos animais, quando as plantas são comidas. Ao morrer o animal ou planta, o dióxido contendo o carbono

radioativo vai diminuindo em uma proporção de 50% a cada 5.570 anos. A radioatividade residual permite que se tenha a idade do vegetal ou animal resgatados em alguma camada da estratigrafia arqueológica. Os cálculos para datação tornavam-se incertos além de vinte mil anos, devido á fraqueza da irradiação e da possibilidade de contaminação. O limiar dos vinte mil anos foi transposto com a versão do C14 em acetileno, o que nos leva até setenta mil anos do presente.

II - Potássio-argônio. O potássio tem um isotopo, o potássio quarenta (K40), que se decompõe em ritmo conhecido, transformando-se em um gás inerte, o argônio quarenta (Ar40), que fica aprisionado nos cristais dos minerais potássicos. Pelo conteúdo do argônio nos minerais potássicos, indica-se a idade dos ossos. Esta é uma datação preferencialmente utilizada para os fósseis anteriores ao homo sapiens, pela possibilidade de recuo cronológico a 1 bilhão de anos do presente.

/

III – Termoluminescência. Os elementos minerais como, por exemplo, um grão de quartzo, recebem radiação natural, proveniente do bombardeio de raios cósmicos. Quando o barro é queimado em altas temperaturas pra a fabricação de cerâmica, o quartzo nele contido perde toda a sua radioatividade. A partir desse momento ele volta a acumular radioatividade. Quando colocado em cima de uma placa quente (300°), em ambiente escuro, o cristal de quartzo contido no fragmento de um artefato cerâmico emite uma luz termoluminescente, em quantidade proporcional à radiação que percebeu. Se, por exemplo, recebeu radiação por mil anos, o grão emite duas vezes a quantidade de luz se o quartzo tivesse recebido radiação por quinhentos anos. Depois de medir a quantidade de luz que o material examinado pode emitir, os especialistas pegam a terra onde ele foi encontrado para determinar a quantidade de urânio, tório e potássio por centímetro cúbico e, assim, calcular a quantidade de radiação que esses materiais emitem por ano. Outro método utilizado é colocar um dosímetro – o próprio grão de quartzo, por exemplo – na região onde foi recolhido o material estudado e deixa-lo irradiando por pelo menos dois meses.

Depois desse período é retirado e levado a laboratório para a leitura que irá determinar a dose anual de radiação do local.

Conhecendo-se a taxa anual de radioatividade, é possível calcular quantos anos se passaram entre o momento do aquecimento do vestígio pelo homem pré-histórico e a sua descoberta pelo arqueólogo.

No presente já se permite determinar com segurança a idade das descobertas arqueológicas, sem necessidade se recorrer à escrita.

2. A aplicação de novas técnicas científicas, com métodos de escavação mais rigorosos, tem oportunizado abordagens intra e inter sítios, com todo um leque de dados que permitem estudar a economia, o desenvolvimento tecnológico, práticas do cotidiano e sistemas sociais do passado: a partir do estudo dos dejetos das sociedades primitivas, por exemplo, é possível montar agora uma visão muito clara da sua alimentação e, conseqüentemente, sua economia de subsistência.

3. Há uma redefinição de seus objetivos. Já não mais se tenta apenas reconstituir o passado e formar uma simples descrição do que ocorreu em tempos remotos. Agora, tenta-se compreender por que as coisas mudaram e por que se transformaram no que são. A Ciência trata de um quadro teórico mais preciso.

4. Há hoje a consciência de uma Arqueologia de Resgate (Salvamento), diante de acervos humanos ameaçados. Há hoje um esforço de se proteger os vestígios da presença humana e o reconhecimento da necessidade de levar a cabo escavações sistemáticas em locais cuja destruição não se pode evitar.

A presença da Universidade Federal de Sergipe, a partir de 1988 em Xingó, é um exemplo dessa consciência. As técnicas empregadas se inserem em uma arqueologia de resgate.

A nova arqueologia teve início nos anos sessenta, nos Estados Unidos, sendo seu principal expoente o Prof. Lewis R. Binford, da Universidade do Novo México, em Albuquerque. Segundo ele, para se compreender o passado não é suficiente desenterrar artefatos de eras passadas e escrever uma história intuitiva baseada nas impressões subjetivas deles. A nossa preocupação deve ser o estudo do processo de cultura – isto é, como e por que se modificam as culturas humanas.

Temos que questionar com muito maior consistência qual é a explicação para todas as diferenças, a variação que vemos no registro arqueológico. Ou seja, uma metodologia melhor para a interpretação arqueológica.

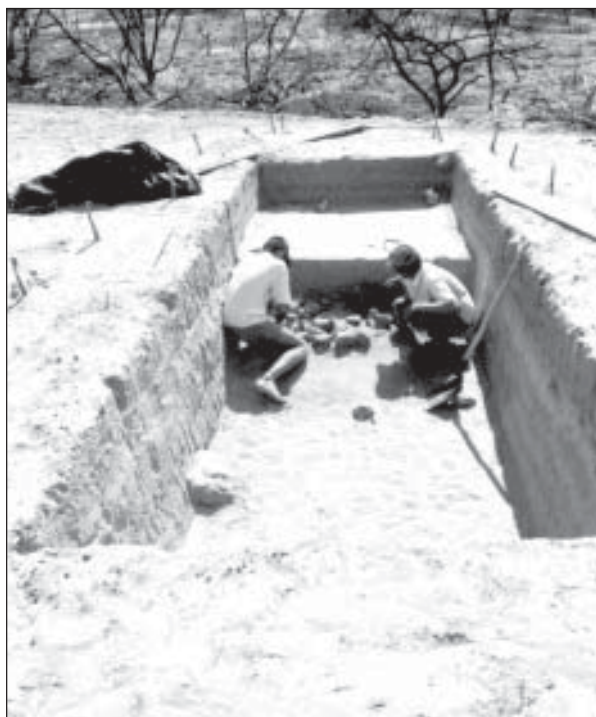
A nova arqueologia nos orienta a um esforço intencional para desenvolvemos argumentos sólidos que nos permitam interpretar os dados relativos tanto aos aspectos sociais, como ao regime alimentar, à tecnologia, etc.

A arqueologia, portanto, é uma fonte de conhecimento que permite reconstituir a história dos povos que praticamente não deixam traços por meio de escrita. Os vestígios descobertos nas escavações testemunham a origem e evolução da cultura e dos povos.

5. A Prospecção. Um dos problemas do arqueólogo de campo é saber onde escavar. Antes de ir a campo, o arqueólogo deve se debruçar sobre a literatura e documentos referentes à área e cultura a ser trabalhada. Quando não existem, recorre-se à prospecção aérea ou à prospecção do solo. A sua apuração sistemática, hoje com a teledetecção por satélite, ampliou as possibilidades da prospecção aérea. No solo, difundiu-se o uso de corrente elétrica para localizar paredes e fósseis enterrados.

Passa-se uma corrente elétrica pelo solo para medir sua resistência, que varia em função do grau de umidade. Já na prospecção magnética utiliza-se um detector de metais.

6. Escavação. Quando vão iniciar uma escavação, os arqueólogos recorrem ao **método estratigráfico**, que permite estabelecer a ordem de sucessão das camadas arqueológicas em um sítio. A importância de leitura da superposição de camadas permite uma relação entre os estratos de ocupação humana.

7. Análise dos Objetos Arqueológicos. A análise de um objeto permite descobrir como foi fabricado, que materiais foram utilizados e qual a origem desses materiais. A análise química consiste em retirar uma amostra do objeto testado. A análise espectrográfica determina a natureza química dos materiais através do exame de seu espectro. Para a análise não-destrutiva, utiliza-se o bombardeamento de objetos com o raio-x: a análise nuclear, por meio de nêutrons produzidos por uma reator ou acelerador, com sua aplicação notadamente em metais.

2. A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A reconstrução da pré-história brasileira emerge de inúmeros vestígios que indicam a presença humana no espaço que ora ocupamos.Investiga-se a história que não foi escrita por meio desses registros, notadamente os objetos manufaturados pelo homem, os quais foram preservados e que hoje são chamados artefatos.

Os vestígios podem ser diretos, ou seja, testemunho materiais presentes nos níveis arqueológicos (cacos de cerâmica, ossos, líticos, registros rupestres, etc.) ou indiretos, sinais de objetos já ausentes no sítio arqueológico (mudança de colorações do solo, vestígios de postes, etc.).

> "Toda a história não escrita da humanidade se encontra inserida nas folhas sobrepostas, umas às outras, do livro da terra, e a técnica das escavações tem como primeiro objetivo o assegurar uma leitura correta das mesmas".
> (GOURHAN, 1961).

O modo pelo qual os arqueólogos apresentam registros visuais das evidências que eles descobrem é desenhando perfis das séries de estratos que foram depositados através do tempo e que ficaram expostos no decurso das escavações.

Os artefatos, portanto, permitem, a partir de uma classificação tipológica, datações e considerações comparativas, a leitura sobre culturas preexistentes.

A reconstituição das culturas humanas infelizmente está longe de ser completa, pois as evidências que foram preserva-

das são apenas pequenas partes da cultura material total do grupo quando vivo. A cultura não material, a relação com o não tangível, encontra-se irremediavelmente perdida.

Cada vestígio descoberto durante a escavação metódica da terra é determinado em sua posição exata.

Durante a escavação algumas amostras são retiradas, como amostras de terra, polén e carvão vegetal.

A estratigrafia recorre a outras disciplinas, como as ciências da terra.

3. A PRÉ-HISTÓRIA

O conhecimento abrangente do homem como ser social leva-nos a uma diversidade de condições de estudo, com métodos e técnicas distintas. Dentre as ciências sociais, a história tem por objeto de estudo as sociedades, numa perspectiva diacrônica, abordado essencialmente as que possuem escrita. As sociedades do passado, sem escrita, são o campo da Pré-História. As culturas ágrafas atuais são investigadas pela Antropologia Cultural.

Cabe aos pré-historiadores a reconstituição parcial das culturas humanas a partir de vestígios materiais. Para tanto, dispõe o cientista de um conjunto de métodos e técnicas, que permitem localizar, analisar e interpretar os indícios materiais da presença e da atividade dos homens no seu quadro natural e artificial. Torna-se, portanto, imprescindível a arqueologia para o pré-históriador. Sendo a meta da arqueologia o entender as adaptações, o desenvolvimento, o funcionamento e as representações simbólicas das sociedades, confundem os seus objetivos com as ciências sociais.

> "A pré-história é uma espécie de colosso-com-cabeça-de-barro que vai se tornando mais frágil à medida que se eleva da terra ao cérebro. Os pés, feitos de testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, estão bastante firmes; as mãos são já mais friáveis, uma vez que o estudo das técnicas pré-históricas está assinalado por uma larga auréola conjectural. A cabeça, essa, desfaz-se ao menor embate e freqüentemente contentaram-se em substituir o pensamento do gigante decapitado pelo do pré-historiador. De maneira que, através das suas dife-

rentes obras, o homem pré histórico muda de personalidade religiosa e tanto é um mágico sanguinário como um pio colecionador de crânios de antepassados, bailarino lascivo ou filósofo desiludido, segundo os autores; o seu comportamento deveria ser estudado não em função dos fatos que, como veremos mais adiante, são por vezes muito escassos, mas através das biografias de pré-historiadores. (Leroi-Gourhan, 1964)

3.1. A PRÉ HISTÓRIA AMERICANA

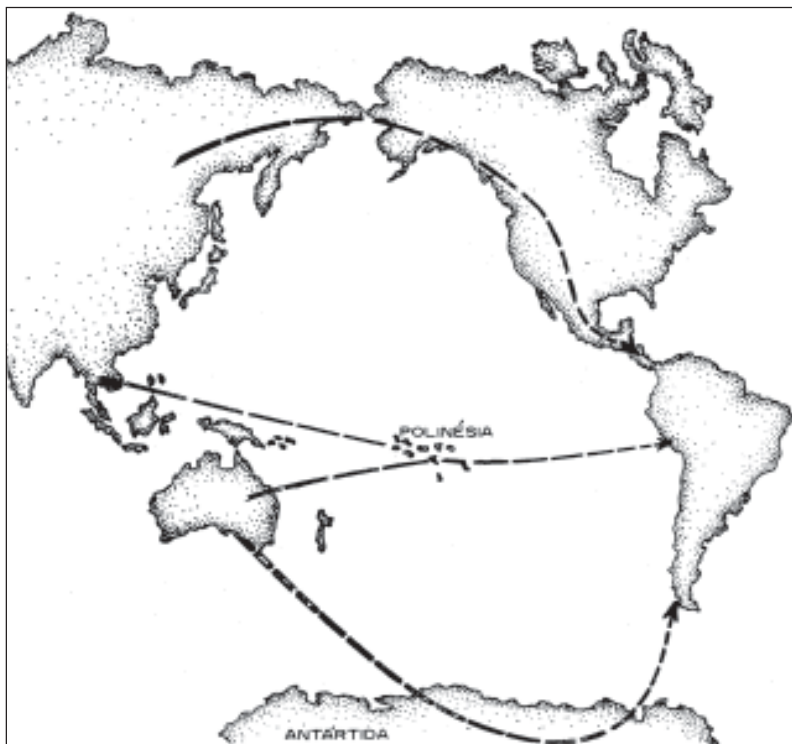
3.1.1. Entrada do Homem na América

A procedência dos primeiros habitantes do Continente e o momento em que se deu a imigração têm sido respondidos, neste século, a partir de hipóteses formuladas por inúmeros cientistas, dentre os quais historiadores, arqueólogos, biólogos e antropólogos.

Ao final do século XIX e o início do XX, foi amplamente discutida a hipótese de **autoctonismo** baseada em vestígios humanos erroneamente atribuídos a hominídeos anteriores ao homo sapiens e descobertos em camadas geológicas que, por equívoco, foram considerados mais antigas do que eram na realidade.

A ausência de grandes macacos fósseis e de tipos humanos mais primitivos que o homo sapiens nos terraços terciários e quaternários da América não permite considerar a possibilidade de uma evolução in situ.

No início do século XX, autores aceitaram a homogeneidade biológica dos ameríndios, generalizando-se a crença de que as populações do novo mundo foram constituídas exclusi-

vamente por ancestrais asiáticos e de que eles chegaram ao continente pelo estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, em épocas distintas, iniciando-se a imigração há 35.000 anos. Entre 35 e 12 mil anos do presente, a glaciação Wisconsin teria feito, por intervalos, o mar descer a uns 50 metros abaixo do nível atual. Por essa hipótese, as variações morfológicas e culturais observadas entre os americanos contemporâneos se explicam, em parte, como resultado de distintos graus de evolução biológica de cada uma das imigrações no transcurso dos milênios e, em parte, pela influência que o meio ambiente exerceu em distintas regiões onde se estabeleceram.

O Estreito de Bering tem menos de 100km de largura e é hoje facilmente atravessado pelos esquimós, utilizando barcos de peles.

Os outros estudiosos, pelo contrário, opinam que, desde tempos remotos, convivem na América grupos humanos de várias procedências. São os sustentadores da teoria **pluriracial**. A população indígena da América pré-colombiana resultou de diversas imigrações a partir de tipos raciais distintos: algumas efetuadas pelo Estreito de Bering (mongóis e esquimós), outras, através do Oceano Pacífico e da Antártida (australiano e malaio-polinésios). A seqüência de ilhas e arquipélagos no Pacífico e entre a Tasmânia e a terra do fogo teriam sido utilizados como caminho natural para o ingresso do homem pré-histórico na América do Sul.

AMEGHINO	Paleontóloco argentino. Defendeu ter a humanidade sido originada na região meridional da América. Na Argentina teria surgido o primeiro ser adaptado à posição vertical, o TETRAPROTHOMO.
HRDLICKA	As populações americanas teriam migrado pelo estreito de Bering.
PAUL RIVET	Baseado em semelhanças etnográficas, lingüísticas e biológicas, admitem a migração de asiáticos (Bering), melanésios (Pacífico) e australianos (ilhas entre a Austrália, a Antártida e a América do Sul).

A partir das teorias propostas, alguns pontos convergentes são aceitos na atualidade.

I. Não há autoctonismo na América
II. Não houve e nem há um tipo ameríndio biologicamente homogêneo
III. A imigração mongolóide foi a preponderante

Subsistem duvidas sobre outros tipos humanos que tenham contribuído para o povoamento da América

A Antropologia Física tem contribuído para o entendimento das migrações pré-históricas na América do Sul (Salzano, 1990), a partir de uma rota ao longo da Costa do Pacífico e outra para o norte da região amazônica. Ward (1975) sugere três direcionamentos: a costa do Pacífico, a costa Atlântica e o centro do Continente (planalto central e o chaco). A datação correspondente aos primeiros contingentes de caçadores-coletores do pleistoceno no Brasil tem sido ponto de controvérsias entre arqueólogos.

3.1.2. As Primeiras Culturas

· A descoberta de sítios arqueológicos nos planaltos norte-americanos, onde foram encontradas pontas de lança cuidadosamente lascadas em ambos os lados, com caneluras associadas a ossos de megafauna (mamute e bisonte). Suas datações entre 11.200 a 10.000 A.P. Trata-se da **Cultura Clovis.**

· A identificação, em mais de vinte sítios, de uma outra cultura, a **Folsom** (10.900 a 10.200 AP).

Há poucas informações sobre o modo de vida das comunidades Clovis e Folsom. Apenas ossos de animais, pontas e fogueiras superficiais.

Nas ultimas décadas, em inúmeros sítios arqueológicos na América, datações anteriores às culturas Clovis e Folsom estão sendo propostas. Têm-se obtido datações consistentes pré-Clovis em carvão e ossos de animais associados a pedras lascadas. Questiona-se a validade de tais datações, tendo em vista que o fenômeno se forma também naturalmente, e os povos antigos poderiam ter escavado ossos já fossilizados, numa época posterior. As datações pré-Clovis raramente estão relacionadas a ossos humanos associados a restos indiscutivelmente culturais. No México, Guatemala, Panamá, Equador, Colômbia, Venezuela, Peru, Uruguai, Chile, Argentina e Brasil, como já visto, há sítios com datações pré-Clovis.

Portanto, na América do Sul há sítios arqueológicos com datações anteriores a doze mil anos. Fora do Brasil, há, no Peru, o abrigo de Pikimachay, com datações de até vinte mil anos. No

Chile, em Monte Verde (carvão, madeira e ossos de mastodonte), datação de 12.500 anos e uma discutida datação de 33.000 anos.

No entanto, o sitio mais polêmico está no Brasil, em Pedra Furada, no Piauí, com datação de 50 mil anos.

Se essas datações estiverem corretas, a presença humana na América recuará a algumas dezenas de milhares de anos antes das datas atualmente aceitas

No Chile, o famoso sítio do riacho Monte Verde apresenta dois fragmentos bifacias de pontas foliáceas e seis datações entre 13.500 e 11.800 anos atrás. A existência de várias tradições culturais sul-americanas contemporâneas mas distintas da tradição CLOVIS não corrobora a hipótese de que os caçadores de animais de grande porte, norte-americanos, fossem os ancestrais dos sul-americanos.

3.2. A PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA

Na história européia, os nomes geralmente usados na periodização universal são: Paleolítico (Inferior, Médio e Superior), Mesolítico, Neolítico e Civilização ou Urbanismo (Pré-Clássico, Clássico e Pós-Clássico). Os nomes americanos aproximadamente correspondentes são:

I **Período Lítico,** que pode ser usado no sentido semelhante ao Paleolítico e dividido em um período Pré-pontas e outro Paleoíndio.
II **Período Arcaico** (Mesolítico);
III **Período Formativo** (Neolítico);
IV **Período Pós-Cabralino,** a partir da presença européia e o estabelecimento do processo civilizatório (excluídas, no período, as fases pré-clássica e clássica).

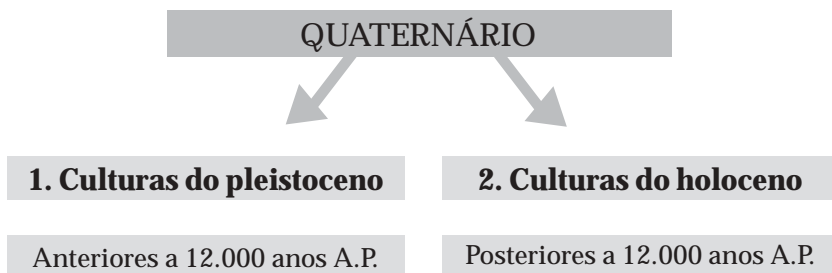
O povoamento da América e, naturalmente, do Brasil, ocorreu no término do Pleistoceno, que corresponde ao final da ultima glaciação.

Os principais artefatos da pré-história brasileira são as pedras manipuladas para a confecção de instrumentos, os fragmentos cerâmicos, a reciclagem de ossos de animais e conchas, notadamente.

Os locais onde são encontrados os artefatos são identificados como sítios arqueológicos. Pela sua condição espacial, os sítios são classificados como abrigos, sítios a céu aberto e sítios construídos; pela funcionalidade, sítio habitação (estável ou ocasional), depósitos de lixo (sambaquis), oficinas de trabalho, sítios cerimoniais (cemitério, registro rupestre). Cada sítio arqueológico é uma página da pré-história.

A pré-história brasileira é dividida em dois grandes períodos:

QUATERNÁRIO

1. Culturas do pleistoceno	**2. Culturas do holoceno**
Anteriores a 12.000 anos A.P.	Posteriores a 12.000 anos A.P.

AP – significa "Antes do Presente" que, por convenção, é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação através do carbono 14, que se deu em 1952. As referências cronológicas obtidas através de métodos físicos são sempre acompanhadas de suas respectivas margens de erro, que são expressas com o sinal positivo e o negativo (±).

3.2.2 Culturas do Pleistoceno (Anteriores a 12.000 AP)

I. A Cultura do Paleoídio

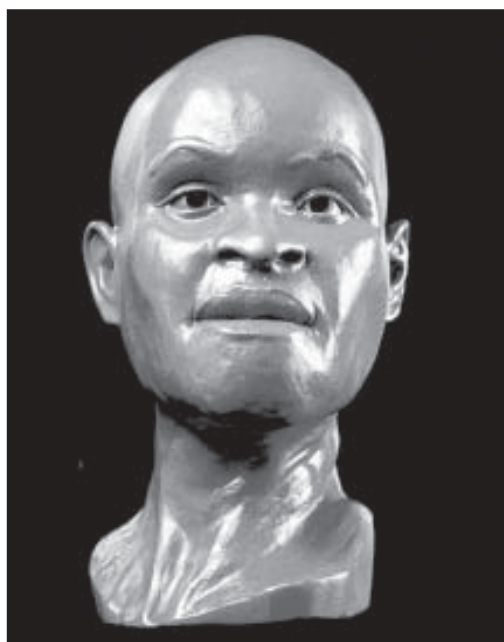
Populações que teriam vivido concomitantemente com a megafauna. Sítios principalmente de matança, não de acampamentos residenciais. Artefatos identificadores, pontas bifaciais, especializadas, de projétil, geralmente acompanhadas de lascas usadas como facas, raspadores e raspadeiras; o ambiente, um período frio e seco; população, pouco numerosa e nômade, organizada em bandos frouxos.

Os animais caçados seriam, como hipótese ainda não plenamente constatada, os que se extinguiram com o final da glaciação e que, em termos populares, poderíamos denominar de bisontes, cervídeos e camelídeos, antigos cavalos, preguiças e tatus gigantes, antas, tigres-dente-de-sabre etc.

O conceito de Paleoíndio, no Brasil, é utilizado para as culturas mais antigas, encontradas em Goiás, Minas Gerais, Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte. O conceito de período Arcaico para as outras culturas de caçadores pré-cerâmicos.

Em alguns estados brasileiros há datações que registram a presença do homem antes de doze mil anos: em Minas Gerais, a cultura do homem de Lagoa Santa (Gruta do Sumidoro, Lapa Mortuária de Confins, Cerca Grande em Pedro Leopoldo); em São Paulo, o Sítio Alice Boer, em Rio Claro e no rio Ribeira do Iguape; no Mato Grosso, o Abrigo do Sol, em um afluente do Guaporé.

> “Hoje sabemos, por meio de datações pelo Carbono 14, que as importantes coleções de esqueletos de Lagoa Santa possuem mais de 10 mil anos. Em 1999, pesquisadores da Universidade Manchester, na Inglaterra, reconstituí-

ram a face do crânio humano mais antigo já encontrado nas Américas, proveniente de Lagoa Santa. Apelidado, de forma carinhosa, com o nome de Luzia, o crânio é de uma mulher e tem cerca de 11.680 anos. O crânio e outros ossos do corpo de Luzia haviam sido descobertos em 1975, em Lagoa Santa, por uma equipe franco-brasileira coordenada pela arqueóloga francesa Annete Laming-Emperaire, e hoje se encontram no acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro" (FUNARI, 2001).

As datações mais antigas recuam a presença de culturas humanas há 14 mil anos do presente. Há uma correlação cronológica entre o paleoíndio e os megatérios.

Segundo Mendes (1970), os megatérios “foram animais de grande porte, chegando a ultrapassar 5m de comprimento. Os seus caracteres anatômicos aproximam-se muito das preguiças atuais. Mas, no tocante aos hábitos, parecem ter divergido, pelo menos numa particularidade: animais tão corpulentos não poderiam ter sido arborícolas. Alimentavam-se, também, de folhas e brotos, a julgar pelo tipo de dentição. Eram cobertos de pêlos grosseiros, como as preguiças e tamanduás, fato que comprova através de um fragmento de pele de milodonte, parente do megatério, preservada numa gruta de Patagônia. Os seus membros locomotores apresentavam uma torção em virtude da qual as plantas dos pés se voltavam para dentro. Eram dotados de grandes garras em forma de gancho. Enfim, a sua conformação anatômica sòmente lhe permitiria marcha lenta e pesada sobre o solo, embora não tão vagarosa quanto à das preguiças de hoje. Essa interpretação valeu-lhes o cognome de “preguiças terrícolas”. Se o animal desejasse alcançar ramos mais altos, teria que se erguer sobre os membros posteriores, apoiando-se com as patas dianteiras sobre o tronco das árvores.

(...) Assim como os megatérios se assemelhavam às preguiças, os gliptodontes lembram os tatus. Mas estes são mais antigos que os gliptodontes e provavelmente deram-lhes origem do decorrer do terciário. Ambos os grupos se caracterizam pela posse de uma carapaça dorsal. No caso dos gliptodontes, a carapaça não se constituía de anéis móveis, como a dos tatus, mas de um mosaico de placas ósseas, solidamente ligadas entre si". (Mendes,1970)

Os gliptodontes alcançavam, em média, dois metros de comprimento.

Entre os grandes carnívoros do final do pleistoceno, o maior e mais agresssivo foi o Smilodon Populator, ou tigre-dentes-de-sabre. Porte superior ao da maior onça conhecida. Os Caninos atingiam cerca de trinta centímetros de comprimento.

Registra-se também a presença dos toxodontes, do tamanho de um hipopótamo e, como aqueles, eram anfíbios.

Os mastodontes assemelhavam-se fisicamente aos elefantes. Enormes presas, com pontas encurvadas para o alto e mais de um metro de comprimento. (Mendes: 30, 32)

> "No caso da América, acreditamos que pode ter ocorrido uma confluência dos três fatores, pois houve, efetivamente, mudança climática, com a diminuição da área dos campos e cerrados – os habitats originais desses grandes animais – concomitantemente a expansão da ocupação humana, que pode tanto ter espalhado doenças como extinguido o número desses animais por meios das caçadas.
> Segundo alguns estudos realizados com o auxilio de simulação com modelos computacionais, em apenas mil anos a caça excessiva seria o suficiente para acabar com algumas espécies de animais.
> Como quer que seja, o fim da megafauna foi a mais significativa extinção de animais do planeta desses a época dos dinossauros, podendo ser considerada importante por ter sido contemporânea do ser humano e, portanto, possivelmente relacionada à ação deste. Entretanto, seria mesmo correto atribuir ao homem essa destruição, ou seria apenas a nossa consciência pesada a sugerir tais hipóteses? Não sabemos, mas o estudo da megafauna extinta, por essa ligação umbilical com o ser humano, promete continuar a concentrar a atenção dos pesquisadores do passado pré-histórico e a gerar novos conhecimentos co-evolucionários entre humanos e animais." (FUNARI, 2001)

A partir da década de setenta, no Piauí, a arqueóloga Niede Guidon, nos sítios Boqueirão da Pedra Furada e do Meio, apresenta datações de mais de cinqüenta mil anos do presente.

Das culturas pleistecênicas, os artefatos recolhidos são *choppers*, *chopping-tool*, batedores, lascas e núcleos trabalhados (líticos), fogueiras com a recuperação de parte da dieta alimentar e ossadas humanas.

Na fauna pleistocênica ainda presente a megafauna, com os megatérios (preguiças gigantes), gliptodonte (tatus), tigres dentes-de-sabre, ursos, toxodontes (similares ao hipopótamo), mastodontes (parecidos com os elefantes, com grandes presas).

Aspectos climáticos apontam, como reflexo das glaciações no hemisfério norte, períodos de chuvas e secas. A oscilação do clima, (glaciação Wisconsin), chegou a quatro graus centígrados. O nível do mar estava a 90 metros do atual há vinte mil anos. Há sete mil anos o nível se apresentava a dez metros abaixo. Este o fator apontado para a ausência de culturas pleistocênicas no litoral.

Em período anterior (30 a 20 mm anos AP) as condições climáticas eram mais amenas e o nível do mar mais alto; o holoceno traz o calor e a umidade, com a elevação do nível do mar, caracterizando a tropicalização do Brasil.

O final do pleistoceno (+- 18.000 – 12.000 anos A.P.) é rigorosamente frio e seco e o nível do mar está ao menos 100m abaixo do atual; o período anterior (+- 30.000 – 20.000 anos A.P) apresenta, ao menos parcialmente, condições climáticas mais amenas e o nível do mar mais alto; o holoceno, finalmente, traz consigo o calor e a umidade, junto com um nível de mar alto, que redundam na tropicalização do Brasil e, a partir do início de nossa era, numa certa estabilidade dessas condições. Os animais herbívoros, a que o homem estava principalmente ligado, reagiram de forma idêntica ao aparecimento e desaparecimento de cada ciclo climático, de forma que a fauna florestal podia, em qualquer lugar, ser substituída por outra adaptada às condições da estepe ou da tundra e vice-versa.

Os sítios arqueológicos no pleistoceno estão ligados a nichos naturais de recursos diversificados: alimentos, combustível, abrigo e matérias primas para a promoção de utensílios, instrumentos e armas. Neles, os caçadores-coletores tinham acesso a grande número de espécies de animais de médio e pequeno porte. A captura não exigia um arma especializada: armadilhas, porretes, a criatividade e a força muscular do homem. As proteínas vegetais, em sua maior parte, frutos de acesso fácil, raízes e tubérculos. A partir de vestígios da dieta alimentar e registros rupestres, algumas espécies animais são conhecidas: antas, capivaras, veados, pacas, tatus, tamanduás, lagartos, emas, peixes e aves. Nos rios, como o São Francisco e seus afluentes, a piscosidade durante a piracema foi fator decisivo para os deslocamentos e instalação de grupos.

Os habitats dos caçadores-coletores se dão em grutas ou abrigos, no alto de colinas ou à beira dos rios.

II. A Megafauna em Sergipe

No nordeste do Brasil os achados de mamíferos do Pleistoceno geralmente ocorrem em cacimbas, podendo ocorrer também em lagoas, olho d'água, vazantes, ravinas, tanques e cavernas. Em Sergipe esses achados ocorrem principalmente em cacimbas. A pesquisa paleontológica sobre a megafauna do Pleistoceno em Sergipe teve seu início na década de 50 com descobertas de ossadas nos municípios de Aquidabã e Propriá [Paula Couto, C., 1953. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 513 p]. Posteriormente foram registrados os achados de Eremotherium laurillardi (Lund, 1842) e Haplomastodon Hoffstetter, 1950 na Lagoa do Roçado em Monte Alegre [Souza Cunha et al., 1985. Bol. MME-DNPM. Série Geológica, nº 27, Paleont. Estratig. (2):

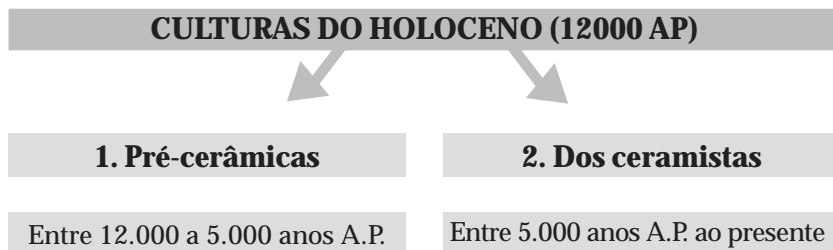
29-33.]; a presença de Stegomastodon waringi (Holland, 1920), Palaeolama major Liais, 1872, Toxodon indeterminado e Eremotherium laurillardi [Góes et al., 2002. Arq. Museu Nac., 60 (3): 199-206] e Catonix Curvieri, ambos na fazenda Charco em Poço Redondo [Góes et al., 2001, Anais de resumo XVII Congresso Brasileiro de Paleontologia, p. 174]. O material do presente estudo foi encontrado em uma cacimba na Fazenda Elefante no município de Gararu, coordenadas 37º07'51 "W e 10º00'39" S, loalizado no polígono da seca, região de caatinga. O subsolo é constituído predominantemente de rochas do Pré-Cambriano formadas por calcário e quartzitos, recobertos por uma fina camada de sedimentos de idade quaternária. As peças encontram-se muito fragmentadas, visto que a cacimba foi aberta há mais de trinta anos pelos moradores, que usaram a ossada para compor a parede da mesma. Foi observada a presença de cinco animais nesta cacimba. A identificação de Eremotherium laurillardi foi baseada em falanges distais (garras), astrágalos e vários fragmentos de molariformes; de scelidodon sp. em um molariforme; de Toxodon sp em uma vértebra torácica, fragmentos do incisivo e um calcâneo, de stegomastodon Waringi em fragmentos de incisivos e molariformes; e uma vértebra lombar provavelmente pertecente a Smilodon sp. Com esses achados somam-se cinco os municípios onde há ocorrência da megafauna em Sergipe. demonstrando que esta fauna distribuía-se na região mais a noroeste do Estado, nas imediações do rio São Francisco.

A pré-história brasileira no período quaternário, o holoceno, é subdividida em duas fases. Na primeira são situadas as culturas pré-cerâmicas, entre 12 a 5 mil anos do presente; na segunda fase, as culturas dos ceramistas, a partir de cinco mil anos. Quando do início do holoceno, o espaço territorial hoje constituído como Brasil já tinha sido ocupado por caçadores-coletores.

A base econômica continuava sendo a caça, a coleta e a pesca. Expressivo aumento demográfico, notadamente com a introdução de técnicas agrícolas, gerou atritos interétnicos com aumento de pressão ocupacional sobre os ecossistemas. Com a instalação do semi-árido no holoceno, o clima inviabilizou a sobrevivência da megafauna. As transformações operadas no meio ambiente alteraram, nos grupos pré-históricos, o seu modo de vida. Um conjunto de práticas e conhecimentos relativos aos hábitos cotidianos foram sendo processados e desenvolvidos lentamente. No holoceno a tecnologia deu um salto para a frente com a revolução na produção de alimentos, há aproximadamente cinco mil anos.

3.2.3 – Culturas do Holoceno (12000 AP)

CULTURAS DO HOLOCENO (12000 AP)

1. Pré-cerâmicas	2. Dos ceramistas
Entre 12.000 a 5.000 anos A.P.	Entre 5.000 anos A.P. ao presente

I. As culturas pré-cerâmicas

Temperaturas quentes com umidade localmente diversificadas. Vegetação em expansão.

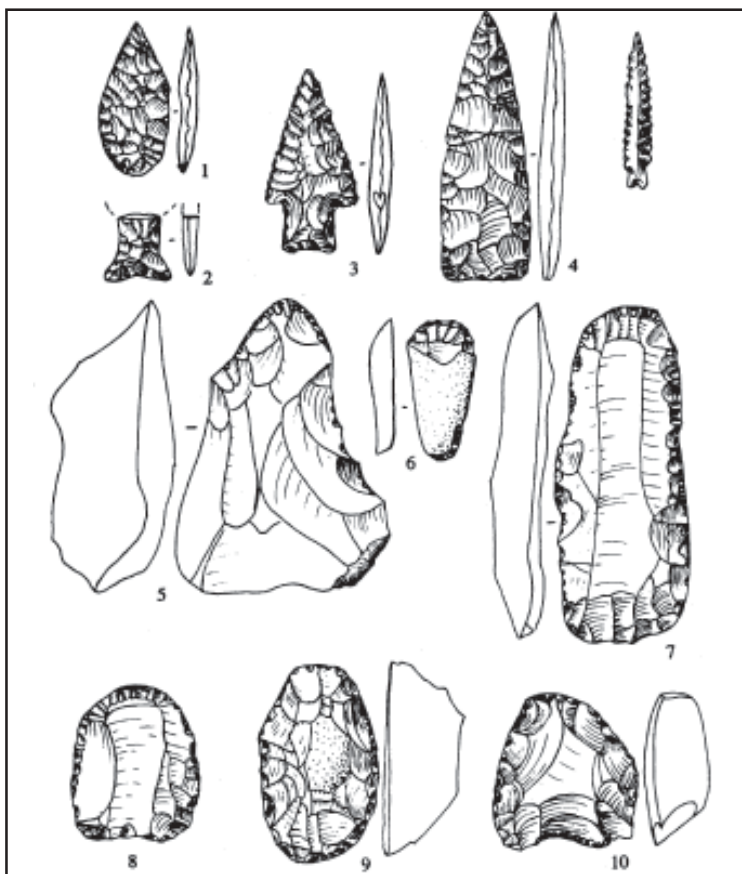
Na alimentação, os moluscos terrestres ocupam posição determinada, amplia-se a acesso a proteínas vegetais e caça mais reduzida.

As culturas estão sendo diversificadas, à proporção que os grupos de caçadores-coletores se adaptar aos recursos locais.

A pedra era predominantemente utilizada para fabricar artefatos que englobam ferramentas, armas e objetos de adorno. O uso das peças líticas caracteriza-se no período como múltiplo: cortar, raspar, furar, desbastar, moer, aplainar, serrar e até decorar. A matéria-prima predominante: o sílex, o quartzo e a calcedônia. Duas técnicas foram empregadas em função do uso e do avanço tecnológico: o lascamento e o polimento.

Em face da inexistência de artefatos cerâmicos, as culturas nessa fase são classificadas a partir da tipologia lítica. Duas tradições são consagradas notadamente: a UMBU, com datações obtidas no planalto meridional, e a HUMAITÁ, com datações próximas a seis mil anos, típica de áreas com altitude inferior a duzentos metros, ambas identificadas nos estados do sul do Brasil.

> "Duas tradições líticas gerais têm sido reconhecidas no sul do Brasil, uma com pontas de projétil líticas e outras onde estas estão ausentes. Esta última [é] designada tradição Humaitá (...) As pontas de projétil líticas são antigas na América do Sul e persistem no Sul do Brasil (...) na tradição Umbu (Meggers, Evans, 1977).

A tradição UMBU, composta a partir da presença de caçadores-coletores em área planaltina, ocupando regiões menos arborizadas e espalhando-se por vales posteriormente, caracteriza-se pelas pontas de projétil e lascas retocadas, confeccionadas do silex, calcedônia, quartzo e ágata. Nessa tradição há uma ausência de peças polidas e picoteadas. As comunidades da tradição UMBU sepultavam seus mortos sobre cinzas, mesmo ainda com a presença de brasas. Apenas colares de conchas foram resgatados do mobiliário funerário.

(1992)

Alguns objetos de ossos resgatados são os furadores retocados, anzóis curvos, adornos de dente de tubarão e agulhas.

Os registros rupestres em abrigos-sob-rochas da borda do planalto gaúcho são vinculados à tradição Umbu, apesar da inexistência de escavações contextualizadas e a presença, em alguns abrigos, de vestígios arqueológicos das tradições Humaitá, Taquara e Guarani.

A vinculação é proposta devido à presença de pontas de projétil praticamente em todos os contextos identificados (registros rupestres) e vinculação similar na Patagônia.

> "Com o aumento da umidade, a partir de 9000 anos A.P., temos o gradativo crescimento dos ambientes fechados. Isto parece que favoreceu o surgimento e a dispersão/ocupação desses ambientes, incluindo o planalto, de outro grupo coletor-caçador-pescador (invertemos os dois primeiros termos indicativos de modo de subsistência para distinguir este grupo, sem pontas-de-projétil líticas, do anterior, objeto de nosso estudo).
> Trata-se da tradição Humaitá. Na encosta do planalto, no Rio Grande do Sul, possuímos provas estratigráficas da ocupação da UMBU, seguida pela Humaitá. Com o surgimento da cerâmica e de alguns instrumentos polidos (lâminas de machado, mãos-de-pilão), a Humaitá evoluiu para a cultura de roças: é a tradição Taquara". (Ribeiro, 1990)

A tradição Humaitá resulta da presença de grupos pré-históricos que habitavam os barrancos e terraços dos rios. Os artefatos líticos produzidos eram peças mais pesadas como *chopper, chopping-tool e bifaces*, inexistindo as pontas de projétil. Ocupando áreas próximas aos rios, sua atividade econômica predominante era a coleta de vegetais e a pesca.

As culturas pré-cerâmicas do Norte e Nordeste e Brasil Central ainda são pouco conhecidas. Comenta-se a tradição Itaparica, caracterizada pelo predomínio dos raspadores e da técnica de retoque unifacial. Essa tradição foi estabelecida pelo arqueólogo Valentin Calderon.

> “Se tomarmos como ponto de partida os trabalhos já publicados sobre o material lítico dos últimos 10000 anos, certamente chegaremos a uma grande divisão em dois grupos: o das pontas de projétil e o dos raspadores. Este se estenderia por uma paisagem de cerradão e de caatinga fechada e, por perdurar por todo este espaço de tempo, teria se adaptado à caatinga aberta, à medida que o processo de desertificação foi se acelerando” (Rocha, 1990).

II. As culturas pré-cerâmicas do litoral: Os sambaquis

Em lagunas, baías, enseadas ou ao longo dos mangues há o registro de importantes sítios arqueológicos: os sambaquis. A palavra, de origem tupi, significa amontoado (IRI) de mariscos ou conchas (TAMPA). Compreendem, portanto, os acúmulos artificiais de conchas e moluscos (Ostra, Berbigão, Mexilhão).

Os grupos pré-históricos de coletores marinhos baseavam o seu sustento preferencialmente na coleta de moluscos, que eram abundantemente encontrados nas lagoas, mangues e baías do litoral do Brasil. Não se sabe se a coleta de moluscos seria uma atividade predominante e anual de moradores do litoral ou uma atividade estacional e complementar de populações transumantes entre o litoral e o interior.

As datações nos sambaquis brasileiros situam aquelas culturas entre oito e dois mil anos do presente.

Em forma de calotas, os sambaquis ou concheiros constituem morros artificiais entre dois e dez metros de altura, com trinta metros, em média, de comprimento e largura. A decapagem nos depósitos constata vestígios humanos: fogueiras, enterramentos, líticos, restos de alimentos e, em menor número, recipientes de barro não cozido.

"Local de acampamento temporário de comunidades caçadoras, pescadoras e coletoras, geralmente litorâneas, de forma e dimensão variável, contendo, de acordo com o grau de adaptação ou especialização, quantidades variáveis, e as mais numerosas evidências da atuação humana: artefatos de pedra, osso e concha, cerâmica, sepultamentos, resíduos de carvão, cinzas de fogueiras, matéria corante, entre outros" (Lina Kneip, 1977)

Os maiores sambaquis brasileiros já identificados situam-se no Estado de Santa Catarina (Laguna, Garuva e São Francisco do Sul), onde chegam a atingir trinta metros de altura por centenas de comprimento.

Os sambaquis não são apenas amontoados de moluscos mas devem ser entendidos como restos de acampamentos, reunindo, além dos resíduos alimentares, vestígios de habitações e sepulturas.

Edificados à beira d'água, os acampamentos possibilitavam aos grupos coletores recursos abundantes, diversificados e renováveis.

Escavações arqueológicas nos sambaquis constataram, junto aos alimentos, vestígios outros da coleta e da caça, tais como conchas, ossos, dentes, chifres, etc.

Seus sepultamentos são primários, em posição fletida. Há fogueiras ligadas ao ritual de enterramento. Os líticos resgatados são mais polidos e picoteados que apenas lascados. São batedores, bigornas, machados, pesos para redes e zoólitos.

A partir da variabilidade dos rituais funerários na sociedade sambaquieira (Gaspar, 2000), autores levantam a hipótese de desigualdade social. No entanto, não há evidencias que indiquem uma chefia institucionalizada.

Esculturas (zoólitos) em pedra e osso indicam habilidade artesanal em suas confecções mas, pelo volume obtido (5 mil anos da cultura) não caracterizaria uma atividade destacada. Madu Gaspar sugere que “a existência de uma sistema de regras rígido para a sua confecção indica a presença de algum tipo de organização supra-comunal que permeava as relações sociais (...). Ficou para trás a figura desenhada nos primórdios da arqueologia brasileira que representava os sambaquieiros como bandos simples de coletores na constante busca de moluscos, tentando escapar da fome e da má nutrição”.

A matéria-prima mais presente: o granito, gnaisse e diabásio. Inúmeros os objetos de ossos, conchas e chifres como perfuradores, raspadores e adornos.

Alguns sambaquis fluviais em terraços, nas encostas dos morros, já foram identificados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No litoral do Nordeste, o arqueólogo Valentin Calderón (UFBA) escavou o sambaqui da Pedra Oca, no recôncavo baiano. Identificou a cultura como Periperi. Já no Maranhão, a equipe do Museu Goeldi registrou sambaquis próximos a São Luís. No Rio Grande do Norte foram identificados assentamentos pré-históricos em dunas, ao longo da costa.

No Rio Grande do Sul há os CERRITOS, montículos artificiais nos banhados que circundam em alguns desses sítios, propondo duas tradições para os mesmos: a ITAIPÚ, mais antiga, pré-cerâmica, e a VIEIRA, recente, já de ceramistas.

III. Os sambaquis em Sergipe

Em dissertação de mestrado, Suely Amâncio (2001) após estudos da evolução geológico-geomórfologia holocênica da zona costeira do Estado de Sergipe, concluiu que as modificações ocorridas em decorrência das variações do nível do mar, não proporcionaram a formação de grandes áreas lagunares que dessem suporte à ocupação por grupos de caçadores-coletores (PCC). As áreas que se formaram durante a transgressão holocênica estão relacionadas às desembocaduras dos rios São Francisco, Japaratuba, Sergipe, Vaza-Barris e Piauí/Real. Os estuários formados segundo a pesquisadora, não foram favoráveis à ocupação por grupos PCC, "devido provavelmente ao fato das paredes dos vales serem muito íngremes e a extensão das planícieis costeiras de maré quando o nível do mar estava mais elevado que o atual, ter sido muito reduzida ou praticamente inexistente". Conclui o trabalho pela não identificação de sítios arqueológicos do tipo

sambaquis, no litoral sergipano. Portanto, a ausência de tais sítios é, provavelmente, conseqüência de uma fisiografia inadequada na zona costeira durante a última transgressão.

IV. As Culturas dos Ceramistas (A partir dos 5000 anos)

A partir do holoceno, há uma destacada ampliação no número de sítios arqueológicos brasileiros. Em todas as regiões e praticamente em todos os estados, começam a ser resgatados os vestígios da pré-história brasileira mais recente. Com isso, a difusão da agricultura terá papel destacado no crescimento vegetativo dos grupos. A arqueologia brasileira já tipificou inúmeras culturas, tais como:

a) Culturas Meridionais: tradições Taquara e Itararé. Os grupos pré-históricos procuraram o planalto meridional, distantes dos rios mais importantes, provavelmente fugindo do avanço Tupi-guarani, os hábeis canoeiros.

A cerâmica passa a ser o vestígio mais presente nos sítios arqueológicos. A Itararé, pouco decorada, baixa cocção, paredes finas e base convexa. Seu antiplástico, areia e quartzo. A Taquara, com uma pasta mais fina e homogênea. A decoração chega a 50% dos fragmentos encontrados.

> "Esta cerâmica caracteriza-se pelo pequeno porte de suas vasilhas onde a abertura da boca, nas formas mais verticais (potes), mantém-se estreita. Mesmo nas peças mais horizontais (tigelas), tal abertura tem pouco diâmetro. (...) Pode-se dizer que a cerâmica itararé é uma cerâmica tipicamente utilitária, sendo possível visualizar-se na parte externa das bases sinais de fuligem que atestam seu uso

direto ao fogo para cozinhar alimentos. No interior das vasilhas é comum encontrar-se crostas mais ou menos compactas de restos de alimentos." (Sérgio, 1990)

Nos líticos, projetam-se os polidos como machados de mão e pilão. Nas lascas, as facas e pontas de flecha, além de *chopper e chopping-tool*. Raríssima a presença de ossos e conchas trabalhados.

Datações comprovam a presença Itararé até o século XVIII.

b) A Cultura do Brasil Central e Nordeste: tradições Una e Aratu. As culturas ceramistas da tradição UNA situaram-se nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas e Goiás.

As datações dividem a tradição em uma fase mais antiga, próxima a quatro mil anos do presente, e em uma mais recente, a menos de dois mil anos.

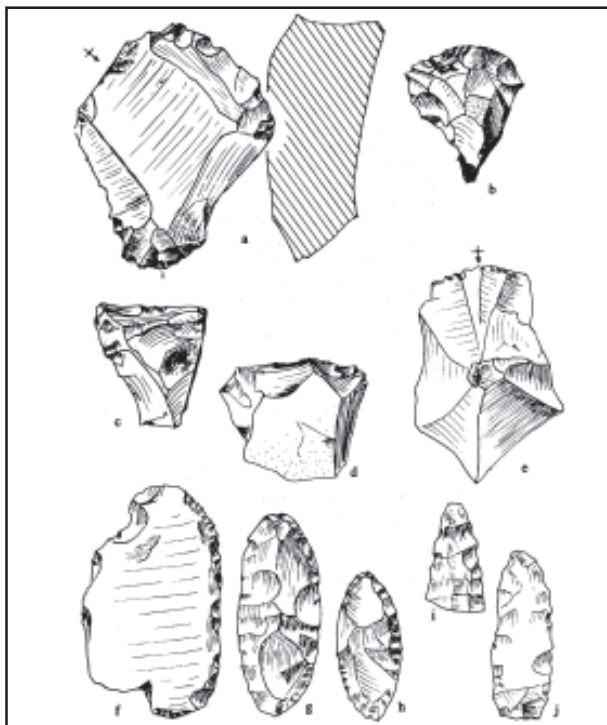
A UNA mais antiga é caracterizada, na cerâmica, pelo uso de antiplástico vegetal, ausência de decoração, recipientes pequenos (20 centímetros de diâmetro na boca), formas globulares e cônicas. A pasta é compacta e a cocção excelente.

Nos líticos, pouco material polido, lascas de sílex e quartzo.

A UNA mais recente é caracterizada por uma cerâmica negra, vasilhames pequenos, globulares e piriformes. Como antiplástico, a própria argila em cacos moídos. Aumenta o número de artefatos líticos polidos.

A tradição ARATU ocupa um vasto território: de São Paulo a Mato Grosso e Goiás e do litoral da Bahia ao Rio Grande do Norte. Como essa tradição será detalhada na análise da pré-história sergipana, apresentamos a seguir um resumo de suas características:

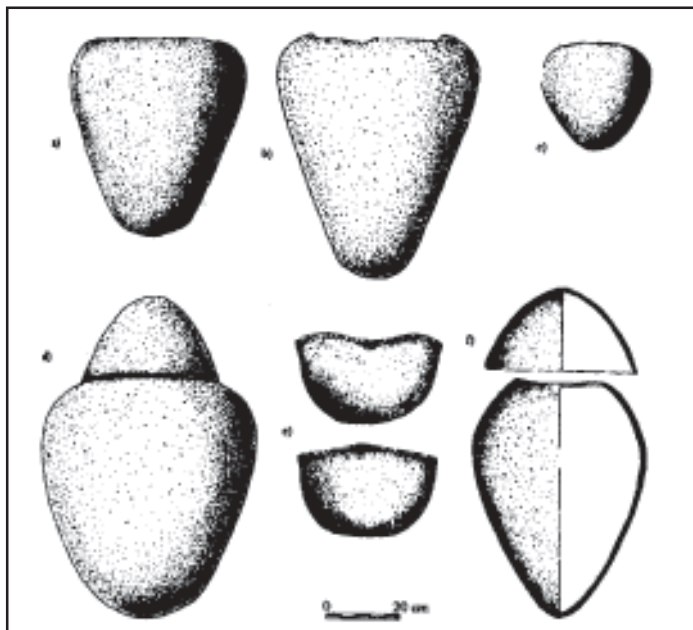
Os sítios mostram que todas as habitações eram a céu aberto e não ocupavam grutas. Eram comunidades de expressivas densidades, em áreas de 200x100 metros. As cabanas formavam alinhamentos ou círculo ao redor de uma praça central.

(,).
) , , . ( ) .)
, . (. .) / : . / : .

> “ Ao redor ou enterradas nos solos das habitações, há numerosas urnas funerárias dispostas em grupos de duas ou mais; no sítio epônimo Aratu, cinqüenta e quatro delas foram escavadas. A espessura do sedimento fértil e o número de sepultamentos apontam uma grande estabilidade das aldeias, no mínimo de vários anos, o que corresponde bem às informções etnográficas sobre as populações indígenas não pressionadas pelos europeus, mas contraria todas as idéias tradicionais sobre os primitivos agricultores tropicais”.
> - André Prous (1992)

As urnas funerárias, piriformes, ao redor ou no fundo das habitações, caracterizam, predominantemente, os enterramentos secundários. O mobiliário dos enterramentos era constituído de machados polidos pequenos (10 cm) e rodelas de fusos e de cerâmica.

A cerâmica é lisa, sem decorações, com tempero de areia e grafita. Os recipientes são globulares e as bases cônicas, predominantes. Cachimbos tubulares são também encontrados.

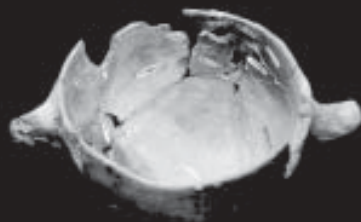
O material lítico polido apresenta inúmeros artefatos como machados, quebra-cocos, batedores, bigornas. Nas lascas, destacam-se os raspadores.

As ocupações eram feitas em regiões colinares, perto de riachos.

: , , , ,);
, (. , 1969, 1971)
: , (1997))

“ Antes da chegada dos europeus, os povoadores “índios” aprenderam a viver em todos os ambientes deste hemisfério. Esse processo se prolongou por milhares de anos. Em alguns lugares, como no Peru e no México, criaram-se nações que assombraram os invasores espanhóis pela eficiência de sua organização estatal, a magnificência de suas cidades e a opulência de seus governantes. Em outros locais, como o Brasil e a América do Norte oriental, pequenos grupos de famílias extensas, providos de escassos bens materiais mas de um vasto domínio do seu meio ambiente, salvaram os colonizadores europeus da morte por inanição ou exposição ao frio. Grande parte desse saber se perdeu com a extinção dos aborígenes. Uma fração dele, porém, pode ser recuperada pelos arqueólogos.”
- Betty J. Meggers (1985)

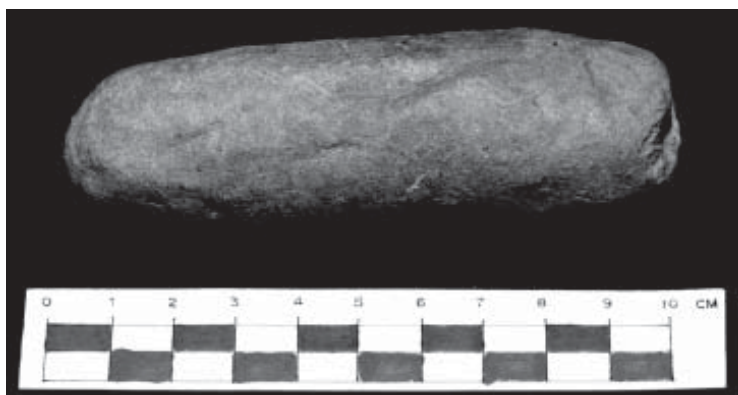
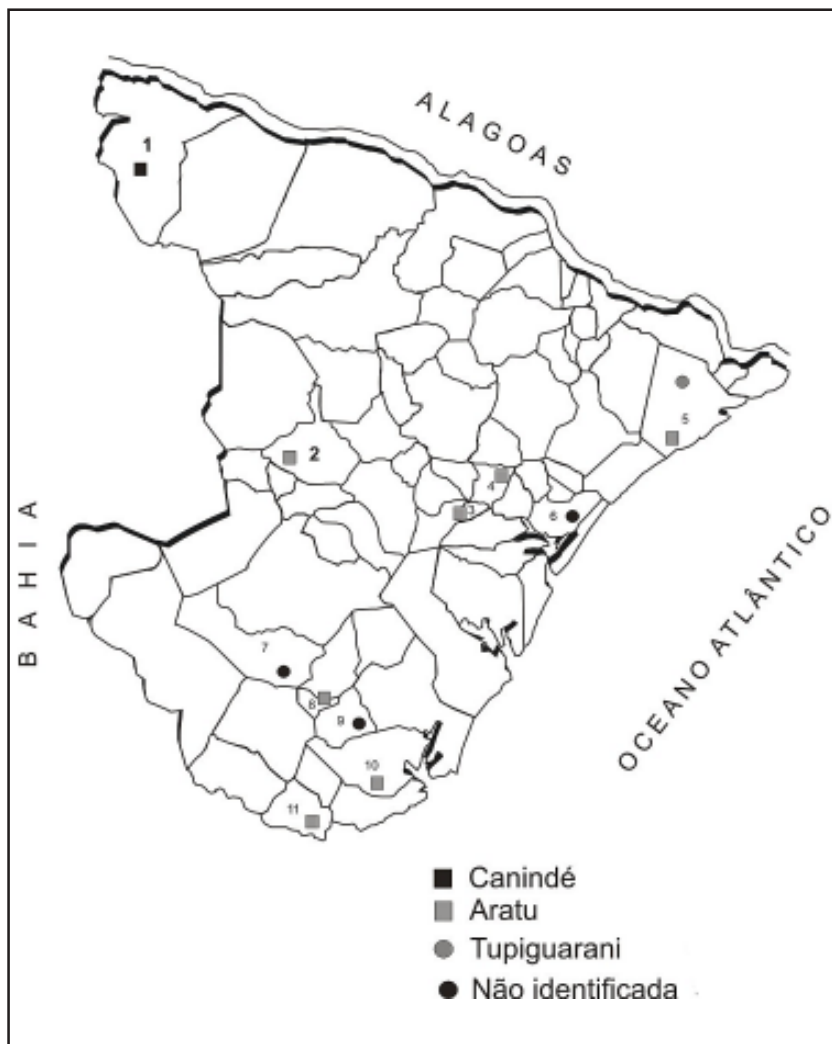
CAPÍTULO 2

A Pré-história Sergipana (I)

1. A CULTURA CANINDÉ

A PRÉ-HISTÓRIA SERGIPANA

Dentre os agrupamentos pré-históricos sergipanos, as sondagens, escavações e raras citações bibliográficas permitem, como hipótese preliminar, a identificação de três culturas,

Uma primeira cultura, anterior à fixação da tradição Aratu, a que denominaremos, para distingui-la, como Canindé, com datações obtidas em carbono quatorze (C – 14) e escavações em níveis mais antigos, permitindo-nos situá-la a partir de nove mil anos do presente; a Tradição Aratu, com maior volume de estudos arqueológicos na região, presente na grande maioria dos sítios arqueológicos sergipanos entre os séculos VIII ao XVII, e a Tradição Tupi-guarani, a mais recente, a partir do século IX.

CULTURA CANINDÉ	9.000 AP – 1.280AP
CULTURA ARATU	800 a 1700
CULTURA TUPI-GUARANI	900 a 1900

MUNICÍPIOS

1. Canindé de São Francisco
2. Frei Paulo
3. Riachuelo
4. Divina Pastora
5. Pacatuba
6. Santo Amaro das Brotas
7. Riachão do Dantas
8. Pedrinhas
9. Arauá
10. Santa Luzia do Itanhi
11. Cristinápolis

A CULTURA CANINDÉ

A área pesquisada compreende sondagens e escavações em sítios arqueológicos sediados em terraços e afluentes do rio São Francisco, em canyon inundado com o represamento das águas do rio, em Xingó, Canindé. A história do homem na região nordestina teria começado há aproximadamente onze mil anos atrás (Martin, 1997). Sucessivas ocupações humanas deixaram seus vestígios em camadas superpostas de sedimentos, desde o inicio do holoceno.

O clima da região é do tipo mediterrâneo, com sete a oito meses secos, de agosto a março. A precipitação total é inferior a 500mm anuais. Desenvolveu-se uma vegetação de caatinga hiperxerófica arbustivo-arbórea, sobre solos arenosos e rasos, nas proximidades da calha do rio.

Os grupos de pescadores-caçadores-coletores (PCC) estão registrados em inúmeras fogueiras para assar os animais que capturavam para sua alimentação, em necrópoles e expressiva quantidade de artefatos líticos resgatados. Os registros rupestres, como linguagem preservada, testemunham a presença dos grupos humanos no nordeste brasileiro.

A caça disponível é caracterizada por espécies de animais de médio e pequeno porte que vivem dispersas na caatinga e requerem muito tempo para serem apanhadas. A maior parte vive em nichos específicos e aparece mais abundantemente em certas estações do ano. Os animais caçados pelos bandos xingoanos e que compunham a sua dieta alimentar são conhecidos pelos resíduos deixados em restos de banquetes ou, raramente, em pinturas nas paredes das rochas. São veados, capivaras, macacos, tatus, lagartos, tamanduás, tartarugas, peixes e um grande numero de aves.

Na região não havia (pelo que até então as pesquisas apontam) grandes animais gregários, sobre os quais se poderia criar uma economia de caça especializada e coleta generalizada, que parece constituir a sua identidade. Ela o distingue dos caçadores especializados das grandes planícies americanas, empenhados na caça de poucas espécies animais.

Os PCC em região árida, inóspita para grandes rebanhos, caracterizam-se pelo aproveitamento de proteínas generalizadas e dispersas. Com a impossibilidade de trazer a si os recursos por falta de tecnologia e de interferir na sua reprodução, desenvolvimento e localização, obriga-se o homem a buscá-lo através de estratégias mais criativas e sofisticadas.

Os recursos necessários são alimentos, combustíveis, matérias-primas para a produção de utensílios, instrumentos e armas. Uma parte das matérias-primas decorre da própria alimentação, como peles, ossos, chifres, dentes ou carapaças. Para

a fabricação de instrumentos de uso cotidiano e armas, os minerais necessários estavam fartamente presentes na região de Xingó. Madeira e água, também abundantes.

Como os recursos, em parte, estão dispersos e a disponibilidade média é baixa, a sociedade da cultura Canindé precisava manter-se pequena e delimitar um território para provimento dos recursos. A delimitação do território implica em locais preferências de coleta, caça, abastecimento material e abrigo.

Os sítios ocupam os topos ou flancos dos terraços e alguns abrigos em riachos afluentes, onde foram localizados, em sua maioria, os sítios de registro rupestre.

A partir de estudos sedimentológicos realizados por Landim e Brichta (UFBa – 1995) pode-se deduzir que havia embriões dos terraços na condição de praias de estiagem quando as primeiras vagas de paleo-índio chegavam a Xingó. Os terraços remontariam, portanto, ao final do pleistoceno e os baixos teriam sido formados já no holoceno.

A ausência de outros projetos arqueológicos na região (Sergipe e Alagoas) não nos permite, ainda, uma correlação com outras culturas pré-históricas. Torna-se imprescindível uma pesquisa sistemática em área mais extensa do rio São Francisco para que se obtenha uma seqüência local holocênica. Provavelmente os contingentes populacionais da cultura Canindé chegaram à região vindos do planalto goiano ou do médio São Francisco, à procura de condições mais favoráveis à ocupação humana. No início do quaternário já não havia mata fechada na bacia do grande rio.

Os grupos de caçadores-coletores que se instalaram no baixo São Francisco, no pleistoceno, exploraram as potencialidades do ecossistema da região. A proximidade da água, com a presença da piracema nas corredeiras, com a fácil proteína animal obtida do peixe, a fauna disponível e constatada a partir de

vestígios arqueológicos em fogueiras, a possibilidade de contatos interétnicos pelo rio tornaria os terraços do São Francisco, aparentemente, local ideal para a instalação de grupos de tecnologia simples e economia extrativista.

No entanto, as constantes cheias do rio, atingindo até 25 metros acima do nível normal, tornavam-se fatais à manutenção de grupos humanos na maioria dos terraços. O fenômeno das cheias, por sua rapidez e capacidade destruidora promovia, no mínimo, o abandono temporário das ocupações. Calderón (1967) cita que, ao longo do São Francisco, embora a presença de sítios cemitérios seja constatada com certa regularidade, são poucos os sítios de habitação. Provavelmente a ocupação tenha ocorrido no platô, com descidas para os terraços como espaços de abastecimento sazonal e área reservada para os enterramentos.

> Os migrantes que chegaram ao rio eram caçadores e coletores de proteínas vegetais como sementes, raízes e frutos silvestres. Provavelmente deslocavam-se em pequenos grupos à procura de caça fácil e local aprazível para viver.

Os bando eram constituídos de menos de uma centena de pessoas, em território comum.

> “Os bandos são as sociedades mais simples que se conhecem, frouxamente integrados por limitadas concepções de parentesco, ampliado por alianças matrimoniais. Service formula a hipótese de que, antes do contato com a civilização ocidental, todos os bandos eram virilocais e a tendência de cada bando era para se consistir de homens aparentados, suas mulheres estrangeiras (isto é, proveni-

> entes de outros bandos) e seus filhos solteiros. Caracteristicamente, os bandos são caçadores e coletores, mudando periodicamente de residência, à medida que os recursos de alimentos vegetais são exauridos ou em relação às mudanças sazonais na localização da caça. Os bandos não têm líderes formais e as diferenças de posição econômica ou política entre os indivíduos são quase inexistentes. Portanto, os bandos são primordialmente integrados por obrigações e vínculos de parentesco. Os recursos de subsistência são, normalmente, propriedade comum e quase não existe especialização ocupacional e comunitária, embora esteja usualmente presente algum comércio entre os bandos, como resultado da distribuição desigual de recursos. (...) A única diferenciação social, dentro do bando, é a determinação pela idade e pelo sexo". (Sanders, 1971)

Os coletores de alimentos, ou seja, caçadores, pescadores e recoletores de tubérculos e frutos silvestres, tinham de viver em pequenos grupos ou bandos, pois precisavam estar prontos para deslocar-se quando e para onde se deslocasse o suprimento de comida. A zona ocupada por um correspondia, geralmente, a uma área circular cujo raio compreende a distância que uma pessoa pode percorrer durante o dia e retornar ao acampamento à noite. Inexistia aldeia permanente e, durante alguns milênios, nenhum utensílio de cerâmica. Estudos da Antropologia e Etnohistória caracterizam os bandos como pequenas sociedades, geralmente constituídas por uma população inferior a cem pessoas, possuindo um território comum que se caracteriza pela exogamia local. Esses bandos constituem a sociedade mais simples que se conhece, integrada por uma ancestralidade comum e ampliada com alianças matrimoniais, pela troca de mulheres com outros bandos. Socialmente os bandos se

estruturam em famílias nucleares extensas, tendo como decorrência a atividade coletora. Mudam periodicamente de residência, à medida que os recursos de alimentação vegetal são exauridos ou mudanças sazonais da caça forcem o deslocamento do grupo. A presença do rio São Francisco, com alimentação perene, talvez tenha ampliado o tempo de fixação dos bandos no platô ou terraços do rio. Reforça-se a tese da importância do platô para a ocupação dos bandos e dos terraços sendo utilizados como acampamentos sazonais. O aparecimento da cerâmica, pela fragilidade das peças ao serem transportadas, constitui-se um indicador da vida sedentária, correlação cultural de mudanças na complexidade social dos grupos pré-históricos.

Os bandos estão intimamente associados com a caça e a coleta (PCC), as tribos com a agricultura. Utilizando-se da teoria da terra inclemente (Sanders, 1971), os grupos de caçadores e coletores que residiam na região de Xingó, num meio ambiente relativamente pobre (árido), foram impelidos, primeiro, a contar substancialmente com as plantas selvagens como alimento; finalmente, a experimentar métodos para incrementarem artificialmente a produção.

No passo seguinte, no sentido de uma economia plenamente agrícola, envolviam primordialmente um processo botânico, isto é, seleção de sementes para obter plantas mais produtivas.

Os terraços aluviais da região de Xingó são predominantemente arenosos, com intercalações de camadas compactadas de lamas. Situam-se de 12 a 15 metros do nível médio do rio. Caracterizam-se como "pé de serra", na barra de um afluente com a margem do São Francisco, ou em alinhamento ao longo do sopé dos paredões rochosos do rio.

Além dos aldeamentos, há os acampamentos sazonais, notadamente para a caça e pesca.

O MATERIAL CERÂMICO NA CULTURA CANINDÉ

Meggers (1979) enfatiza que a difusão da cerâmica só ocorreu quando a domesticação de plantas progrediu suficientemente para permitir um modo de vida sedentário. Pouco adequada a um modo de vida nômade, a manufatura da cerâmica é associada à subsistência agrícola. Esta hipótese, a partir da evidência de artefatos cerâmicos em PCC tem sido questionada.

Fragmentos (cacos) de peças de cerâmica, quando sistematizados, permitem classificações tipológicas, contribuindo para a caracterização das culturas pré-históricas.

A coleta superficial em cortes estratigráficos, efetuada em sítios lito-cerâmicos localizados em terraços do rio São Francisco, nos municípios de Canindé (SE), Piranhas e Olho D'Água do Casado (AL), a escavação sistemática de alguns sítios e os artefatos e cacos associados a ritos funerários permitem uma classificação preliminar do material cerâmico coletado.

> As coleções cerâmicas dos sítios evidenciam artefatos resultantes de uma técnica não relacionada com outras já estudadas na região. As cronologias obtidas nos remetem a ocupações entre 4.340 a 1280 ± 45 anos A. P.

Estudos já efetuados a partir de fragmentos e artefatos de cerâmica em Xingó evidenciam não só características técnicas e morfológicas distintas, bem como, em se considerando a cronologia a partir de datações efetuadas, que se trata de uma produção fora da influência da tecnologia cerâmica das tradições Aratu ou Tupi-guarani.

Grupos humanos instalados na região a partir do quinto milênio A.C. apresentam, a partir dos vestígios lito-cerâmicos, uma continuidade técnica no fabrico de seus artefatos.

No tocante à cerâmica, impressiona o desenvolvimento já atingido na confecção de peças datadas do segundo milênio A.C. Não há registros de estágios cerâmicos menos desenvolvidos. Deduz-se até que escavações possam nos conduzir a outra conclusão, pela introdução da cerâmica por processos de contato e difusão.

Os vestígios cerâmicos analisados até o momento, em sua maioria fragmentos, apresentam-se com o tratamento de superfície alisada e, à medida que nos aproximamos dos níveis mais baixos de escavação, especialmente no Sítio do Justino, a cerâmica apresenta-se bem mais elaborada com relação à decoração plástica, predominando a roletada, incisa. Aparece também a escovada, excisa, ponteada e corrugada. A decoração pintada ocorre em pouquíssimos fragmentos e, quando aparece, evidencia pintura nas cores vermelha e branca.

O fabrico paralelo de artefatos líticos e cerâmicos foi mantido na região da cultura Canindé por pelo menos de 2 a 3 mil anos.

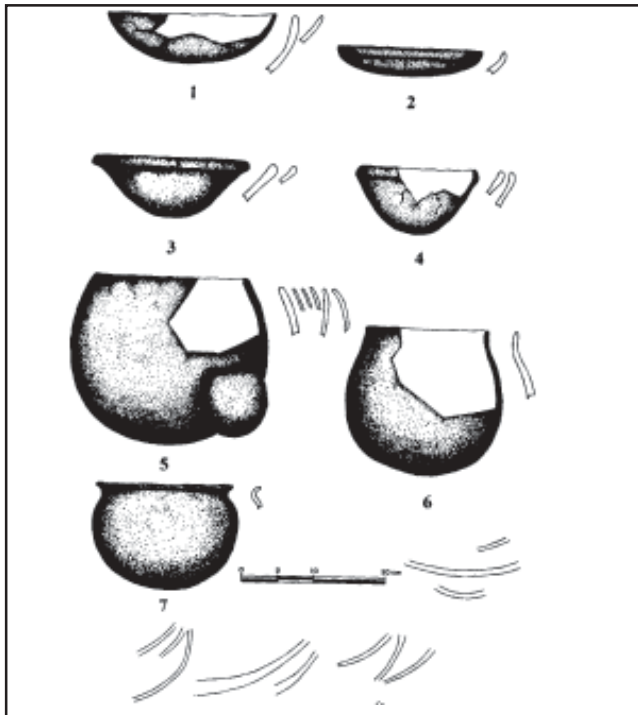
O aditivo encontrado nessas cerâmicas compõe-se de areia, areia e mica, além de pequena quantidade de fragmentos com cacos de cerâmica triturados, bolos de argila e fragmentos sem aditivo. A cerâmica com antiplástico de cacos triturados e bolos de argila parece estar relacionada com a tradição Tupi-guarani. Vale ressaltar que sua presença se dá apenas no Sítio Justino, e nos níveis 1, 3 e 5, ou seja, nos últimos períodos de ocupação do Sítio, parecendo ser intrusiva. Evidencia-se, provavelmente, o contato interétnico entre as culturas Canindé e Tupi-guarani.

O método de manufatura, em sua maior parte, é o acordelado. A cerâmica apresenta, de modo geral, boa queima, ocorrendo, no entanto, exemplares de fragmentos bastante friáveis. A hipótese mais plausível para tais fragmentos friáveis é a de que, naqueles sítios situados às margens do rio São Francisco e sujeitos a inundações periódicas, ocorreu o processo de degradação da cerâmica.

Destaca-se, também, que as características técnicas e morfológicas, em extratos distintos, apresentam uma expressiva homogeneidade caracterizadora de uma cultura que ali permaneceu por alguns milênios.

AS FORMAS BÁSICAS DOS RECIPIENTES

1. Em forma de meia-esfera, com base convexa, borda direta, espessura de parede regular, lábios arredondados.
2. Com bojo formando carena, com base convexa, borda cambada, meio inclinada para fora com parede regular e lábio arredondado.

3. Com bojo e base levemente cônicos, borda expandida com espessura de parede aumentada gradativamente, em direção ao lábio, tendo a mesma forma arredondada.
4. Com bojo e base levemente cônicos, borda expandida, com aumento gradativo de espessura da parede no lábio apontado e arredondado.
5. Em forma hemisférica, com base convexa, borda direita inclinada para dentro, parede regular, lábios planos e apontados.
6. Em forma, hemisférica com base convexa, borda extrovertida, curta e lábio arredondado.
7. Em forma globular, com base convexa, borda extrovertida e lábio arredondado.

As bases dos vasilhames são predominantemente convexas, com parede regular. Alguns recipientes, em menor número, apresentam uma base cônica, com parede regular.

Geralmente as panelas de cozinha são de forma globular, fundo convexo, ligeiramente achatado, com bojos variando nas formas. São usadas para o preparo de carnes, aves, mingaus, pirões, etc. As tigelas são utilizadas para servir os alimentos e também para torrar a farinha e confeccionar os beijus.

Jarros ou panelas maiores (potes) eram utilizados provavelmente para o armazenamento de água ou aguardente, como o de milho.

Os vasos utilizados em ritos como o enterramento, compondo o mobiliário funerário ou outros cerimoniais, apresentam, geralmente, menor espessura e dimensão.

Alguns sítios arqueológicos apresentam fragmentos de cerâmica associados a artefatos neobrasileiros, como louça, metal e vidro. Em um deles (Riacho Seco), o local dos vestígios era circundado por pedras alinhadas formando um muro, talvez uma proteção contra possíveis enxurradas ou enchentes, face as características topográficas do terreno.

O estudo dos fragmentos cerâmicos associados ao neo-brasileiro evidenciou uma pluralidade de decorações plásticas (escovado, entalhado, penteado, corrugado, digitado, inciso e outros).

Tratando-se de fragmentos obtidos em superfície ou níveis recentes, em datação relativa, deduz-se que tais fragmentos resultam da constante migração de grupos étnicos distintos pelo rio São Francisco e que ocuparam, ocasionalmente, os terraços.

Dentre os fragmentos, embora em menor número, evidenciam-se alguns pintados em engobo branco, utilizando-se a cor vermelha em traços lineares. A cerâmica pintada registra, provavelmente, a presença Tupi-guarani. Pela incidência, possíveis deslocamentos migratórios vindos do litoral, onde já foi detectado um Sítio tupi-guarani (Machado, em Pacatuba).

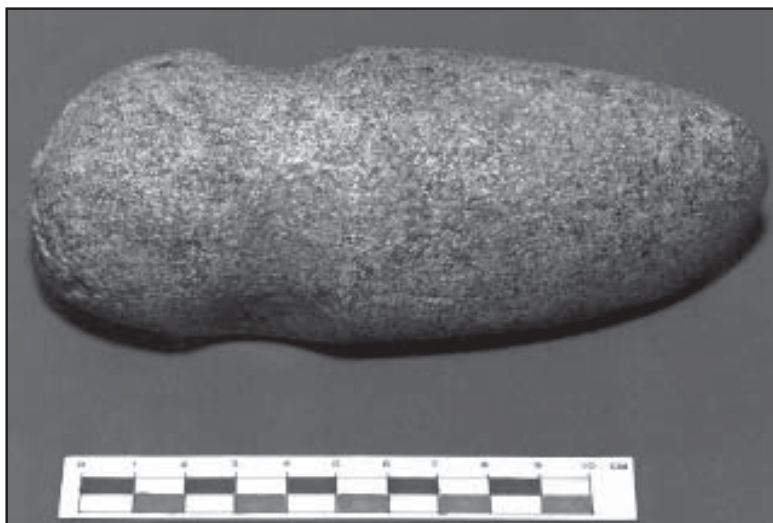
Freqüente em quase todas as coleções, a presença de fragmentos de louça, possuindo algumas marcas de fabricação inglesa. E em menor quantidade aparecem vidros e telhas decorrentes da presença de ocupações pós-cabralinas que passaram a ocupar a região a partir do século XVII.

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases, foram reconstituídas treze formas de vasilhames: em meia esfera, hemisféricos, meia calota, globular e cônica.

Nas coleções de fragmentos cerâmicos já foram evidenciados alguns tipos de bases, predominando a base convexa com parede regular ou com espaçamento gradativo da parede das bases em relação ao corpo, bem como bases planas com paredes regulares e afinamento gradativo da parede da base.

1.2 ARTEFATOS LÍTICOS DA CULTURA CANINDÉ

Os artefatos de pedra, pela sua durabilidade, constituem a maior incidência de registro sobre a pré-história humana, recuando sua presença a centenas de milhares de anos. Para a confecção de seus instrumentos, o homem usa os seguintes processos: lascamento, picoteamento, polimento e técnicas derivadas. A matéria-prima, técnicas de preparo, acabamento e tipos de artefatos são indicadores de específico modo de vida que transcorreu em um determinado ambiente. O desenvolvimento de tecnologias para o processamento da pedra na confecção dos utensílios tem sido utilizado para caracterizar eras na seqüência evolutiva da humanidade.

A partir de estudos efetuados pelo arqueólogo espanhol Valentin Calderón (UFBa), ao final dos anos sessenta, foi sistematizada uma tradição lítica no rio São Francisco: a Itaparica, a

partir de escavações em áreas ocupadas por caçadores-coletores (abrigos e grutas). A mais antiga das fases (Paranaíba), entre 11 a 7 mil anos AP, apresenta um material lítico mais reduzido e técnica de retoque mais cuidada. A segunda fase (Serranópoles), é posterior a 7 mil anos AP.

Os artefatos líticos da tradição Itaparica são raspadores unifaciais plano-convexos (lesmas), de sílex, calcedônia e arenitos silicificados. Em menor incidência, raspadores circulares, semi-circulares, em forma de leque e furadores. Na fase mais recente há tentativas de elaboração de pontas com pedúnculo, unifaciais.

A cultura Canindé, a partir de estudos em alguns sítios arqueológicos em Xingó, notadamente o Justino , apresenta o uso das técnicas do lascamento e polimento de artefatos líticos que coexistiram em alguns extratos de ocupação, como prova de que técnicas antigas não são abandonadas com o surgimento da tecnologia do polimento, como em geral se supõe.

O homem pré-histórico da cultura Canindé, pelos vestígios líticos resgatados, não pode ser caracterizado como produtor hábil de objetos de pedra. Ressalte-se que a inteligência inventiva da técnica pré-histórica considerará, expressivamente, a bagagem material que tem à sua disposição, atingindo níveis que não correspondem a etapas culturais já alcançadas pelo restante do contexto social.

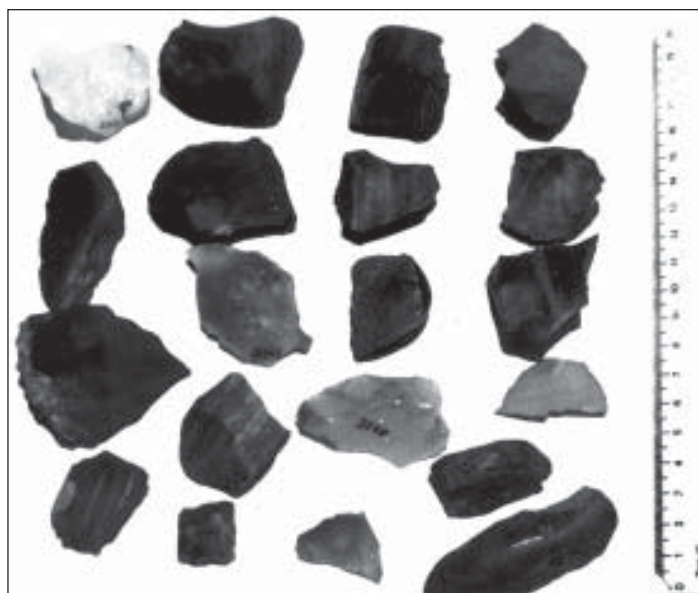
Portanto, em uma mesma sociedade podemos encontrar, simultaneamente, domínios plenos de expressões junto com outros menos evoluídos.

A presença abundante de jazidas minerais talvez explique o pouco desenvolvimento tecnológico na confecção de artefatos "...em face da prolongada semi-aridez que atravessou o pleistoceno e chegou ao holoceno, pode-se entender porque grupos pré-históricos, habitantes de terraços, tinham à sua dispo-

sição fragmentos de rochas, de todos os tipos, tamanho e resistência. Fragmentos de paredes rochosas, seixos angulosos trabalhados pelo rio, desde Paulo Afonso até muito além de Xingó, rio abaixo" (Ab'Saber, 1997). Primeiramente selecionava a pedra a ser trabalhada. O quartzo, abundante, foi utilizado para os lascamentos e retoques. Já as lâminas de machado polidas eram confeccionadas do basalto ou granito. Nota-se uma predominância de fragmentos, em qualquer que seja a matéria-prima. As matérias-primas mais utilizadas para a produção dos artefatos são o quartzo, o quartzito e o sílex. Sob o aspecto tipológico predominam os fragmentos (48%), lascas (35,4%) e núcleos (15,8%). Deve-se acrescentar que a maioria dos fragmentos apresenta gumes perfeitamente aptos ao corte, o que indica que a falta de regularidade morfológica e tecnológica desse tipo não significa que ele não pudesse ter sido obtido voluntariamente, ainda que o artesão não dispusesse de tecnologia para controlar sua forma. Ainda presentemente, pescadores da região utilizam lascas de quartzo e outras matérias-primas para cortar e descamar os peixes. As lascas foram obtidas, predominantemente, por percussão sobre bigorna. Usando um seixo, denominado percutor, o bloco inicial era preparado (núcleo); os fragmentos liberados do núcleo, as lascas. Alguns líticos foram encontrados próximos às datações entre 8.950 e 5.570 AP, no Sítio Justino. Após esse período os artefatos tornam-se mais raros, voltando a crescer quantitativamente em níveis estratigráficos mais recentes.

Com relação a outras indústrias líticas da região Nordeste, constata-se a singularidade da cultura Canindé, não guardando qualquer semelhança com a tradição Itaparica (Martin, 1997: Hurt, 1988) nem tampouco com as indústrias holocênicas do sudeste do Piauí. A tradição Itaparica, a partir de escavações na gruta do padre, em Pernambuco, foi proposta pelo arqueólogo Valentin Calderón.

Como hipótese, teriam sido os caçadores-coletores da tradição Itaparica os formadores do grupo lingüístico Jê.

Estudos mais recentes (Jacionira, 1999) revelam a presença de artefatos e técnicas da tradição Itaparica, em Xingó: pré-formas de lesmas, raspadores carenados, raspadores em ferradura e raspadores circulares. Entalhes obtidos com retoques foram identificados em alguns artefatos líticos, como exemplo do domínio da técnica de lascamento, e a tentativa de fazer ponta com aletas e pêndunculos em sílex de má qualidade, o que naturalmente não possibilitou um bom acabamento à peça. Raspadores semicirculares em seixos esmagados, típicos de Itaparica, são encontrados desde os níveis e ocupações mais antigos. Como se observa na tradição Itaparica, em Xingó as pontas de projéteis são muito raras.

OS ARTEFATOS

01. Fragmentos. Independentemente da matéria-prima, compreende a maior incidência entre os vestígios. A incidência dos fragmentos talvez compreenda o resultado da falta de controle do artesão sobre a atividade do lascamento. Jacionira Coelho Silva, estudando parte de artefatos líticos da cultura Canindé, registra, ao contrário, peças com fino retoque em quartzo e outras matérias-primas.

A maioria dos fragmentos apresenta gumes aptos ao corte. Portanto, a falta de regularidade morfológica e tecnológica não significa que os fragmentos não pudessem ter sido obtidos voluntariamente.

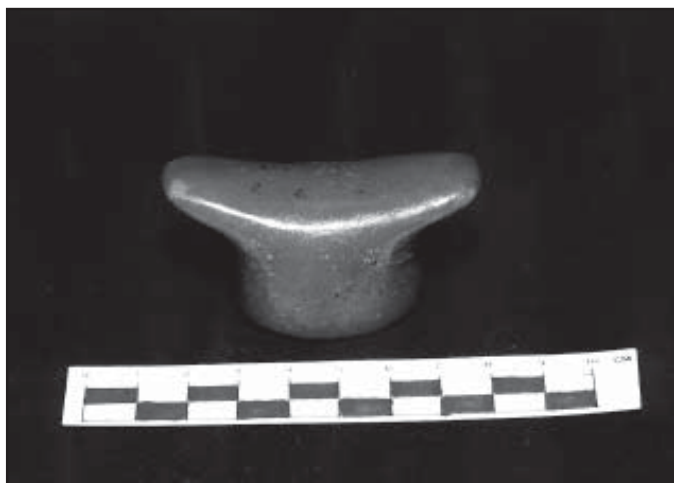
02. **Lascas.** Obtidas por percussão sobre bigorna e unipolar. Algumas lascas apresentam vestígios de múltiplo uso como os de cortar, raspar e perfurar. As lascas retocadas são, proporcionalmente, poucas.

03. **Os Raspadores**. Utilizados para descarnar animais e descascar vegetais. Os raspadores podiam ser amarrados em cabos de madeira. A sua confecção é feita em lascas espessas ou finas. Destacam-se, na coleção obtida, raspadores laterais (o retoque feito em uma borda), raspadores de extremidade ou terminais (com o retoque numa extremidade) e raspadores com escotaduras (com gumes côncavos, utilizados para calibrar objetos cilíndricos como varas para fazer flechas). São chamados também de raspadores côncavos.

04. **Os Núcleos.** Registra-se, em menor número, a sua ocorrência. As cicatrizes de lascamento indicam uma escolha aleatória dos planos de percussão, indicativos da ausência de uma pré-determinação no lascamento.

A qualidade do material lítico difere expressivamente da matéria-prima encontrada à montante de Paulo Afonso, em cuja

região foi identificada a tradição Itaparica, destacada pelo excelente acabamento dos instrumentos líticos ali produzidos. Talvez pela qualidade da matéria-prima, os artesãos de artefatos líticos da cultura Canindé não apresentem o mesmo domínio tecnológico, quando em confronto com a tradição Itaparica. O meio físico pode ter determinado o desaparecimento de uma tradição de lascamento.

05. **Artefatos líticos polidos.** Confeccionados em granito, arenito, amazonita e sílex, alguns artefatos polidos, associados aos mesmos níveis de líticos lascados foram resgatados na região de Xingó, tais como, tembetá, almofariz, lâmina de machado, mó, mão de pilão, quebra-coquinho e uma bola confeccionada em granito, do nível 44, no Sítio Justino I com datação de 8500 AP.

Considerando-se as datações em Carbono 14, obtidas no Sítio Justino I, e concentrações de artefatos líticos, algumas hipóteses podem ser levantadas. A primeira concentração significativa de artefatos entre os níveis 42 e 35, próximos das

datações entre 8950 AP (nível 40) e 5570 AP (nível 30), é correspondente, cronologicamente, ao auge da expansão territorial de grupos étnicos da tradição Itaparica (Martin, 1997). A partir dos níveis citados, os artefatos rareiam, só atingindo patamares similares a partir do nível 14, abaixo da datação de 3280 anos AP.

1.3 OS REGISTROS RUPESTRES

O esforço interpretativo dos registros rupestres

A presença do homem é sempre ligada a ferramentas e também à produção artística. Homo faber, homo artifex.

Na evolução da humanidade, os homínidas deixaram vestígios que permitem inferir uma existência consciente-sensível-cultural, como assevera Fayga (1938). Na integração do consciente, do sensível e do cultural, se baseiam os comportamen-

. / .

tos criativos do homem. A criação é um ato intencional e consciente.

A objetivação do espírito humano cria a cultura, resultante de expressivas e diferenciadas formas de linguagem, permitindo compreensão mais aproximada de vários aspectos da organização das sociedades humanas em seus distintos momentos. No albor da evolução do sapiens, o homem pré-histórico, dentre outras formas de linguagem, utilizou-se com eficaz competência do relevo, da cor, do plano e do movimento na elaboração de registros rupestres. A rocha natural foi usada com grande habilidade. Sob o ponto da antropologia visual trata-se de um meio de comunicação, uma pré-escrita.

Embora seja um dos objetivos da antropologia o alargamento do discurso humano, há ainda, no tocante aos grafismos pré-históricos, um incômodo silêncio. Devemos considerá-la, portanto, como uma fonte de informação antropológica. Sua interpretação, após milhares de anos, é efetuada a partir de classificações tipológicas, hipóteses e correlações etno-históricas, na tentativa de resgatar idéias e valores das sociedades extintas. A geometrização das formas, abstrações e reproduções antropomorfas e/ou zoomorfas, o estilo, o cromatismo, a caracterização de conjuntos vivenciais, entre outros, são fatores determinantes considerados na taxonomia dos registros rupestres. À proporção que há tentativas para sua interpretação, surgem novas ou são reforçadas velhas teorias sobre mensagens e intenções do "artista" primitivo. A tendência a explicar todas as características da arte rupestre a partir de influências externas é não entender a subjetividade do ato criativo do ser humano. O pensamento não cresce a partir de uma reflexão incorpórea, mas está sempre ligado à situação de vida do pensador.

> “Quando nos confrontamos com a arte pré-histórica, precisamos sempre nos lembrar de que a enxergamos com os olhos treinados nas percepções do século XX. O que você e eu vemos ali não é o que os artistas e seus companheiros viam, pois a arte perde muito de seu significado fora do contexto social” (Leakey, 1981). A procura do oculto, como cita Martin (1997), tem possibilitado interpretações ilógicas.

Embora válida, essa preocupação relativizadora não deve ser considerada como absoluta. A convergência mental dos sapiens nos permite alguma aproximação interpretativa. Não consideramos de todo desaconselhável tal ousadia. As motivações individuais do imaginário subordinam-se às experiências perceptivas ou lógicas. O social se impõe ao pessoal.

A função simbólica é constituinte do homem, dela emergindo a cultura, o social integrado em sistema. Pela função simbólica, dá-se significado ao mundo, dá significação e vive-se significando, tornando possível a comunicação. “Os homens comunicam por meio de símbolos e de signos; para a antropologia, que é uma conversação do homem com o homem, tudo é símbolo e signo que se coloca como intermediários entre dois sujeitos”. (Lévi-Strauss, 1989).

O estudo dos registros rupestres na pré-história impõe, além de uma análise quantitativa (ordem de elementos cronológicos, seqüência da evolução técnica, temática, estilo, etc.), associações, influências interculturais, áreas de difusão e a ousadia interpretativa como hipótese para se chegar ao outro que somos nós. Documentos etnográficos e estudos etnológicos são imprescindíveis como lastro para o entendimento dos registros rupestres. No Brasil, a partir de informações indígenas, onde tradições locais foram conservadas em sua correlação com registros gráficos, é bem mais provável que o processo apresen-

te resultados cientificamente confiáveis. Infelizmente não é o caso da região arqueológica de Xingó, onde inexistem grupos étnicos proto-ibéricos.

No entanto, o esforço de interpretação etnográfica deve ser complementado, ao nosso ver, pelo entendimento dos painéis em si, a correlação possível entre as figuras, uma tentativa de entendê-los logicamente, e não apenas uma correlação tipológica com outros painéis locais ou regionais. “Procurando evitar o perigo do comparatismo, Leroi-Gourhan e A. Lamine-Emperaire abriram uma nova direção de pesquisa, aliás influenciada pelo estruturalismo. Em vez de querer explicar as obras pré-históricas a partir de dados exógenos, procuraram entendê-las por dentro” (Prous, 1992).

Apreciado sob a ótica estruturalista, deve ser considerado o conjunto das figuras registradas, na prioridade do todo sobre as partes.

O sentido só se releva nas relações dinâmicas que unem as partes entre si, em função do todo. Trata-se de uma dialética relacional, onde a noção do tempo é abolida.

Torna-se necessária uma intervenção semiótica na tentativa de entender não apenas a relação dos signos entre si e com os que eles designam, mas também a relação dos signos com os seus usuários.

Consideraremos algumas premissas como lastros do modelo de análise:

1. Os registros não estão subordinados a regras de continuidade
2. As verdadeiras unidades constitutivas não são as relações ou entendimentos isolados, mas o feixe de relações e, somente sob a forma de combinações de tais feixes, as unidades constitutivas adquirem função significante.

3. É possível subdividir os painéis em conjuntos, decodificá-los para depois formular proposta lógica comum entre os conjuntos constituidores do painel.

É necessário tentar entender os painéis como instrumentos às vezes destinados a operar uma mediação entre as antinomias. No entanto, é preciso reconhecer que muitas pinturas conservam seus segredos por estarem imersas no mistério dos mitos. Gourhan (1945) diz que a história das representações simbólicas é demasiado fragmentária para que possamos nos servir dela sem alguma temeridade.

As unidades constitutivas para análise não são as figuras ou grafismos isolados, mas os feixes de relações e, somente sob a forma de combinações de tais feixes, as unidades constitutivas adquirem uma função significante.

Outro desafio que a arqueologia enfrenta quanto ao estudo de gravuras pré-históricas é o da datação.

Nas culturas paleolíticas há uma "arte móvel", constituída por esculturas, adornos pessoais, ferramentas, etc., e uma "arte fixa", a rupestre. Sem duvida, o impulso artístico deve ser considerado como um suporte de sentimentos de exaltação social em sentido amplo. A primeira forma de expressão é de mais fácil datação, pois os objetos são encontrados nos estratos. Os registros rupestres são de datação menos segura, pois as pinturas e incisões nas paredes das grutas ou painéis nos afloramentos rochosos raramente estão cobertos por estratos pré-históricos e, nesse caso, é difícil atribuí-los a um em detrimento de outro.

Há, portanto, uma lacuna que esperamos possa ser transposta com o avanço do projeto e técnicas disponíveis para a ciência arqueológica.

A mais expressiva linguagem humana preservada da pré-história compreende uma multiplicidade de traços, abstrações, figuras geométricas, zoomorfas e antropomorfas, pintadas ou

gravadas. Apresentadas em grupos ou individualizadas, as imagens perpetuadas são uma presença do preexistente, em seus ritos, atividades, lazer, etc. Como foram pintadas ou gravadas na pedra, recebem a denominação de registro rupestre (rupes, rocha). Tais registros devem ser entendidos como signos convencionais, retirados da natureza, mas que integram a cultura, um mundo familiar onde o homem evolui. O gênero homo, em suas diversas espécies, inaugurou e desenvolveu a reflexão, ou seja, a capacidade para traduzir em símbolos a realidade material do mundo que o envolvia.

Os registros rupestres da cultura Canindé situam-se em abrigos sob rocha, formados por paredões que apresentam uma parte alta saliente projetada para fora, caracterizando uma espécie de telhado natural, capaz de oferecer abrigo contra chuvas, ventos e outras inclemências do tempo, e em matações aflorados.

Na pintura, as cores obtidas dos minerais como o óxido de ferro, manganês, grafita, calcário e argila são a vermelha, a preta, a amarela e a branca.

/

As temáticas são a geométrica (traços, curvas, círculos, vulvas, etc.) e a figurativa (zoomorfas e antropomorfas). As cenas mais presentes são as da caça, dança, guerra e cópula.

As gravuras são obtidas com as técnicas do picoteamento, polimento ou incisão. Predominam os traços como os tridáctilos, círculos e bastonetes.

No Brasil, as grandes classificações de registros rupestres constituem as tradições, representativas de todo um universo simbólico. "O conjunto de características que se refletem em

CLASSIFICAÇÃO DOS GRAFISMOS

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO
Puros	Figuras pintadas ou gravadas que não são correlacionadas facilmente, mas a ela são estabelecidas suposições como os grafismos geométricos e abstratos
De Composição	Figuras que podem ser reconhecidas em sua relação análoga com o universo cultural humano (antropomorfas, zoomorfas ou fitomorfas).
De Ação	Cenas que constituem um conjunto gráfico, onde os registros individualizados apresentam uma correlação que os associa.

, (1997).

diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que se transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço". (Calderón)

Na cultura Canindé predominam os grafismos puros, ausentes cenas que constituam conjuntos correlacionados às atividades humanas do cotidiano.

> Não existe, nos registros, impulso artístico em sentido puro, pois a materialização em forma de sentimento do poder, as vivências religiosas e a exaltação do cotidiano objetivam o homem em sua plenitude social, ou seja, dá ao homem a sua circunstância existencial.

O impulso estético contido nos registros rupestres é sempre um suporte de sentimento de exaltação social em sentido amplo.

Algumas tradições já foram tipificadas na arqueologia brasileira, tais como a Meridional, Litoral Catarinense, Geométrica, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica.

Os registros rupestres podem, entre as tradições, apresentar similaridades, pois, provavelmente, os grupos étnicos que os elaboraram mantiveram contato entre si.

Das tradições faremos referências apenas a três, em face de sua correlação no tempo e no espaço com a pré-história sergipana.

A TRADIÇÃO NORDESTE. A partir de estudos no Piauí, coordenados pela Arqueóloga Niéde Guidon, foi definida essa tradição. Estudos posteriores demonstram sua extensão para ou-

“ A discussão do valor como “arte” dos registros rupestres tem sido objeto de polêmicas entre antropólogos e historiadores da arte. Essa discussão dificilmente pode acabar, pela razão muito simples de que ambos procuram respostas diferentes às mensagens que as pinturas e gravuras rupestres proporcionam. O arqueólogo não poderá ignorar os registros rupestres na sua dimensão estética, considerando-se a habilidade manual e o poder de abstração e de invenção que levaram o homem a usar recursos técnicos e operativos nas representações pictóricas pré-históricas”.
- Gabriela Martin (1997)

CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO NORDESTE

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
VARIAÇÃO TEMÁTICA	Inúmeras cenas do cotidiano estão contidas na tradição, tais como a caça, a dança, a cópula, a luta, com variações.
ANTROPOMORFOS DE PEQUENO TAMANHO	Entre 5 a 15 cm e predominantemente gravados em movimento, rosto em perfil e boca aberta.
ZOOMORFOS	Veados, emas, araras, tucanos, gravados em movimento.
ÁRVORES	Cenas em que figuras humanas dançam em torno de uma árvore, enquanto outras, mascaradas, agitam ramos, no meio da dança.
PIROGAS	Grupos de caçadores navegam em barcos.
TÉCNICA DE GRAVURA	Traço leve e seguro
CROMATISMO	Policromia com a predominância da cor vermelha. Outras cores: branca, amarela, preta e cinza. Em sua maioria os painéis foram confeccionados com o uso simultâneo de algumas cores.
CRONOLOGIA	12.000 a 6.000 A.P.

tros estados nordestinos como o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Chapada Diamantina, na Bahia, e o Vale do São Francisco.

Nos grafismos da tradição Nordeste destaca-se o registro do cotidiano cultural da comunidade, desde o transporte da água ou alimentos à caça. Outro aspecto é a presença do movimento, da ação nas figuras e conjuntos gravados, enfatizando-se o registro da vivência, a energia do existir.

A TRADIÇÃO AGRESTE. Tem como seu foco de referência o agreste de Pernambuco e o sul da Paraíba, com extensão para os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Uma das carac-

CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO AGRESTE

TIPOLOGIA	**DESCRIÇÃO**
GRAFISMOS DE GRANDES PROPORÇÕES	Apresentados isoladamente, sem formar cenas, sejam antropomorfas ou zoomorfas.
FIGURA DE UM GRANDE ANTROPOMORFO	Em média, com mais de 1 metro, estático e isolado, assemelhando-se a uma figura totêmica.
PÁSSARO	Figura de um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropomorfismo sugere a representação de homem pássaro (Martin) ou um urubu (Calderón).
MARCAS DE MÃOS E PÉS	
GRAFISMOS PUROS	Apresentados em múltiplas formas, tais como grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos e que, aparentemente, não guardam relação entre si.
CROMATISMO	Monocromáticos, com uso da cor vermelha obtida do óxido de ferro e ocre natural.
DATAÇÃO	5.000 a 2.000 A.P.

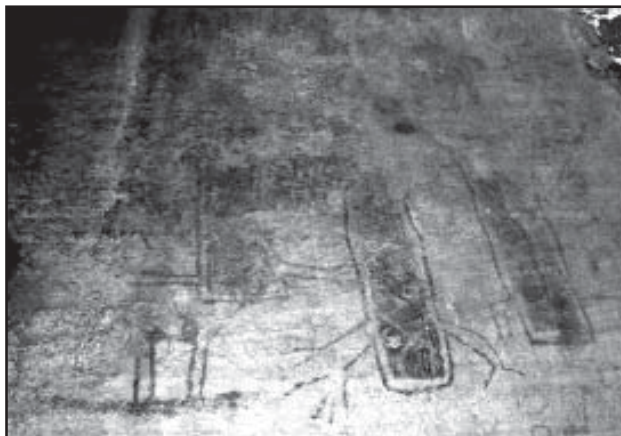
terísticas dessa tradição é sua enorme dispersão pelo nordeste brasileiro.

Aceita-se, hoje, uma possível relação entre as tradições Agrestes e São Francisco e que ambas poderiam pertencer, também, a um tronco comum que deverá ser definido no futuro.

A TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO. A partir de estudos coordenados pelo arququeólogo André Prous, nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe, no vale do São Francisco e registros identificados nos Estados de Goiás e Mato Grosso.

CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
VARIAÇÃO TEMÁTICA	Não há cenas. Figuras propostas isoladamente.
GRAFISMOS	Predominam expressivamente os grafismos abstratos, em proporção não inferior a 80%.
ZOOMORFOS	Raros. Peixes, pássaros, cobras e sáurios. Não há cervos.
CROMATISMO Bicromia.	A figura chapada amarela e um contorno vermelho. Em outros registros, o preto e o branco foram também utilizados, notadamente nas manifestações tardias. As figuras mais antigas são monocromicas.

No município de Canindé do São Francisco (SE) e nos municípios de Olho d'Água do Casado e Delmiro Gouveia (AL) foram localizados sítios arqueológicos de registros rupestres. Os sítios estão situados em abrigos rochosos ao longo dos afluentes do rio São Francisco.

O explorador e orientalista britânico Sir Richard Burton (1867) descreve sobre inscrições rupestres no baixo São Francisco, registrando o Sítio Olho D'Água do Casado.

Após estudos efetuados pela arqueóloga Suely Amâncio, constatou-se a predominância de grafismos não-figurativos (92,6%). Os poucos exemplares dos grafismos figurativos são antropomorfos, zoomorfos, propulsores, luas, sóis, pirogas, em pequenas quantidades e mãos.

> "A leitura semiótica possibilitou-nos pensar em uma linguagem da mão, onde a predominância de ícones sobre índices e símbolos não diminui o simbolismo mágico do gesto". Como signo, a "mão de pedra" transcende às qualidades formais da aparência, pondo à mostra valores da cultura autora em atendimento às necessidades e interesses peculiares ao grupo, em momento preciso da vida coletiva. A pesquisa arqueológica desenvolvida na região tem fornecido dados indicativos de que as mãos nos falam do modo de vida de grupos caçadores-coletores pela presen-

ça de artefatos (predominantemente líticos), enterramentos, vestígios de fogueiras e restos de alimentação. Modo de vida itinerante, um “ir-e-vir” à procura de recursos na caatinga e/ou nas áreas ribeirinhas, edificando um saber mágico e generalizado.”
(Rabello, 1996)

Não há conjuntos. Os grafismos são propostos isoladamente, salvo o conjunto de bastonetes, cupules ou de antropomorfos interligados. Entre as pinturas, além do conjunto de bastonetes, o conjunto formado por aves, pirogas, lua, sol e “escada”. Tanto na pintura quanto em gravuras, o tema do antropomorfo apresenta uma constante, no que tange à saída de linhas retas da figura. Não há movimento. As figuras são estáticas.

PINTURA CANINDÉ – QUADRO TIPOLÓGICO

Tipo	Quantidade	%
Bastonetes	162	22.2
Zig-Zag	82	11.2
Setas	79	10.8
Circulares	59	8.1
Grades	46	6.0
Outros	301	41.7

A análise do quadro tipológico geral dos sítios arqueológicos da cultura Canindé apresenta-se segundo o quadro abaixo:

GRAVURA CANINDÉ – QUADRO TIPOLÓGICO

Tipo	Quantidade	%
Bastonetes	144	20.6
Zig-Zag	119	17.0
Setas	92	13.2
Circulares	89	12.7
Grades	89	12.7
Outros	197	23.8

Outros tipos de pinturas presentes na cultura Canindé, em menor quantidade: mãos, círculos concêntricos, semicírculos, pectiformes, losango, tridáctilos, biomorfos e antropomorfos.

Outras gravuras da cultura Canindé, presentes em menor número: círculos concêntricos, círculos interligados, semicírculos, bastonetes barrados, pectiformes, zig-zag e linha sinuosa.

Como tentativa de inserir os registros rupestres da cultura Canindé nas tradições do Nordeste brasileiro, deduzimos que,

em seu conjunto, aproxima-se da tradição Agreste. No cotejo comparativo entre os registros gráficos da cultura Canindé e a tradição Agreste, constata-se a presença comum de grafismos de grandes proporções como o antropomorfo de aspecto estático e a figura do pássaro de longas penas e asas abertas. A similaridade estende-se também ao dominante monocromático nos painéis pintados e ao uso dominante da cor vermelha, obtida do óxido de ferro e do ocre. No Sítio Letreiro, alguns temas também são registrados na tradição São Francisco (sáurios, propulsor e grades). No entanto o Letreiro é diferente dos outros sítios da região. Alguns temas presentes no Letreiro poderiam ser também comparados com os da tradição Agreste (grandes antropomorfos grosseiros e sáurios).

Inscrições rupestres em abrigos sobre rocha, nas colinas do canyon, talvez registrem, como sugere AB'SÁBER (1997), a presença de caçadores-coletores do período pré-cerâmico na região.

Os abrigos encontram-se separados por poucos quilômetros de distância, possivelmente ocupados durante os deslocamentos para a caça, na região.

A proximidade da água e a freqüência das figuras geométricas, entre as quais predominam as "cúpulas", aproximam

"Nada nos impede de pensar que, talvez, os homens das lapas de lajedo não passassem de meros posteiros ou caçadores solitários, vivendo de atividades complementares para defesa ou abastecimento dos habitantes sedentários, instalados desde os milhares de anos no fundo torrentoso do canyon do rio de águas perenes, vindos de muito longe".

os conjuntos gravados da tradição Itacoatiara, como propostos pelas arqueólogas Niéde Guidon e Gabriela Martin. Não há, portanto, a possibilidade de inserirmos a arte rupestre Canindé em uma única das tradições nordestinas.

Na medida em que os registros rupestres são um testemunho do homem xingoano em suas origens, desde sua relação com o ecossistema até suas emoções mais elevadas e, na medida em que a imagem é um signo tão eloqüente quanto a escrita, pode-se afirmar que tais registros compreendem o primeiro livro da história da região. Mas se trata-se, evidentemente, de um testemunho ambíguo e insondável, que precisa de respaldo de outras fontes de informações.

> "Este primeiro levantamento dos registros rupestres do baixo São Francisco evidenciou a existência de um conjunto original de grafismos. A relativa heterogeneidade temática aponta para a existência de vários momentos de decoração dos abrigos: a Lapa do Letreiro, por exemplo, apresenta-se muito diferente dos outros sítios. Uma prospecção sistemática do platô permitiria mostrar se o Letreiro é um caso isolado ou se é representativo de uma unidade rupestre bem definida. Algumas variações menores são também perceptíveis entre os diferentes aflu-

entes do São Francisco. É difícil dizer se elas refletem a atuação de vários autores ou significados diferenciados em razão de uma utilização diversificada dos sítios.
Seria importante tentar, no futuro, uma datação direta de alguns grafismos (tintas, a partir de eventuais componentes orgânicos); gravuras (a partir da erosão diferencial dos elementos silicosos, segundo o método proposto por R. Bednarik)". (Amâncio, 1996).

Os regitros rupestres e os corpos celestes

A apreciação diacrônica das culturas humanas quanto à codificação de seus universos simbólicos leva-nos à digressão sobre a consciência cósmica do homem. Cosmo etimologicamente significa harmonia, em oposição ao caos, espaço concreto da existência humana. A primeira relação espacial do homem, não poderia ser de outra forma: foi com o mundo tangível, seus elementos materiais, físicos. Homem e natureza passam a estabelecer pólos distintos e próximos, que se completam.

"Desde a emergência da consciência, esta condicionadora da hominização, tornou-se impossível ao homem conviver com uma sucessão de eventos desconexos e uma justaposição de objetos disparatados. É próprio da consciência ordenar. A emergência da consciência marcou o instante zero da ordenação do mundo, cuja primeira providência foi a de estruturar a mais singela relação entre homem e mundo". (Matsuura, 1986)

Ao estabelecer projeções racionais sobre o tangível há um fenômeno comum que mais aproxima o social e o natural: a finitude.

A consciência da morte é a maior das angústias, crescente à proporção que nos aproximamos do inevitável. Ao sapiens, constatada a morte de homens e plantas, dias e noites, estabeleceu-se a compreensão da decorrência: homens e animais apodrecem, rios secam e o sol tomba diante da escuridão. Atinge-se o entendimento do caos. E o que motiva o caos, a desarmonia, a morte? Como atingir a imortalidade?

O equilíbrio, a harmonia não estaria no mundo físico, mas em outro plano, o cósmico, o intangível, o sobrenatural. A hominização implicou a formação da consciência e, como conseqüência, a necessidade de ser ordenado o desconexo. A relação do homem com o cosmos não é de oposição mas de complementariedade. A aceitação de formas projetadas a partir do intangível para o equilíbrio do universo físico é resultante desse diálogo permanente homem – natureza. Krappe (1952) subdivide os mitos e os símbolos em dois grupos: os símbolos celestes e os símbolos terrestres. A Antropologia tem acompanhado, ao lado da paleopsicologia, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.

Na visão de mundo das sociedades indígenas, o cosmos inclui tanto a sociedade como a natureza que interage constantemente. Natureza e sociedade representam uma oposição que se inter-relaciona através de um processo contínuo de reciprocidade mediante metáforas e símbolos, mitos e cerimoniais e mesmo comportamentos dos mais cotidianos como resguardos, evitação ou abstenção de atividades.

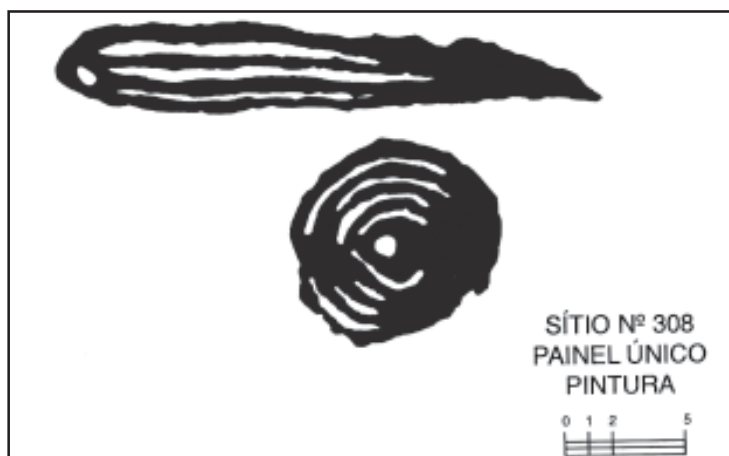
A posição ereta do gênero homo levou-nos à orientação a partir do eixo vertical e o arremesso de lanças e pedras à consci-

ência embrionária da possibilidade de um domínio do espaço. O solo, a terra que possibilitava a vida, a representação simbólica da mãe universal e o céu, a sua complementariedade masculina.

E como nos aproximarmos dos painéis de registros gráficos sem uma aceitação da leitura cósmica pelo homem pré-histórico?

I. COMETA

Sítios Arqueológicos nº 308
Local: Lagoa das Pedras
Município: Paulo Afonso/BA
Tipologia do registro: pintura monocromática (vermelho) em matacão rochoso.

Reconhecemos como premissa que o significado de uma representação gráfica pode não ser tão aparente, ou tão facilmente depreensível da comparação com objetos de nossa experiência etnográfica, nem da associação em que se encontram os diversos desenhos. No entanto, cabe-nos, em uma leitura contextualizada dos painéis, o levantamento de algumas hipóteses.

Em um painel único, dois grafismos compõem o conjunto: o cometa e a lua, projetada em círculos concêntricos. Como hipótese, os círculos concêntricos representando a periodicidade cíclica da lua. O fenômeno da aparição de um cometa, pouco comum, mereceu registro específico. Na Bahia, no município de Lençóis, há o registro de um cometa feito por comunidade pré-histórica.

O painel foi confeccionado a poucos centímetros do solo atual (45 centímetros) e para ser visto, exige do observador que o mesmo se ajoelhe.

Em Apodi, no Rio Grande do Norte, no Lajedo da Soledade (Martin, 1997), em um pequeno abrigo, pode ser observada uma figura, radiada com desenho de uma possível trajetória solar. O interessante são as coincidências quanto ao acesso. Trata-se de pequenos conjuntos de registros rupestres (Lagoa das Pedras, BA e Apodi, RN) em abrigos "de não mais de 50cm de altura" e que "obriga a se penetrar nele rastejando-se de costa para se poder observa as pinturas no teto".

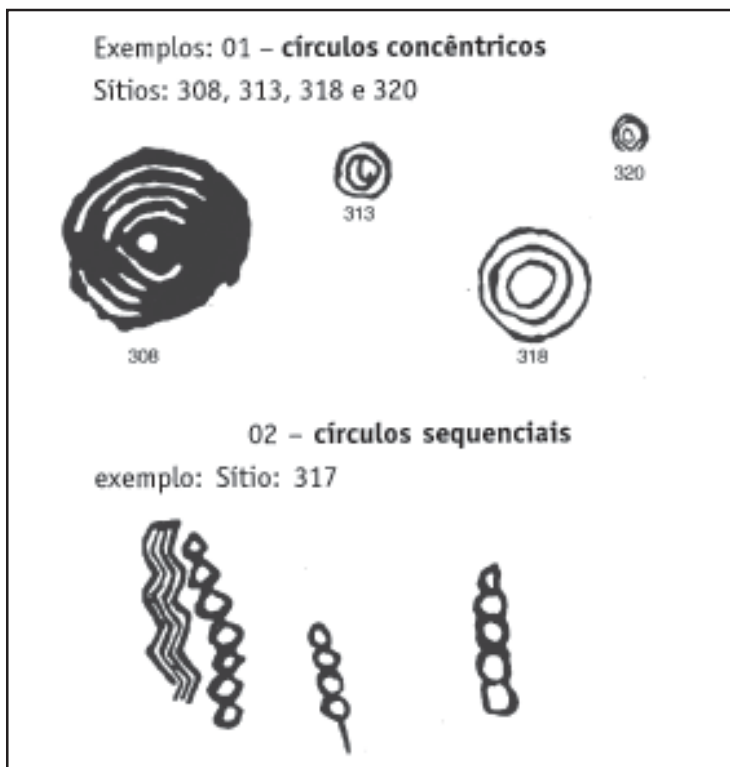
II. A LUA E O SOL

O primeiro contato objetivo do homem com a figura geométrica do círculo decorreu da visualização de corpos celestes: A Lua e o Sol.

A hipótese que levantamos para os registros circulares dizem respeito aos dois astros:

A – A LUA, proposta em círculos concêntricos ou círculos seqüenciais, unidos, permitindo-se a idéia de ciclos temporários.

"A lua aparece como a grande epifania dramática do tempo. Enquanto o sol permanece semelhante a si mesmo, salvo quando

dos raros eclipses, enquando ele só se ausenta por um curto lapso de tempo da paisagem humana, a lua, por sua vez, é um astro que cresce, decresce, desaparece, um astro caprichoso que parece submetido à temporalidade e à morte. Como sublinha Eliad, é graças à lua e às lunações que se mede o tempo". (Durand, 1997)

A percepção de que o tempo histórico não era linear, mas periódico ou cíclico era fundamental ao homem para a caça, a coleta de proteínas vegetais, a pesca, etc.

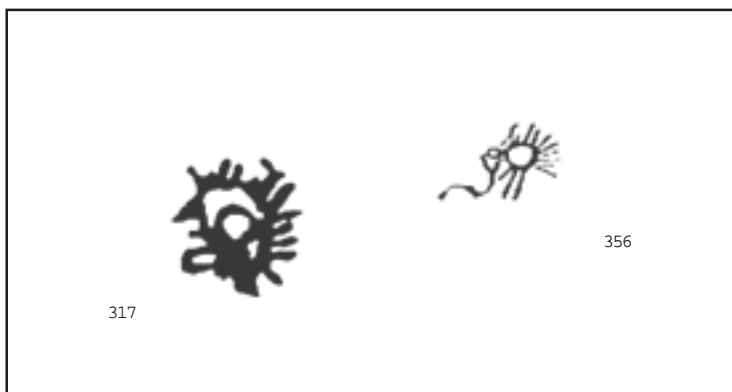
O mundo circundante, o cosmo, renova-se a cada período determinado, uma dimensão vivenciada no tempo pelos grupos ali estabelecidos. A espiral simboliza a continuidade da vida.

Segundo Durand (1997), sua imagem simboliza o repouso, a intimidade, a junção da terra à água, a ausência de distinção ou de rigidez, a tendência para a fusão de formas, a conciliação dos espíritos, a inclinação para a reflexão e a emotividade.

Trata-se, o que é bem provável, de uma primeira abstração do conceito de tempo.

"O mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporalmente. (...) A temporalidade é uma propriedade, intrínseca, da consciência. A corrente da consciência é sempre ordenada temporalmente (...) Todo individuo tem consciência do fluxo interior do tempo, que por sua vez se funda nos ritmos fisiológicos do organismo, embora não se identifique com estes (...) O tempo padrão pode ser compreendido como a intersecção entre o tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas seqüências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior por outro lado". (Berger, 1985).

B – O SOL. A configuração do Sol parece-nos clara, pois ao círculo foram adicionados rais.

O Sol, segundo Durand (1997), significa a força, a ascensão, o poder, a lucidez, o imutável e imperioso.

1.4 DIETA ALIMENTAR

O rio São Francisco serviu ao homem de Xingó como fonte de alimentos e de recursos. Certamente entre suas atividades estavam a caça, a pesca e a catação de mariscos. Em sua alimentação predominava o uso do peixe, provavelmente cozido, e o uso de pequenos mamíferos.

Do material coletado destaca-se o consumo de invertebrados, como os moluscos de água doce e gastrópodes. Entre os vertebrados foram resgatados restos de anfíbios, répteis e aves, predominando largamente peixes e pequenos mamíferos.

Visualizam-se peixes de pequeno, médio e grande porte, motivo que lastreia a hipótese de que os remanescentes de Xingó eram pescadores. Os peixes eram capturados nos rios, riachos e pequenas lagoas que, na época de maior precipitação pluviométrica e em tempo de cheias, inundam o vale do São Francisco.

Os mamíferos, juntamente com os peixes, apresentam a maior incidência na dieta alimentar do homem em Xingó. Predominam mamíferos de pequeno porte, sendo escassa a presença de mamíferos de médio porte, cuja presença permite a inclusão dos grupos humanos coletores-caçadores da região.

Característica comum na dieta alimentar dos grupos caçadores-coletores é a de uma dieta protéica pobre em carboidratos.

Identificou-se (Silva, 1996) uma descontinuidade de vestígios alimentares entre os níveis arqueológicos no sítio Justino, o que pode levar, como hipótese, a mudanças de hábitos alimentares. Como exemplo, a tendência a uma diminuição no conjunto de moluscos e peixes, com o acréscimo de vestígios de mamíferos de médio porte.

Os vestígios alimentares foram resgatados, em sua maioria, queimados. Raros vestígios vegetais. Em sítios a céu aberto, a alternâncias das estações secas e chuvosas e a atividade bioquímica devida ao calor úmido do solo destroem matérias orgânicas como os trançados, sementes e outros vegetais. Vestígios de licuri foram preservados no interior de um vasilhame.

A identificação de fraturas e fendas em ossos longos sugerem a ação intencional para a retirada do conteúdo medular interno, com o aproveitamento protéico e enriquecimento da dieta.

Vértebras de peixes de grande porte sugerem a técnica da pesca em períodos das cheias do rio, quando os peixes apresentam deslocamentos verticais para a superfície das águas, sendo presa fácil para os ribeirinhos.

1.5 O RITUAL DE ENTERRAMENTO NA CULTURA CANINDÉ

Os sepultamentos constituem-se um dos mais importantes ritos de passagem do *homo sapiens*. Tudo o que toca ao esqueleto humano exerce sobre o antropólogo uma forte impressão. Nos ritos de enterramento, os objetos, restos alimentares, adornos, armas, enfim, os símbolos utilizados dizem alguma coisa a respeito das pessoas que os empreenderam. Estudando-se de forma correlacionada os vestígios culturais empregados, é possível achar-se o significado do rito.

O enterramento compreende a passagem de um mundo cósmico para outro. A religiosidade, a convivência com o não tangível, a aceitação de um outro plano – o espiritual – estão inseridos no significado maior dos enterramentos.

No Sítio Justino foram encontradas vasilhas de cerâmica com restos de alimento, esqueletos de animais sobre o corpo humano enterrado, enterramentos secundários com ossos trabalhados. São elementos simbólicos expressivos. Sem dúvida, os homens da cultura Canindé acreditavam que o morto viveria mais uma vida no além-túmulo. Os vestígios arqueológicos confirmam a complexidade do rito que envolve dois sepultamentos: um provisório e o definitivo.

A partir dos vestígios (mobiliário do sepultamento, esqueletos humanos, resíduos alimentares, etc.), algumas hipóteses já estão sendo trabalhadas, preliminarmente.

A grande quantidade de esqueletos de idade holocênica facilitará o estudo biológico das populações, o que é raríssimo com as condições e quantidades resgatadas em Xingó, notadamente no Sítio Arqueológico Justino.

Grande a variação de rituais e tipos de sepulturas.

Os enterramentos primários e secundários foram efetuados diretamente no solo, inexistindo, portanto, urnas funerárias, (sal-

vo o enterramento de uma criança). Elas só aparecerão posteriormente no Estado, com as tradições Aratu e Tupi-guarani.

No enterramento primário, o indivíduo é sepultado uma única vez, lá permanecendo mesmo após a decomposição das partes brandas do corpo; no secundário, como o nome mesmo diz, há um segundo sepultamento, após a perda das partes moles do indivíduo.

> "Sobre aquele longo período da história humana que constitui a pré-história, não possuímos descrições exatas de culturas. Encontramos somente os utensílios que as pessoas faziam, os lugares onde viviam, as spulturas nas quais enterravam seus mortos. Felizmente para nós, essas ferramentas, os lugares, as sepulturas, tudo nos conta algo sobre como viviam as pessoas e as coisas em que acreditavam".
> - Robert J. Braidwood (1988)

Nos sepultamentos secundários da cultura Canindé, há enterramentos com ossos trabalhados, cuidadosamente cortados e polidos nas extremidades. Registra-se também a presença de ossos pintados.

A partir das datações obtidas desde 8950 AP e vestígios lito-cerâmicos, trata-se de uma cultura anterior, estabelecida desde o pré–cerâmico, mantendo por milênios certa homogeneidade cultural.

As formas de enterramento, quanto à posição, não acenam para uma predominância expressiva de determinada posição (decúbito dorsal, decúbito lateral direito, decúbito lateral esquerdo e procúbito ventral). Em alguns enterramentos, em decúbito dorsal, vasilhames de cerâmica (panelas) encobrem o rosto e abdômen.

. / .

No Paraná foram identificados casos similares, com o rosto "protegido" por um vaso de cerâmica. Rito semelhante também foi registrado por Calderón no médio São Francisco (Curaçá / BA) e em São Raimundo Nonato (PI). No Justino, associados, em alguns casos há presença de animais juntos aos indivíduos sepultados.

MODALIDADES DE ENTERRAMENTOS

Tipo	Nº de esqueletos	Percentual
Fetal	9	4.7
Arrumado	47	24.7
Decúbito dorsal	28	14.7
Decúbito lateral direito	64	33.8
Decúbito lateral esquerdo	62	22.1
Sem definição	1	-

Acredita-se na possibilidade de que alguns animais pudessem servir de companhia ou ser de "estimação" para alguns indivíduos ou, que tivessem uma outra importância, possivelmente no aspecto religioso (ritual), e, ainda, sob a forma de oferenda em práticas religiosas.

As fossas de enterramentos eram pequenas. Os corpos eram depositados de forma forçada, com as pernas flexionadas, contraídas e em conexão com a bacia. A inclinação da cabeça indica o limite da fossa.

No médio São Francisco, Calderón (1967) descreve enterramentos em covas rasas, onde o cadáver era depositado em posição fetal, com oferendas em forma de tigelas, a cabeça protegida por um ou vários vasos, não faltando também oferendas em pequenas tigelas, cachimbos de cerâmica em forma de peixes e tembetás de amazonita.

As diversificações nos rituais de sepultamento são atribuídas, segundo alguns pesquisadores, a possíveis estratificações sociais dentro de um mesmo grupo étnico. (Martin, 1996).

O mobiliário do enterramento prende-se a objetos de uso pessoal, tais como colares (gastrópodes, ossos e dentes de animais e líticos, como a amazonita), localizados no pescoço, pulso ou tornozelo. Há, também, alguns machados polidos, instalados próximos à cabeça ou ao longo do tórax.

Outros artefatos líticos – raspadores – foram resgatados do contexto funerário. O acervo de peças de cerâmica, composto de vasilhames em diversos tamanhos, é um dos mais ricos em sítios arqueológicos do Nordeste.

A presença de objetos e utensílios no mobiliário de enterramento foi considerada inicialmente pela antropologia como prova da crença em uma outra vida: o indivíduo levando consigo oferendas fúnebres de que viria a necessitar. Estudos etnohistóricos posteriores comprovaram que os utensílios pertenciam ao morto e dariam "má sorte" a quem viesse a usá-los (SHAPIRO, 1966).

A estimativa de estatura do homem xingo ano é de 1,64m. Em comparação com as poucas estimativas de alguns outros sítios brasileiros como, por exemplo, o Sítio Furna do Estrago – PE, onde os indivíduos apresentaram uma estatura média de 1,60m (Mendonça de Souza, 1995), os Sambaquis Forte Marechal Luz (1,67m) e Cabeçuda – SC (com estatura média em torno de 1,61m) e Piaçagueira – SP (estatura média de 1,58m) (Prous, 1992). Os

homens do Sítio Justino eram em média mais altos do que aqueles do Sítio Cabeçuda e do Sítio Furna do Estrago, porém mais baixos do que os homens do Sítio Marechal Luz.

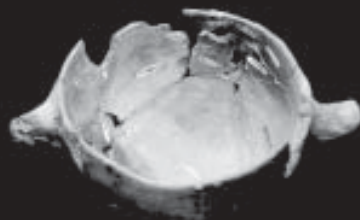
As análises paleopatológicas preliminares evidenciaram sinais discretos de artroses em algumas vertébras, fraturas de clavícula e doenças dentárias. A cicatrização de traumatismo craniano, clavícula e outras fraturas provocadas por instrumento cortante permitem afirmar que havia, na cultura Canindé, o cuidado com seus doentes.

Estudos na tíbia, em sepulturas secundárias, apresentam facetas de acocoramento, bem possivelmente uma prática comum do sexo masculino ainda hoje presente em culturas rurais, pelo hábito de as pessoas se acocorarem para alguns trabalhos no campo, por ocasião de ritos cerimoniais, tarefas cotidianas e lazer.

A presença, nos terraços do São Francisco, de solos predominantemente silicosos, favoreceu, apesar das cheias periódicas do rio, a preservação dos esqueletos.

CAPÍTULO 3

A Pré-história Sergipana II

1. A CULTURA ARATU
2. A CULTURA TUPI-GUARANI
3. A CULTURA TUPI-GUARANI EM SERGIPE

1. A CULTURA ARATU

A tradição Aratu, a partir de prospecções efetuadas nos Estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco, foi estabelecida pelo arqueólogo Valentin Calderón, integrante do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, nos anos sessenta. Prende-se tal denominação ao Sítio Arqueológico Guipe, no centro industrial de Aratu, onde Calderón efetuou salvamento arqueológico.

Datações em radiocarbono apontam para essa tradição um período de nove séculos, do IX ao XVIII (no recôncavo baiano há uma datação isolada de 400 A.D., ainda a requerer novas confirmações).

Em meados dos anos noventa Carlos Etchevarne escavou no município de Muquém do São Francisco (BA), tendo coletado mais de cem urnas funerárias, adicionando novas informações sobre a tradição Aratu, em nossa região.

A área de ocupação, a partir de novos estudos e cotejos entre os sítios arqueológicos, amplia a consideração inicial proposta por Calderón: da Bahia ao sudeste do Piauí, percorrendo faixas próximas ao litoral nordestino, bem como áreas nos Estados de Minas Gerais e São Paulo. Considera-se atualmente que a tradição Aratu estende-se por um grande território: de São Paulo ao Mato Grosso e do litoral baiano até o sudeste de Goiás.

Em Sergipe, a partir de vestígios coletados e de algumas sondagens e escavações, constata-se a presença da tradição Aratu em colinas próximas ao litoral, geralmente na encosta, tais como sítios identificados em Pacatuba, ao norte, e de Cristinápolis, ao sul.

A tradição Aratu, em Sergipe, apresenta características similares à de outros sítios prospectados no Brasil. Trata-se de

uma cultura de agricultores ceramistas, situados em grandes aldeamentos circulares localizados em elevações suaves (500 x 200 m, em alguns casos). Os sedimentos arqueológicos em índice de profundidade (60 cm) nos permitem deduzir a formação de aldeias com densidade populacional elevada e ocupações demoradas (Martin; 1997), quando comparamos com as aldeias Tupiguarani, com apenas 30 cm de sedimentos férteis em sua estratigrafia média.

As cabanas eram alinhadas ou dispostas em círculo ao redor de uma praça central, lembrando os aldeamentos Macrogê do Brasil Central como os Kayapós e Xavantes (Prous, 1992).

Ocupavam, à época, área florestal (floresta mesófila decídua). Escolhiam como espaço topográfico para erguer suas habitações o platô de colinas, próximo a algum córrego. As sondagens e escavações efetuadas demonstram que, em Sergipe, os sítios ficam distantes de importantes rios, embora próximos de riachos afluentes.

A cultura Aratu, ao contrário da Tupi-guarani, não era de povos canoeiros, mas de caçadores-coletores em área florestal, desenvolvendo uma incipiente agricultura. Sua base alimentar, portanto, era típica de coletores silvícolas. Além do uso da mandioca, a alimentação básica, também utilizava o milho, o feijão e o amendoim. Dos vestígios e artefatos cerâmicos coletados, a ausência de pratos ou assadores levanta dúvidas sobre o aproveitamento da mandioca para se obter a farinha, segundo Prous.

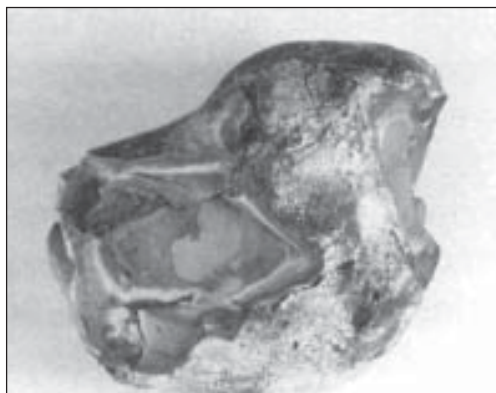
Às ocupações decorria o desmatamento (coivara), com a limpeza do terreno. Depois de quatro ou cinco anos de uso, o solo não teria mais a fertilidade primitiva, devendo repousar (sem cultivo) durante vários anos.

Quando uma aldeia crescia ultrapassando o tamanho que podia ser alimentado pela terra disponível, parte de sua popu-

lação mudava para outro local, reiniciando o processo de limpeza do terreno. Assim, depois de certo tempo haveria diversas aldeias de povos relacionados dispersas por uma grande área.

Provavelmente a cultura Aratu compreenda os genericamente conhecidos como Tapuias, expulsos de áreas mais costeiras quando da incursão Tupi, a partir do século IX, no Nordeste, citados como “andejos e tendo muitas e diferentes línguas dificultosas”, segundo Fernão Cardim (1978: 127).

O estabelecimento de uma agricultura incipiente já nos permite argumentar a transformação dos bandos, intimamente associados com a caça e a coleta, para a formação das tribos. O principal fator que levou à evolução para as tribos foi, sem dúvida, o desenvolvimento da agricultura. A transição resultou de decorrência existencial em ambiente relativamente pobre, onde os grupos humanos foram impelidos a contar, substancialmente, com as plantas selvagens como alimento e, a seguir, a experimentar métodos para o incremento artificial da produção. Sociedades maiores que os bandos, as tribos em culturas que ainda processam uma agricultura incipiente se encontram dispersas em aldeias integradas na sociedade maior por descendência ou clãs.

. / .

Estudos decorrentes do acervo arqueológico coletado em Sergipe, bem como, por analogia, análises efetuadas em outros sítios nordestinos da mesma tradição evidenciam algum conhecimento de suas práticas culturais.

1.1 RITUAIS DE ENTERRAMENTO

> "A pré-história é uma espécie de colosso-com-cabeça-de-barro que se vai tornando mais frágil à medida que se eleva da terra ao cérebro. Os pés, feitos de testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, estão bastante firmes; as mão são já mais friáveis, uma vez que o estudo das técnicas pré-históricas está assinalado por uma larga auréola conjectural. A cabeça, essa, desfaz-se ao menor embate e frequentemente contentaram-se em substituir o pensamento do gigante decapitado pelo do pré-historiador. De maneira que, através das suas diferentes obras, o homem pré-histórico muda de personalidade religiosa e tanto é um mágico sanguinário como um pio colecionador de crânios de antepassados, bailarino lascivo ou filósofo desiludido, segundo os autores".
> LEROI-GOURHAN, 1974

Os enterramentos eram predominantemente secundários, em urnas dispostas em grupos de duas ou mais, nas aldeias. As decapagens em sítios sergipanos comprovam a coexistência de vestígios do cotidiano das aldeias junto às urnas. "Os índios não levavam os seus falecidos a um cemitério fora da aldeia, como nós costumamos fazer; mas sepultava-os no chão da própria casa como, ainda hoje, continuam fazendo os índios nhambiquaras do Mato Grosso" (Rohr S. J., 1984).

As urnas, sempre piriformes, eram tampadas com panelão e enterradas a apenas 30 cm do solo, o que tem provocado, com o uso de lâminas do arado mecânico, sua descoberta e, lamentavelmente, fracionamento. Suas dimensões médias são as de 75cm de altura por 65cm de bojo e abertura aproximada de 45cm. Tigelas menores eram empregadas para cobrir a boca dos vasilhames funerários.

O mobiliário funerário era composto de artefatos de uso pessoal (as urnas infantis não possuem) como machados polidos (10 cm), rodelas de fusos e adornos. No interior ou ao redor da urna, algumas tigelas com resíduos alimentares compunham o ritual. A presença de rodelas de fuso (pedra e cerâmica) indicam a fiação de redes ou tecidos grossos.

1.2 A CERÂMICA

> "Seja qual o local e a época em que se originou, a cerâmica proporcionou importante avanço tecnológico na história humana, constituindo ainda valioso veículo para o desenvolvimento da expressão estética. (...) A matéria-prima de que dispõe o ceramista pode ser modelada em grande variedade de formas, tem a superfície suave, com uma contextura passível de ser modificada por desenhos ou que pode ser pintada, permitindo a expressão dos padrões estéticos do povo."
> - Shapiro (1966).

A técnica empregada para manufatura é a do acordelamento, praticamente sem decoração, tratamento alisado da superfície com engobo de grafite. As vasilhas possuem formas semiesféricas, com bordas onduladas. As urnas funerárias, piriformes, com tampa em forma de meia esfera cobrindo a boca. Cachimbos tubulares ou em forma de funil.

Dos sítios arqueológicos da tradição Aratu estudados pela equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NPA) da UFS, destaca-se, em se considerando o quantitativo de fragmentos obtidos em decapagens, o Sítio Fortuna, em Divina Pastora.

Equipe do Museu Câmara Cascudo, coordenada pelo Prof. Dr. Vicente Tassoni com a participação do Prof. Fernando Lins de Carvalho (UFS/DCS) resgatou uma urna funerária em 1981. No interior da urna: restos humanos em enterramento secundário. Em decapagem efetuada, próximo à urna, fragmentos de cerâmica carregada, uma roda de fuso (tortual) e uma garra de animal.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO FORTUNA (Divina Pastora- SE)

1. Coordenadas Espaciais

O Sítio Arqueológico Fortuna recebe tal denominação por estar situado em uma propriedade rural (Fazenda Fortuna), no município de Divina Pastora, Sergipe. A distancia aproximada, em linha reta, entre o sítio arqueológico e a sede municipal é de 15km. Uma estrada de cascalho, saindo da sede da fazenda leva-nos ao sítio, localizado em um platô, um dos mais altos da região. A distância, pela estrada citada, entre o sítio e a sede da propriedade, é de 5km.

Estudos geológicos incluem a região na formação Riachuelo (Kr) do cretáceo. Esta formação é parte da bacia sedimentar (Grupo Sergipe). "Na formação da bacia predominam forças tensionais, dando origem a blocos escalonados e limitados por fichão normais, horsts, grabens e algumas estruturas dobradas" (Atlas de Sergipe, 1979).

O solo é podzólico vermelho, amarelo (PV). Tais solos são constituídos de argilas do grupo 1:1, sesquióxidos, quartzo e outros minerais resistentes.

O relevo apresenta suaves ondulações nos topos dos tabuleiros e forte ondulado nas vertentes. Entre os municípios de Divina Pastora e Siriri há uma elevação colinosa, acima de 100 metros. O sítio Arqueológico situa-se em um platô, altitude aproximada de sessenta metros, considerando-se a sede da propriedade.

A pluviosidade anual situa-se entre as médias mais elevadas do Estado: 1.250 a 1.000mm (40-30 no mês mais seco/ 250-200 no mês mais chuvoso). O regime pluviométrico, comum para todo o Estado, é do tipo "mediterrâneo", definido por um período seco de primavera-verão e um período chuvoso de outono-inverno.

O clima é semi-úmido com a média térmica entre 24 a 26º C. A vegetação primitiva indica a presença, na área, de uma Floresta Mesófila Decídua. A comercialização da lenha, apontada na década de cinqüenta como uma das principais fontes de renda (6500 m3/ano), destruiu aquela reserva florestal. Pequenos rios e riachos próximos participam da bacia hidrográfica do rio Sergipe.

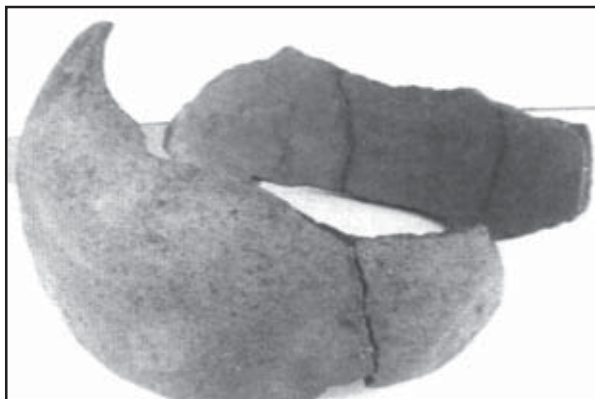
2. A Coleta do Material

Examinando-se os restos arqueológicos de superfície, constatou-se a abundancia de fragmentos cerâmicos e pouco material lítico. Foram efetuadas sondagens após a limpeza do terreno, sendo identificadas duas áreas com maior incidência de vestígios.

Na área I (18 x 12m) foram coletados 1.846 fragmentos cerâmicos de superfície e apenas 16 líticos. Foi aberta uma área de 10 x 10m, subdivididas em quadras de 1 x 1m. Adotou-se a técnica da decapagem artificial, em níveis de 10cm. No total foram resgatados 754 fragmentos cerâmicos (727 nos dois primeiros níveis) e 57 líticos (52 nos dois primeiros níveis). Os níveis artificiais foram mantidos até 60 cm de profundidade.

Na área II (14 x 9m) foram coletados 430 fragmentos cerâmicos e 11 líticos. Na área, em 1981, contando com a participação do professor Vicente Tassone, da UFRN, foi resgatada uma urna funerária.

A fragmentação da tampa de uma urna funerária proporcionou a localização desse sítio. Em superfície, constatou-se a abundância de fragmentos cerâmicos e poucos vestígios líticos. Das decapagens efetuadas, a maior incidência (96%) dos vestígios foi resgatada nos primeiros níveis artificiais (até 20cm).

Atestam, como hipótese a ser confirmada em escavação sistemática, a presença recente de grupos pré-históricos região. Grupos que fugiam do avanço Tupi pelo rio Siriri?

“O melhor escavador é, apesar de tudo, um vândalo que destrói seu documento ao consultá-lo”.
- LEROI-GOURHAN -

As sondagens foram efetuadas em quadras de 5X5m, subdivididas em quadriculas 1X1m.

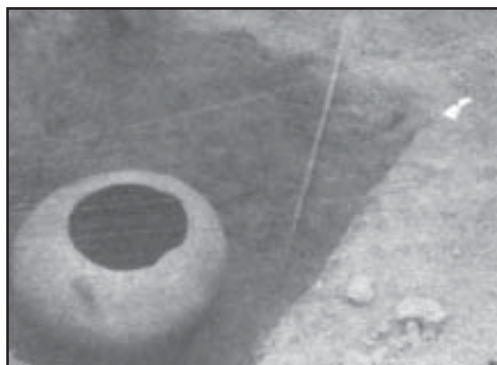
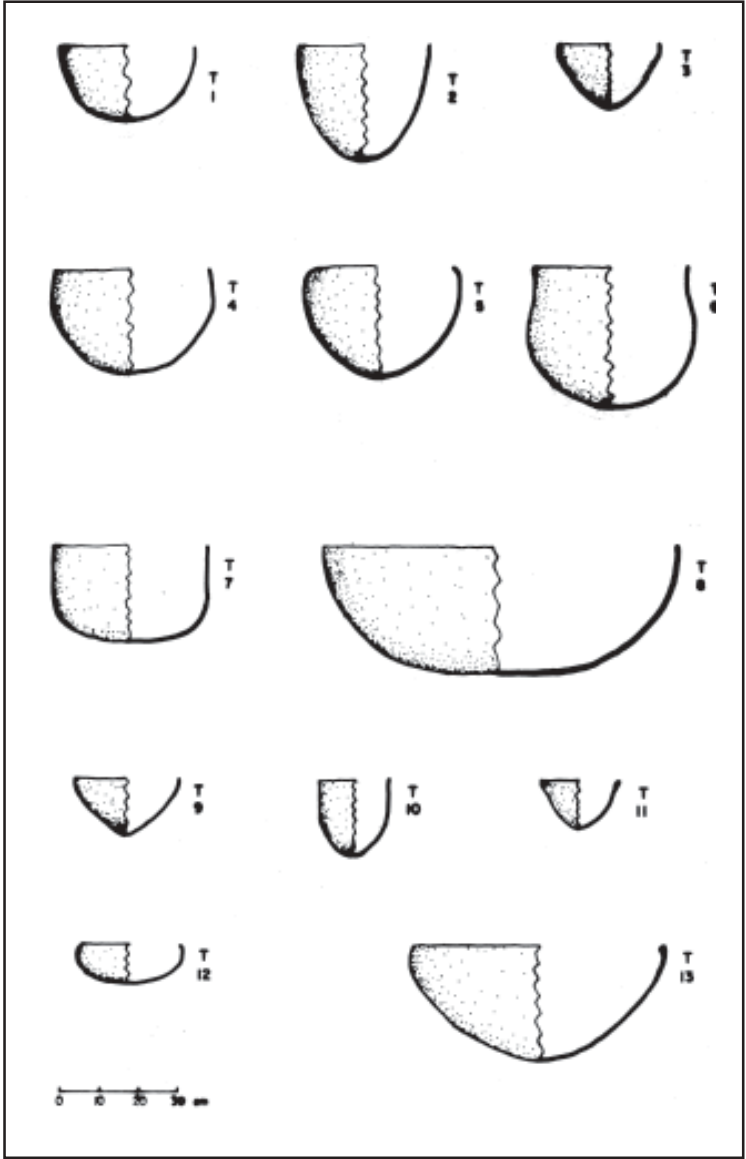
Decapagens artificiais de 10 em 10cm, encontrando vestígios humanos até 60cm.

TIPOLOGIA CERÂMICA

	Pasta
MÉTODO DE MANUFATURA	Roletado. Em alguns fragmentos chega-se a perceber a superposição dos anéis de argila na composição das peças.
ANTIPLÁSTICO	Maior incidência da areia grossa e quartzo triturado. À superfície afloram partículas de grafita.
TEXTURA	Porosa. Com o uso de lupa percebe-se a presença de bolhas de ar, dando à pasta um aspecto áspero.
QUEIMA	Cocção incompleta. Fragmentos cerâmicos apresentam manchas escuras (preto e cinza escuro) nas superfícies, fruto da irregularidade na queima.
	Superfície
TRATAMENTO	Os fragmentos cerâmicos coletados apresentam uma superfície lisa, sem decoração. A espessura média dos cacos fica entre 0.4 a 1.2cm. A superfície é áspera, face o afloramento de alguns grânulos de quartzo, do antiplástico.
BORDAS	Predominam as bordas diretas, com lábios arredondados. Os ângulos demonstram pequena tendência à introversão nos recipientes.
FORMAS	Destacam-se os recipientes globulares ou em forma de calota, com bases cônicas e convexas.
PAREDES	Regulares, com 1cm de espessura em média, mantendo-se uniforme, da borda à base.
BASE	Equilíbrio entre as formas cônicas e convexas.

Nos anos cinqüenta e sessenta artefatos da pré-história sergipana foram catalogados por José Augusto Garcez.

Estudos arqueológicos foram realizados em 1973 por alunos da Universidade Federal de Sergipe, sob a coordenação da professora Luiza Maria Gonçalves.

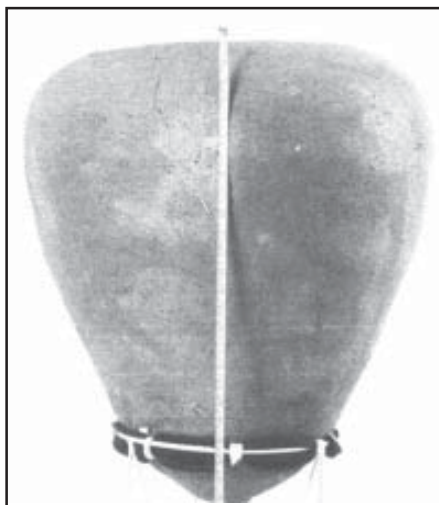
T 1
T 2
T 3
T 4
T 5
T 6
T 7
T 8
T 9
T 10
T 11
T 12
T 13
0 10 20 30 cm

DESCRIÇÃO TIPOLÓGICA DO MATERIAL CERÂMICO (MORFOLOGIA)

TIPO	CARACTERIZAÇÃO DO RECIPIENTE
01	em meia esfera, com base convexa, borda direta com pequena introversão, lábio arredondado, parede regular.
02	piriforme, com base cônica, borda direta, lábio arredondado, parede regular.
03	piriforme, com base cônica, borda cambada, lábio arredondado, parede regular.
04	de base convexa, borda cambada, lábio arredondado, parede apresentando redução na espessura a partir do bojo.
05	em meia esfera, com base convexa, borda cambada, inclinada internamente, parede regular.
06	globular, com base convexa, borda levemente extrovertida, vertical, mantendo a extroversão até o bojo.
07	globular com base convexa, levemente plana, borda direta e paredes verticais até metade da peça.
08	em meia calota, com base convexa, levemente plana, borda direta, lábios arredondados, paredes regulares.
09	em meia calota, com base cônica, borda expandida, lábio arredondado, parede regular.
10	cilíndrico com base cônica, borda direta, lábio arredondado, parede vertical até metade da peça.
11	piriforme com base cônica, borda reforçada externamente, lábio arredondado, parede regular.
12	em meia calota, com base convexa, levemente plana, borda introvertida, paredes regulares.
13	piriforme com base cônica, borda reforçada internamente, introvertida, paredes regulares.

TIPOLOGIA DOS RECIPIENTES

PANELA – vasilhame cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo. A abertura é constrita. USO: cozer alimentos, por meio de sua fervura em água.

TIGELA – recipiente cuja altura é igual ou menor do que o diâmetro máximo, geralmente não restringida, e o diâmetro se encontra na abertura superior.

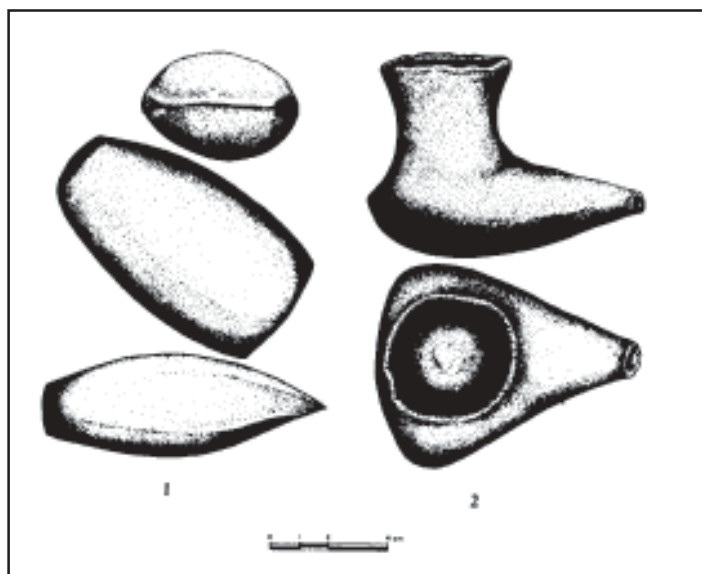
JARRO – recipiente cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo do bojo e que apresenta constrição na parte superior, formando o gargalo. Utilizado para armazenar líquidos.

O estudo dos fragmentos cerâmicos coletados no sítio arqueológico Fortuna apresentou, quanto à espessura, o predomínio de 0.5 a 1cm (71%) e menor incidência de paredes grossas, com mais de 2cm, em um percentual de 1.2%.

No tocante à queima, predomina a incompleta, em um percentual de 67%; já a coloração do núcleo apresentou o predomínio da cor cinza, em um percentual de 67.5% , destacadamente o cinza escuro.

Os fragmentos cerâmicos estudados exibem o estilo típico da chamada tradição Aratu. Uma urna funerária piriforme coletada no sítio reforça a hipótese levantada.

Os cachimbos coletados no sítio têm a parte inferior do fornilho alargada e achatada, como uma espécie de pires.

(1)

(2)

O MATERIAL LÍTICO

No Sítio Fortuna não houve escavação sistemática. Apenas sondagens para a delimitação da área, perfil tipológico e potencial do sítio. Foi efetuada também uma coleta superficial, obtendo-se a coleta de artefatos líticos.

O material coletado aguarda por uma análise sistemática, o que permitirá uma adequada classificação tipológica. O acervo apresenta, predominantemente, lascas, núcleos, batedores e bigornas. Rodelas de fuso discoidais, feitas de calcário e lâminas polidas de machado (granito) também foram resgatados do sítio arqueológico.

Nos anos oitenta, o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Sergipe identificou, a partir de um mapeamento arqueológico do Estado, a presença de sítios da cultura Aratu nos municípios de Frei Paulo, Riachuelo, Divina Pastora, Pacatuba, Santa Luzia do Itanhi, Pedrinhas e Cristinápolis.

Do material lítico resgatado em sondagens predominam artefatos polidos em diabásio, arenito e diorito (lâminas de machado), instrumentos lascados de quartzo e outros, com ou sem retoques (lasca diversas para cortar ou raspar).

2. A TRADIÇÃO TUPI-GUARANI

Sobre a problemática da origem e dispersão Tupi-guarani, Brochado (1984) propõe duas direções de migrações do paleoíndio, a partir de um nicho original amazônico: os guarani teriam utilizado os rios Madeira e Guaporé em direção ao sul, espalhando-se ao atingir o rio Paraguai; a outra corrente migratória, dos Tupinambá acompanhava o rio Amazonas até a sua foz e, alcançarem a costa, seguiram em direção ao sul.

A última expansão cultural pré-cabraliana no litoral brasileiro foi, efetivamente, a Tupi-guarani. A coesão e similitudes culturais entre os diversos aldeamentos na costa brasileira lastreiam a hipótese de uma ocupação recente, quando da presença européia, no século XVI.

Ainda são poucas as datações em radiocarbono e termoluminescência a partir de vestígios tupis que permitam um quadro delineado das migrações. No Rio de Janeiro, há datação no século X (980 ± 100 DC) e, no Nordeste, no século IX (800 ± 65 DC).

O arqueólogo J.P. Brochado (1973) propõe uma periodização para a tradição Tupi-guarani.

Datação (a.d.)		Denominação	Períodos
Início	Término		
-	500	Início da Tradição	Pré-Histórico
500	900	Período Arcaico	
900	1300	Período Médio	
1300	1500	Período Tardio	Histórico
1500	1800	Período Colonial	
1800	1900	Período Atual	

A presença Tupi-guarani no Nordeste brasileiro dá-se no período médio (900-1300), com as primeiras ondas migratóricas que introduziram a subtradição pintada na cerâmica. A segunda onda migratória deu-se no período tardio (1300 a 1500), responsável pela introdução da subtradição corrugada na cerâmica pré-histórica nordestina Tupi-guarani.

A hipótese mais aceita para a migração corresponde a deslocamentos do Sul para o Norte, a partir da bacia do Paraná – Paraguai, onde os Tupis e os Guaranis se separaram.

Hábeis canoeiros, os Tupis utilizaram o curso das bacias hidrográficas próximas ao litoral, para sua expansão. Quando da presença portuguesa, no século XVI, já ocupavam extensa faixa do litoral, desde o Iguape até a costa do Ceará.

Apenas em alguns pontos do litoral havia outros grupos como os Goitacás (foz do rio Paraíba), os Aimorés (norte do Espírito Santo e sul da Bahia) e os Tremembés (entre o Ceará e o Maranhão). Tapuia era um termo genérico empregado para os não-Tupis. A ocupação total do litoral nordestino seria consolidada até o início do século XIII.

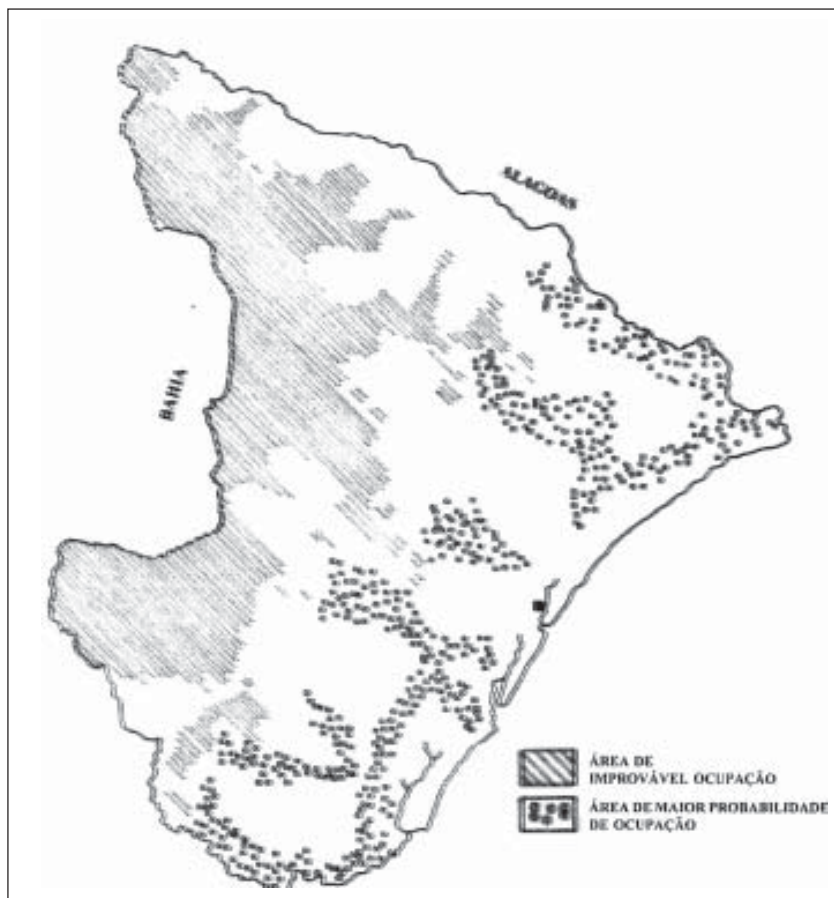
Com a incursão dos Tupis, as culturas então situadas no litoral, na Mata Atlântica, como as da tradição Aratu, fugiram para o interior ou foram dizimadas pelos invasores. Aqueles grupos, denominados genericamente como Tapuias passam a ocupar o agreste e o sertão nordestino, como os Kariris, os Prokás e Pankakarus. A diversidade lingüística daqueles grupos comprovam uma presença mais antiga e a coexistência em pontos mais distantes e que, tangidos pelo avanço Tupi, passam a ocupar áreas no interior.

Uma segunda hipótese para as migrações dos Tupis, a partir da interpretação de dados arqueológicos, é a de que a elas tenham vindo da Amazônia, onde os Proto-guaranis e Tupis se teriam dividido: os primeiros, pela bacia fluvial no Guaporé,

provavelmente tenham se deslocado em áreas interiores do Continente e os segundos, descido do litoral entre os séculos VII e IX desta era.

Em qualquer hipótese, a separação Tupi-guarani teria ocorrido há apenas um milênio e meio e a presença Tupi no litoral nordestino, há apenas pouco mais de um milênio.

A arqueologia constata que os Tupis não se estabeleciam em regiões secas e em terras frias. Procuravam edificar suas aldeias em terrenos baixos (até 400 metros acima do nível do mar) e próximos de rios navegáveis. Sempre são encontrados a curta distancia de rios navegáveis e em zonas de mata. Esses indícios devem ser seguidos para a localização dos sítios arqueológicos Tupis (procuravam as matas). No Nordeste, portanto, territórios secos e serrados e caatingas eram repudiados pelos hábeis canoeiros e guerreiros.

A interpretação das condições naturais do Estado de Sergipe, incorporando-se, para tal, a isometria, pluviosidade, temperatura, hidrografia e vegetação, permite-nos, como hipótese a ser confirmada pelas escavações posteriores, situá-los geograficamente. Evidentemente que as áreas preferenciais foram as revestidas pela floresta mesófila, decídua e semi-decídua, eliminando-se a caatinga. O arqueólogo Marcos Albuquerque tem questionado essa distribuição espacial restrita, afirmando que, em Pernambuco, sua ocupação ocorreu em todo o Estado: do mangue à restinga e da mata ao semi-árido. Nessa área serão priorizadas as terras menos elevadas, próximas a importantes rios utilizados sistematicamente na intercomunicação das aldeias. As bacias do São Francisco, Japaratuba,, Sergipe, Vasa-Barris, Piauí e Real, nos pontos considerados, foram priorizadas, em tese.

Em nosso litoral e zona da mata situavam-se os Tupinambás, uma das nações Tupi estabelecida no nordeste do recôncavo baiano, à foz do rio São Francisco.

Os Tupinambás que ocupavam o litoral do Estado de Sergipe no século XVI constituíam-se em aproximadamente trinta aldeias. Correspondência do provincial Ignácio Toloza (1575), ao relatar a missão de Gaspar Lourenço, registra aspectos etnográficos dos Tupinambás.

2.1 A MORADA TUPINAMBÁ. (Levantamento Etno-antropológico)

As aldeias ocupavam preferencialmente a parte superior da encosta de morros que dominavam um rio navegável (distância máxima de um quilômetro). Permaneciam de cinco a seis anos em um mesmo local. A área de ocupação ficava entre 250 a 400 m^2 para as pequenas e até 10.000 m^2 para as maiores. A distribuição espacial das habitações era geralmente de forma circular ou ovulada, ao redor de uma praça central. Na praça, havia um espaço livre destinado às festas, aos rituais e reuniões. A média populacional dos aldeamentos Tupis situava-se entre 500 a 3.000 índios. É expressiva, quando comparada com os aldeamentos contemporâneos.

Estudos etnohistóricos permitem um suficiente conhecimento das aldeias e das casas tupinambás.

As aldeias situavam-se em uma clareira, próximas de um regato, formando um círculo. Na metade da praça, uma grande construção orientada em seu eixo longitudinal. Ao redor, oito malocas em posições e distâncias irregulares, distribuídas de forma tal que uma não devassasse a outra. Em volta da aldeia e entre as casas, troncos serviam de assento. O livro de Hans Staden (Ed. de Bry) mostra uma aldeia Tupinambá com cinco casas, formando uma praça interior pentagonal. Os valorosos guerreiros construíam abrigos para passar a noite, quando em excursão guerreira ou viagem. Fincavam quatro postes que sustentavam um teto de ramos e folhas de palmeira (Métraux, 1928:50).

> "Ora, parece-nos que a casa de moradia referida por Baldus apresenta notável similaridade com aquelas, exercendo a mesma função, encontramos entre os Tupinambá e outros

grupos Tupi. (...) São construídas, em determinadas épocas do ano, por grupos de famílias que as ocuparão, conduzidas pelos seus chefes.

, 1557.

Por volta do mês de agosto, durante a parte da manhã, os homens cortam a madeira anteriormente escolhida, bem como as folhas de helicônia e palmeira, com as quais fazem o revestimento e também a embira necessária para as amarrações da estrutura.

Ao entardecer, transportam o material necessário para a aldeia. Entre quatro a cinco horas da tarde dão início à construção, fazendo os buracos no solo, onde serão fincados os esteios da casa. Estes constituem três alinhamentos longitudinais paralelos, eqüidistantes cerca de 2,75 m. Cada alinhamento constitui igual quantidade de esteios, fincados a intervalos variáveis de 3 a 4 metros. Os esteios extremos distam entre 1 a 1,30 m dos demais, incluídos nos respectivos alinhamentos. O central possui cerca de 3,80 m de altura e ambos os laterais 1,60 m, terminando todos em forquilha, sobre as quais são encaixados e amarrados os frechais, unindo ambos os alinhamentos laterais de esteios ao alinhamento central. Sobre os travessões, duas longarinas são amarradas ladeando o alinhamento de esteios centrais. Outras quatro longarinas ficam presas, duas a duas, logo abaixo da cumeeira, distando delas, ao chão, cerca de 3,20m de altura.

Varas flexíveis e compridas constituem os caibros que, fincados ao solo – entre os esteios laterais, a uma distância variável de 30 e 50 cm – devem ser fletidos e amarrados sobre os frechais e a cumeeira. Sobre tais caibros são presas as ripas. Tomando-se os lados maiores da construção, logo acima dos frechais, costuma-se prender aos caibros, grampos de um metro de comprimento, a intervalos de cerca de um metro. As partes inferiores dos referidos grampos ficam livres para serem interligadas por tiras torcidas de embira. O revestimento é colocado por cima da estrutura, prendendo-se, entre a cumeeira e as longarinas, os talos das folhas de helicônia. Suas extremidades pendentes passam sob a embira torcida, interligando as pontas inferiores dos grampos. Sobre as folhas de helicônia coloca-se uma camada de folhas de palmácea amarrada entre si sobre a cumeeira. Outra camada de folhas de palmeira é presa entre os frechais e as ripas, sendo que suas extremidades pendentes to-

cam o solo. Nova camada de folhas de helicônia é então colocada. O fechamento da parte menor do retângulo é feito com as folhas de helicônia e palmeira em camadas superpostas, em posição perpendicular ao solo.

As moradias podem apresentar uma a três portas. Uma delas se situa na fachada de maior dimensão, voltada para a praça; e as outras duas são abertas, de preferência, nas fachadas mais estreitas, podendo sê-lo, entretanto, em qualquer outra fachada" (Costa e Malhano, 1986).

A presença de chefes para as malocas Tupinambás e que participavam de um conselho da tribo nos leva à conjectura de laços clânicos orientando a distribuição espacial dos grupos na aldeia.

> Os antigos Tupinambás acreditavam num par de gêmeos, oriundos de pais diferentes. Tais gêmeos míticos eram identificados como o sol e a lua.
> MÉTRAUX, 1950

2.2 OS SEPULTAMENTOS

Realizados fora das habitações, mas nas imediações, ainda no plano de ocupação da aldeia. Os enterramentos eram efetuados em urnas funerárias, com quantitativos que demonstram uma maior fixação na região. Por possuírem forma similar à dos grandes potes para a fermentação de bebidas, são chamados de *igaçabas* (vasos para água, em Tupi). As urnas são carenadas e com bojo mais largo que a altura.

O mobiliário no sepultamento consta de objetos de uso pessoal como machados polidos e tembetás.

Entre os Tupi-guaranis do litoral, o rito da incineração foi comum, como registra Gabriela Martin (1997).

A descrição de praticas funerárias tupinambá de enterramento em urnas é apresentadas pelo cronista Fernão Cardim: "depois de morto o lavam e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuia no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levam de comer (...)". (Cardim, 1980:94)

2.3 A CERÂMICA

A tradição Tupi-guarani tem sido estudada a partir de sítios arqueológicos localizados ao longo da costa e mata atlântica do Nordeste. Mais recentemente já tem sido evidenciada em regiões da caatinga. Talvez resultante de grupos expulsos da região da zona da mata.

No Nordeste brasileiro poucos sítios arqueológicos da tradição Tupi-guarani foram escavados e as notas prévias resultantes desses trabalhos ainda não permitem maiores conhecimentos sobre essa tradição.

Característica marcante da cultura Tupi-guarani é a decoração policrômica encontrada nas peças e fragmentos resgatados. São traços lineares, vermelhos, sobre fundo engobado.

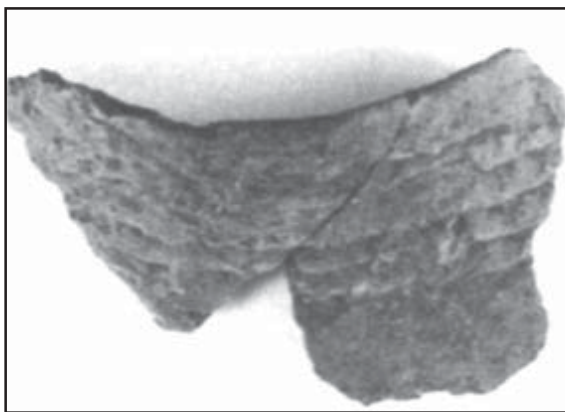
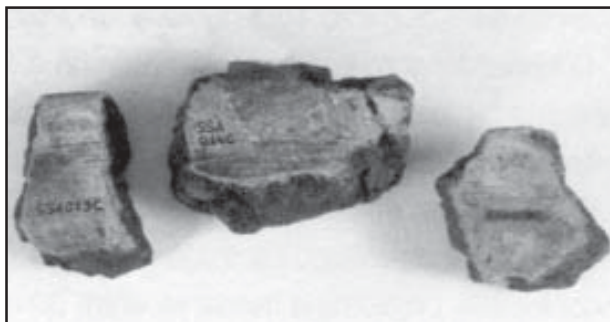
A decoração pintada inclui diversos padrões. O mais popular consiste em linhas finas e faixas mais largas em vermelho e ou castanho, desenhadas sobre um fundo pintado de branco ou creme. A pintura pode ter sido aplicada tanto na superfície externa quanto interna das vasilhas, mas se observa que a pintura é mais comum externamente nas formas fechadas e inter-

namente nas formas abertas. A presença mais recente da cerâmica Tupi-guarani no litoral Nordeste é a das sub-tradições corrugada e escovada.

3. A CULTURA TUPI-GUARANI EM SERGIPE

Das escavações e sondagens efetuadas em sítios arqueológicos sergipanos, apenas em um, Sítio Arqueológico Machado, em Pacatuba, foram identificados vestígios da tradição.

O Sítio Arqueológico Machado (SAM) assenta-se em um vasto platô, na confluência dos rios Poxim do Norte ou Betume com o riacho Santo Antônio, da bacia hidrográfica do rio São Francisco, no município de Pacatuba. A propriedade rural onde se situa o registro arqueológico é de propriedade do Sr. João Machado Rolemberg (Fazenda Santo Antônio), com acesso pela rodovia BR 202 (estadual), interligando os municípios de Japoatã e Pacatuba.

/

O SAM situa-se em superfície tabular erosiva, de formação geológica sedimentar do quaternário. Relevo plano, com leves ondulações, topografia típica dos tabuleiros costeiros.

Ainda há resíduos de floresta costeira (mesófila decídua), predominando as espécies sucupira, maçaranduba e pindaíba.

Ressalte-se que no Sítio Arqueológico Machado foram recolhidos fragmentos cerâmicos típicos da tradição Aratu e uma urna funerária foi resgatada, com as características da Aratu, desde aspectos morfológicos à composição do tempero.

Como proposta preliminar, fundamentados na tipologia, análise da pasta e antiplástico e suas similitudes com tradições já estudadas pela arqueologia brasileira e consideradas pelo PRONAPA, apresentamos a cronologia relativa para as fases Japoatã e Pacatuba:

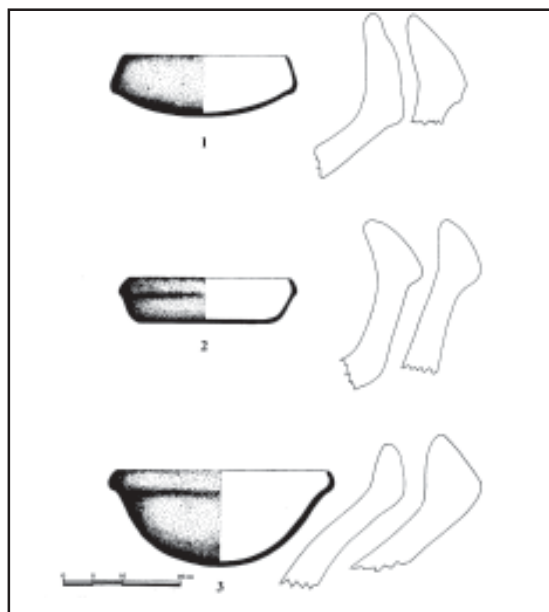
I Fase Japoatã: Cronologia: século IX ao XIV AD.
II Fase Pacatuba: tradição Tupi-guarani, contatos interétnicos ocorrendo a partir do século XIV.

Em 1575 registros históricos noticiavam a presença de um aldeamento na região. E no século XVII, sob a chefia do cacique Pacatuba, estendia-se o domínio Tupi-guarani, do Poxim ao rio São Francisco.

O levantamento arqueológico permite a hipótese, portanto, de que os vestígios da fase Pacatuba, tradição Tupi-guarani, representem resíduos materiais daquele aldeamento.

Observação: embora a estratigrafia tenha sido comprometida pelo uso de máquinas agrícolas, os fragmentos da cerâmica fase Japoatã foram encontrados, predominantemente entre 30 a 50 cm, enquanto a cerâmica fase Pacatuba, em camada superior, de 0 a 30 cm.

3.1 SÍTIO MACHADO: TIPOLOGIA CERÂMICA

A técnica empregada para a confecção de artefatos de cerâmica é a acordelada, ou seja, a super posição de roletes ou anéis de barro, resultando, nas peças, paredes grossas em relação ao tamanho das peças. O cozimento é incompleto, técnica não dominada pelos tupiguarani, produzindo uma banda escura ou acinzentada entre os lados dos vasilhames. Os aditivos mais empregados em Sergipe são grânulos de argila e cacos moídos. A dimensão dos vasos é variável (10 a 80cm), chegando alguns alguidares a ultrapassar 1m de diâmetro. Predominam as formas abertas, baixas, fundos planos ou de discreta curvatura, com algumas bocas quadrangulares, o que também tipifica a cerâmica tupiguarani.

Tipo 01

Tigelas de base levemente plana, borda reforçada externamente contraída, lábios apontados, pouca abertura para o bojo. Parede mantém espessura (menor) a partir da borda, sendo praticamente formadora da base.

Tipo 02

Tigelas de base plana, borda reforçada externamente com leve contração, lábios apontados, maior abertura na borda. Parede regular mantém espessura a partir do reforço da borda.

Tipo 03

Recipiente em calota, base convexa, borda reforçada externamente, com leve contração, lábios apontados, com maior abertura na borda. Parede mantém regularidade na espessura.

. /

No antiplástico, cacos moídos são misturados com areia. A cocção é elevada, bem acima da cultura Aratu, entre nós.

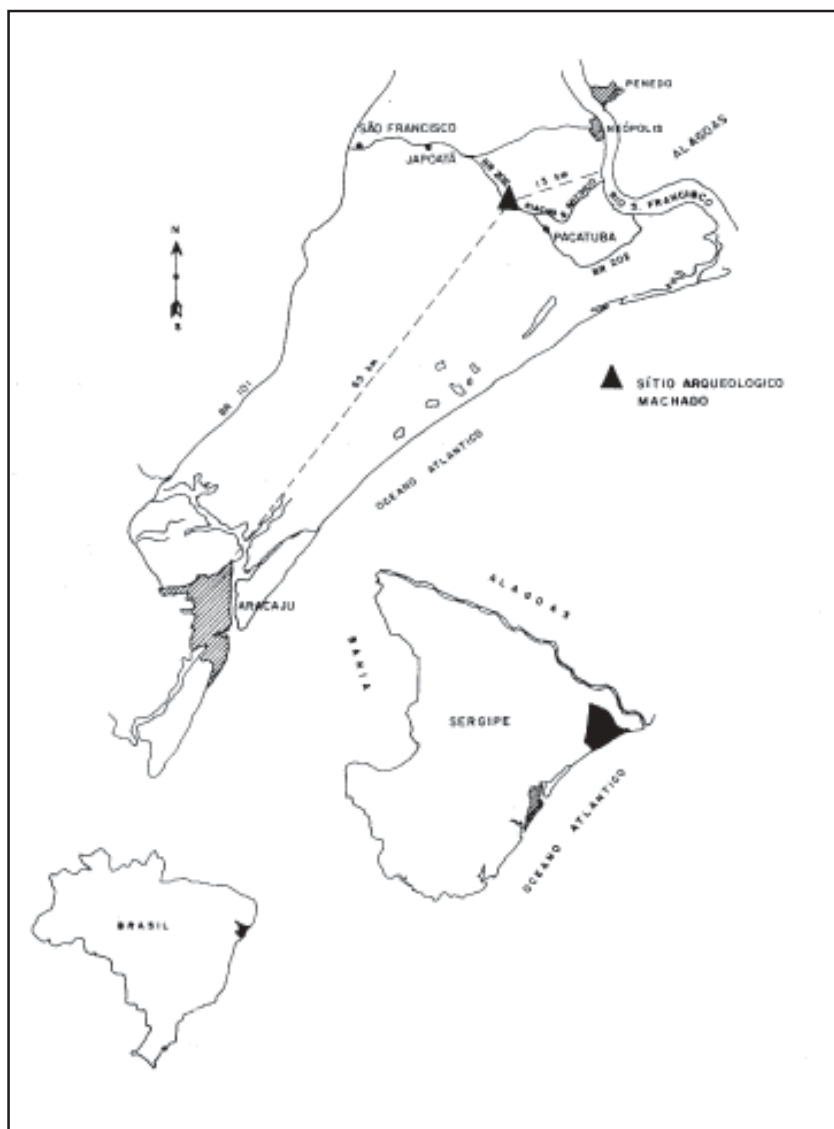
A morfologia apresenta recipientes esferóides de bordas extrovertidas, com a largura maior que a altura. As igaçabas e alguns vasos menores são carenados com bordas cambadas.

As tigelas em forma de calota de esfera e os vasos esferóides com bordas extrovertidas são comuns à tradição Tupiguarani, não sendo diagnóstico de subtradições.

Outras peças cerâmicas muito encontradas são os cachimbos tubulares, forma considerada a mais antiga; posteriormente aparecem os cachimbos angulares.

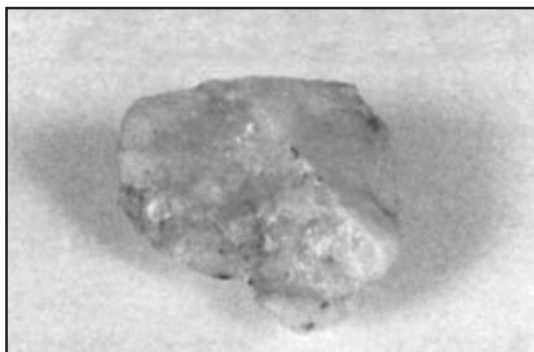
Hans Staden, quando no cativeiro entre os Tupinambás, registrou que cabia às mulheres o fabrico das vasilhas. Selecionavam o barro e o preparavam para a confecção. A queima era feita sobre pedras e os vasos cobertos com lenha (1945).

Com uma dieta baseada na mandioca, as formas identificadas nos sítios estão ligadas ao preparo e ao consumo deste alimento, bem como para o transporte e armazenamento de água e bebidas fermentadas.

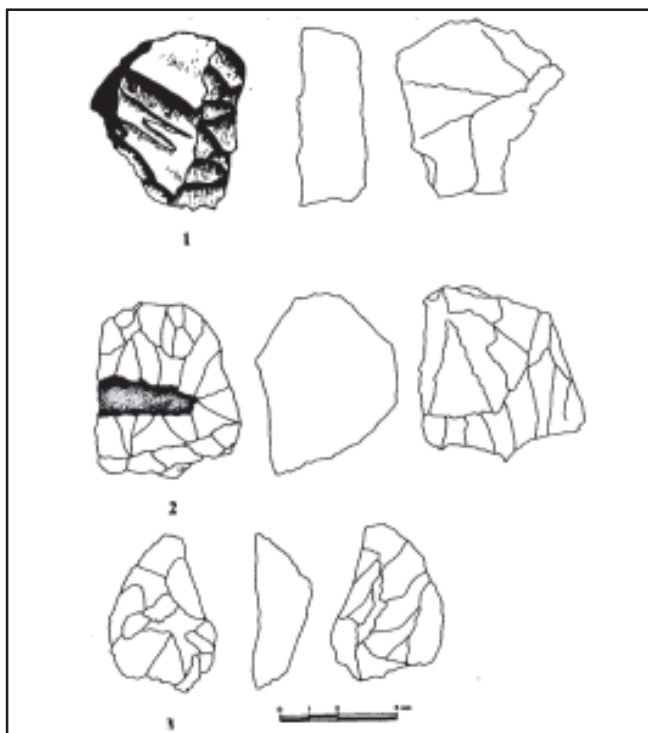
PENEDO
NEÓPOLIS
SÃO FRANCISCO
JAPOATÃ
ALAGOAS
RIO S. FRANCISCO
PACATUBA
SÍTIO ARQUEOLOGICO
MACHADO
OCEANO ATLANTICO
ARACAJU
ALAGOAS
BAHIA
SERGIPE
OCEANO ATLANTICO
BRASIL

3.2 O LÍTICO

Morando preferencialmente na floresta, os Tupi-guarani utilizaram mais a madeira que a pedra, resultando em uma incidência lítica pequena. Registrou-se apenas a presença de lascas em maior número. Destacam-se os Tembetás (adornos labiais), os percutores, polidores, afiadores e machados polidos.

Como matéria-prima, o sílex, o quartzo e a calcedônia. As lascas foram obtidas por lascamento direto e bipolar.

/

TIPOLOGIA LÍTICA TUPI-GUARANI NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACHADO

1. Lasca utilizada. Matéria-prima: quartzo leitoso. Natureza do golpe: lascamento bipolar. Dimensões: 50mm de comprimento, 55mm de largura, maior espessura 27mm e menor espessura 18mm.

Face interna da lasca: descorticamento, quatro facetas.

Sinal de uso: pequenos lascamentos de uso no lado esquerdo, talvez utilizados como raspador lateral.

2. Núcleo. Matéria-prima: sílex. Dimensões: 64mm como maior comprimento entre pontas.

Conserva pequena porção de córtex. Mostra várias facetas de lascamentos por percussão direta e não apresenta sinais de utilização posterior.

3. Fragmento. Matéria-prima: sílex. Dimensões: 53mm de comprimento, 36mm na maior largura e 19mm na maior espessura.

3.3 BASE ALIMENTAR

A etnoarqueologia, os registros efetuados por cronistas nos primeiros séculos, são ainda a maior fonte, pois os estudos arqueológicos no assunto ainda são reduzidos.

Ocupando áreas florestais e na proximidade de rios, os Tupis situavam sua cultura alimentar na pesca e caça, com maior ênfase para a primeira. A presença de alguns tipos de machado leva à aceitação da prática da coivara e à fabricação de canoas. A mandioca, pelos indícios da própria cerâmica, é um importante componente na dieta.

Os Tupis, como todas as tribos da floresta tropical, eram horticultores que faziam o rodízio das roças, prática conhecida como agricultura itinerante. Essa rotatividade, não apenas das roças como também dos campos de caça e até mesmo em aldeias, exigia uma constante reposição dos elementos de cultura material. A disponibilidade de matéria-prima era um componente importante. Este, mais um fator para a volumetria na produção cerâmica. Para coleta de moluscos, grupos deixavam a aldeia, fixando-se temporariamente nas proximidades dos bancos de moluscos, onde se instalavam em cabanas.

> “As roças novas produziam em media por até quatro ou cinco anos, mas eventualmente podiam produzir por mais tempo de acordo com o solo ou com as espécies cultivadas. Isso significa que, muitas vezes, as populações podiam ter varias roças “anuais” produzindo o suficiente para a alimentação, assim como excedentes para a realização de festas e para trocas entre as aldeias. As roças, em geral, pertenciam às famílias nucleares (pai, mãe, filhos), que compunham as comunidades, cultivando unidades entre 2 a 5 hectares de área. Cada família teria em media uma unidade

de roça nova aberta por ano, mas, dependendo de interesses pessoais ou relações sociais, algumas famílias poderiam ter varias roças novas/ano. As famílias poligâmicas (homem com varias mulheres e filhos) teriam unidades de roça relativamente maiores, com 8, 10 ou mais hectares. Assim, cada família nuclear poderia, com facilidade, alcançar até 20 ou mais hectares/ano para produzir alimentos para si e para as festas e trocas (as famílias poligâmicas teriam esse aumento de modo proporcional).

Além das áreas especificas de roça, outros espaços também foram cultivados, visando a maximizar tanto a variedade como a quantidade de produção de plantas úteis ao longo do ano. Eram aproveitados os pátios das habitações, as trilhas, clareiras abertas pela queda de grandes arvores e outros nichos. Esses sistemas agro-florestais que ainda hoje são mantidos devem ter sido configurados no passado distante, com a criação da agricultura (Funari, 2001)

"As mulheres prepararam bebidas de raízes de mandioca, que cozinham em grandes potes. Depois passam para outras vasilhas e deixam esfriar. Então as moças sentam-se em redor e mastigam a mandioca e largam o mastigado numa vasilha à parte. Depois de mastigadas todas as raízes, botam a massa num pote, que enchem de água e fervem de novo.

Usam depois umas vasilhas especiais que enterram até o meio – são como os nossos tonéis para vinho. Ali despejam tudo e tapam e deixam fermentar. Fica uma bebida forte, com a qual se embebedam – muito densa e deve ser nutritiva."

- Hans Staden (1945)

“Com a exploração prolongada de uma determinada área, também escasseavam outros recursos naturais importantes (animais, peixes, aves que forneciam penas para os enfeites, materiais para construção de malocas, etc) o que levava o grupo a deslocar-se para outra parte do território sob seu domínio. O controle sobre um dado território mais ou menos extenso permitia o funcionamento dessa sociedade, na qual a terra se constituía no bem maior. Não havia, contudo, propriedade privada da terra. Ela pertencia à comunidade e todas as pessoas do grupo podiam utiliza-la para caça, pesca, coleta e agricultura. Essas eram as atividades econômicas básicas entre os tupinambá.” - Beatriz Dantas (1991)

ÍNDIOS EM SERGIPE

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
ACUNÃS	Perto de Neópolis
ARAMURUS (ARU-MARUS, ARREMURUZ, URUMARUS)	Baixo São Francisco, Porto da Folha, Serra de Itabaiana (?)
BOIMÉS (BOYMÉS, BOISMÉS)	Japaratuba, Baixo São Francisco, Água Azeda – perto de Aracaju, rio Real
CAACICAS	Japaratuba
CAETÉS	Do São Francisco ao Real
CARAPOTÓS (CARAPOTIOZ, KARAPATÓ)	Pacatuba, Porto da Folha

ÍNDIOS EM SERGIPE

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
CAXAGÓS (CAYAGÓS, CAPAJÓS)	Pacatuba, no Baixo São Francisco
HUAMAYS (UAMÓIS)	Propriá
KIRIRIS (CARIRI, QUIRIRI, CORIRÉ)..	Aldeia do Geru (Juru), aldeia do Rio Real da Praia, Lagarto, São Francisco, Propriá
MORITSES	Geru
NATUS	Pacatuba e Baixo São Francisco
OROMARAIS	Pacatuba, São Pedro do Porto da Folha
ROMARIS (OMARIS, ROUMARIS, REUMIRIS, ROMANEZ)	Ilha de São Pedro, Ilha do Ouro Propriá, Baixo São Francisco
TAPUIAS	Geru
TUPINAMBÁS (TUPINAMBAZES)	Na costa de Sergipe, do rio São Francisco ao Real. Nos rios Sergipe, Irapiranga e Real, aldeia de Água Azeda.
TUPINAUÊS (TUPINAS, TUPINAENS)	Entre o São Francisco e o rio Real. Vale do São Francisco até Porto da Folha
URUMAS	Porto da Folha – Serra de Itabaiana (?)
XOCÓS, XOKÓS, SHOCÓS, CHOCÓS, CIOCÓS, CEOCOSES	São Pedro (Porto da Folha), Pacatuba, Propriá, Neópolis, margens do São Francisco

BILIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz Nacib. O homem dos terraços de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

AMÂNCIO DA SILVA, Suely. Arte Rupestres do Xingó. Caderno do Simpósio de Etno-História do Nordeste, 1966.

AMÂNCIO DA SILVA,Suely. Sem titulo. Salvador: UFBa, 2001. Dissertação de mestrado.

BARRETO, Luiz Antônio (ORG.) A catequese. 1575: Documentos para a História de Sergipe. Sergipe: Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico/SEC, 1975.

BROCHADO, J. Proença. Na ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South América. Chicago: University of Illinois, 1984. Tese de doutorado.

CALDERÓN, Valentin. A fase Aratu no recôncavo e litoral norte do estado da Bahia. In: PRONAPA III. Resultados preliminares do terceiro ano, 1967-1968. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969.

DINIZ, Diana Maria (Coord.). Textos para a História de Sergipe. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 1991.

DOMINGUEZ, José Maria Landim & BRICHTA, Arno. Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arqueologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, Florestan. Organização Social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão européia do livro, 1963.

FOGAÇA, Emílio. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

FOGAÇA, Emílio. Relatório de consultoria. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

GASPAR, Madu. Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

JERÔNIMO, Onésimo & CISNEIROS, Daniela. Indústrias líticas da área arqueológica de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

KNEIP, Lina Maria. Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, Rio de Janeiro. São Paulo: Coleção do Museu Paulista, 1977.

KRAPPE, A. H. La Genèse des Mythes. Paris: Payot, 1952.

LEAKEY, Richard. A evolução da humanidade. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

LEROI-GOURHAN, A. As religiões da pré-história. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1964.

LEROI-GOURHAN, A. Evolution et Technique. Paris: 1945.

LEROI-GOURHAN, A. L'Histoire et ses Méthodes. Paris, 1961.

LEROI-GOURHAN, A. Pré-História. São Paulo: EDUSP, 1981.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989

LUNA, Suely & NASCIMENTO, Ana. Os grupos ceramistas do baixo São Francisco: Primeiros resultados. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Pernambuco: Editora da UFPE, 1997.

MATSUURA, Oscar Toshiaki. A consciência do cosmo. In Humanidades. Brasília: Editora da UNB, nº 11, 1986/87.

MEGGERS, B. J. & Evans, C. Lowlands of South America and Antilles. In: Jennings, J. D. (ed.) Ancient Native Americans. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1977.

MEGGERS, B. J. Evans, C. Lowlands, of South America and Antilles. In: Jennings, J. D. (Ed). Ancient Native Americans. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1977.

MEGGERS, Betty J. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEGGERS, Betty J. e EVANS, Clifford . Como interpretar a linguagem cerâmica. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1970.

MENDES, Josué Camargo. Conheça a pré-história brasileira. São Paulo: Editora da USP, 1970.

MENDES, Josvé Camargo. Conheça a Pré-História Brasileira. São Paulo: Editora da USP, 1970.

MÉTRAUX, Alfred. A religião dos tupinambás e suas relações com as das demais tribos tupi-guaranis. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliana, 1950.

MÉTRAUX, Alfred. La civilization materielle des tupi-guarani. Paris: Paul Geutner, 1928.

OSTROWER, Faiga. Criatividade e processos de criação. Petrópoles: Vozes, 1983.

PALMEIRA, José Arnaldo V. Restos alimentares fauníticos na área de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora da UNB, 1992.

RABELLO, Ângela. Imagens da Pré-História: As Mãos na Pintura Rupestres no Alto Sertão Baiano. Sinópse. Rio de janeiro: SAB/Revista de Arqueologia nº 9, 1996.

RABELO, ÂNGELA. Imagens da pré-história: as mãos na pintura rupestre no alto sertão baiano. Rio de Janeiro: SAB/Revista de Arqueologia nº 9, 1996.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Indústrias líticas do sul do Brasil. Porto Alegre: Veritas, 1979.

SALZANO, Francisco M. History of human biology in Brazil. Nova York: Association of Human Biologists Occasional Papers, 1990.

SANDERS, William T. & MARINO, Joseph. Pré História do novo mundo Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SANDERS, William T. S & Marino, Joseph. Pré-História do novo mundo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SCHOBINGER, Juan. As origens do homem. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

SHAPIRO, Harry L. Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

SILVA, Cristiana de Cerqueira & AMÂNCIO, Suely & ALMEIDA, Leila Maria Ribeiro. A fauna como matéria-prima de artefato no Sítio Justino – SE. Sergipe: Apostila do PAX, 1996.

SILVA, Suely G. Amâncio da. Arte rupestre em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

SIMON, Christian & CARVALHO, Olívia Alexandre de & QUEIROZ, Albérico Nogueira & CHAIX, Louis. Enterramentos na necrópole do Justino – Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1999.

STADEN, Hans. Suas viagens e cativeiro entre os índios do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

VERGNE, Maria Cleonice de S. Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

WARD, R. H. & GERSHOWITZ, H. & LAYRISSE, M. & NEEL, J. V. The genetic structure of a tribal population: the yanomama indians. **American Journal of Human Genetics,** 1975.

GLOSSÁRIO

ANÁLISE ESPECTOGRÁFICA - Uso de um espectógrafo para determinar a composição química de determinado objeto. Em arqueologia aplica-se à identificação dos pigmentos das pinturas rupestres, ao estabelecimento das fontes de argila utilizadas na produção de cerâmica, a análise dos vestígios biológicos, etc.

ANTIPLÁSTICO – elemento estranho à argila, adicionado propositalmente para reduzir a plasticidade da argila. Os mais utilizados são os cacos e conchas moídos, quartzos triturados e fragmentos vegetais. Também denominado tempero ou aditivo. Seu uso permite uma armação estável da peça e evita o rachamento enquanto as argilas são desidratadas

ARTROSE – afecção não inflamatória degenerativa de uma articulação.

ASPERSÃO - técnica de produção de pintura rupestre em que o homem pré-histórico sopra o pigmento sobre a superfície da rocha. Frequentemente ele interpõe objetos (mãos, pés, etc.), gerando uma cópia em negativo do motivo escolhido.

AUTOCTONISMO AMERICANO – teoria que admite a evolução do sapiens tendo ocorrido no próprio continente, sem resultar de imigração.

BASALTO – rocha negra ou cinza escura, de textura microcristalina, compacta e pesada. A mais freqüente das rochas vulcânicas. Pode ser lascada, embora as lascas só sirvam para trabalhos pesados ou grosseiros.

BASE – corresponde ao fundo do vasilhame, podendo ser plana, arredondada, com pés ou pedestal.

BASTONETE – pequeno bastão ou varinha. Em registros rupestres, forma em que o pigmento é preparado e utilizado em estado sólido, projetando-se em alto relevo.

BATEDOR OU PERCUTOR – lítico aproveitado (seixo, núcleo ou placa) como martelo para lascar rochas frágeis, fincar estacas, etc.

BIFACE – objeto lítico total ou quase totalmente lascado, com retoques profundos e que não apresenta mais o córtex ou apenas a zona cortical reduzida. A forma geral do artefato é de uma amêndoa ou folha. Também usado como machado de mão.

BIGORNA OU SUPORTE – seixo um pouco achatado ou bloco com face plana utilizado como apoio para objetos que serão percutidos. Também conhecido como quebra-coquinhos por se supor ter sido essa sua maior utilização.

BOJO – parte central do recipiente. Quando o diâmetro maior apresenta uma brusca inflexão angular, diz-se que o bojo é carenado.

BORDA – parte terminal do vaso, junto à boca. A extremidade da borda, por onde corre o conteúdo quando a vasilha fica inclinada é chamada de LÁBIO.

CACHIMBOS – comuns nos sítios pré-históricos brasileiros, os cachimbos de cerâmica podem ser tubulares ou angulares.

CALCEDÔNIA – mineral translúcido com brilho céreo. Predomínio de tons esbranquiçados. Variedade criptocristalina do quartzo.

CANYON (CÂNION) – garganta sinuosa e profunda cavada por um curso d'água.

CARENADO – artefato que tem uma quilha ou carena.

CERÂMICA CORRUGADA – os roletes utilizados durante a confecção das peças são pinçados transversalmente pelos dedos, formando-se pequenas ondas sucessivas.

CERÂMICA DIGITUNGULADA (DIGITADA) – a impressão sobre a massa, antes da queima da digital do artesão.

CERÂMICA ESCOVADA – à superfície do vasilhame, antes de ser levada à cocção, aplicou-se algum objeto áspero como o sabugo de milho, produzindo estrias.

CERÂMICA EXCISA – parte da superfície é retirada como recurso para decoração, formando ilustração em relevo.

CERÂMICA FRIÁVEL – uma temperatura de ao menos 450º a 600º C, necessária para a desidratação da argila, pode ser obtida numa fogueira a céu aberto, em que combustíveis e peças estão em contato direto. Algumas variáveis, como a temperatura, o arejamento do fogo, o tipo de combustível, a natureza da argila, as impurezas, a textura da pasta, podem resultar uma cerâmica mais sujeita ao esfarelamento. Diz-se que a cerâmica é friável.

CERÂMICA INCISA – a superfície do vasilhame foi decorada com cortes (incisão), com profundidade facilmente detectada. Os cortes podem ser regulares, simétricos ou irregulares.

CERÂMICA ROLETADA OU ANELADA – as peças são confeccionadas com justaposição de roletes, ou seja, rolos de pasta argilosa colocados em faixas sucessivas.

CHOPPER – o mais primitivo dos artefatos humanos líticos. Geralmente um seixo cujo gume é obtido por um pequeno número de destacamentos unifaciais.
CHOPPING-TOOL – similar ao chopper. O destacamento para a produção do gume é bifacial.

COCÇÃO – o processo da cozedura da argila, em temperatura de ao menos 450º C, necessária para desidratar a argila.

COIVARA – técnica utilizada pelos indígenas brasileiros para a limpeza dos solos antes do plantio. Folhas ou pilhas de ramagens não atingidas pela queimada na roça a qual se deitou o fogo. Além de limpar o terreno, as cinzas são usadas para adubá-lo.

COPRÓLITO - Evidência arqueológica ou paleontológica constituída por restos fecais desidratados ou mineralizados, que conservam-se acidentalmente em camadas de sedimentos, em estrutura ou locais de defecação associados a corpos de animais e do próprio homem, ou no interior de exemplares mumificados. Conservam informações sobre as espécies biológicas, hábitos alimentares, doenças ou parasitoses intestinais, condições ambientais, práticas de higiene, etc.

CORTE ESTRATIGRÁFICO – escavação parcial de um sítio arqueológico, por níveis ou camadas, para verificação de seu conteúdo. O corte estratigráfico é, usualmente, retangular, medindo de 1 a 4 m2.

DECAPAGEM – a decapagem fina de uma superfície de solo não se limita apenas a por em evidência um vestígio ou uma estrutura, mas consegue fazer salientar indícios fugazes extremamente lábeis nas nossas alterações químicas. Tais indícios podem ser representados por solos pisoteados, correspondentes a zonas mais movimentadas, buracos que podem corresponder aos pontos de inserção dos paus que sustentavam as cabanas, evidências de fossas em sepultamentos de sambaquis. Tais estruturas escapam seguramente, ao se empregar uma técnica mais rude; a própria decapagem cuidadosa pode, às vezes, deixar escapar vestígios diversos por motivos que fogem mesmo à perícia do arqueólogo. Por exemplo, uma erosão em determinada área pode eliminar uma série de vestígios e estruturas.

EMBIRA – palavra de origem tupi, espécie arbustiva da família das timeleáceas. Produz boa fibra na entrecasca. Empregada como cipó, para amarrar. Típica das matas úmidas.

ENGOBO – revestimento argiloso adicionado à superfície da peça. Destaca-se quando se trata de argila de outra cor (Tupi-guarani).

ESTRATIGRAFIA - Estudo das camadas ou estratos que aparecem superpostas num corte geológico. Em arqueologia, estudo dos sucessivos pisos de ocupação ou assoalhos culturais. É o principal método de datação relativa. Numa escavação arqueológica pode-se seguir a estratigrafia natural do sítio ou, se for aconselhável, adotar a estratigrafia artificial com extratos de espessura constante, arbitrariamente estabelecidos, geralmente com 1000, 20 cm de espessura.

FLORESTA MESÓFILA - típica dos trópicos (matas do litoral nordeste), com umidade e temperaturas elevadas.

FOTOGRAFIA AÉREA – Técnica de prospecção que utiliza-se da interpretação de fotos tomadas de aviões, para busca identificar sítios arqueológicos no solo, e que tem proporcionado resultados muito satisfatórios, particularmente quando são utilizados pares estereoscópicos de fotografias, o que permite melhor exame do relevo. Em Arqueologia são mais úteis as fotos tomadas obliquamente, ao nascer ou pôr do sol, e atitudes não são muito grandes, que são mais fáceis de interpretar.

GASTRÓPODE – molusco de concha univalve ou desprovido de concha.

GLACIAÇÕES – durante os últimos dois milhões de anos (pleistoceno) o clima foi muito instável. Pelo menos quatro vezes o gelo ártico deslocou-se dos pólos, atingindo o interior da Europa e América do Norte. Os níveis do mar abaixaram. Na África e América do Sul houve fases úmidas correspondentes, com pesadas chuvas. As alterações do clima selecionaram por extinção formas vivas que não conseguiram adaptar-se às condições cambiantes.

GPS – O Departamento de Defesa dos Estados Unidos opera e mantém o Sistema Global de Posicionamento (Global Positioning System – GPS) de satélite, os quais orbitam a terra a uma altitude de aproximadamente 20.000 Km. Cada satélite tem seu próximo sinal de identificação e padrão de transmissão. Os receptores GPS, no solo, monitoram os satélites e calculam a posição (Latitude, Longitude e Altitude) do ponto onde se encontram, usando os dados fornecidos pelos tais satélites.

GRAFITA – mineral constituído por uma variedade de carbônio puro. Cor cinzento-aço, brilho metálico e traço preto. Apesar de

ser encontrado em rochas eruptivas e sedimentares, a grafita é mineral típico de rochas metamórficas.

GRANITO – rocha holocristalina, cinzenta ou rósea, de granulação grosseira.

HELICÔNIA – planta herbácea tropical perene, da família das musáceas, freqüente nas matas úmidas.

HOLOCENO – atual período do quaternário iniciado a aproximadamente doze mil anos. Os sítios arqueológicos do Brasil estão incluídos noperíodo, salvo alguns ao final do pleistoceno.

HOMINÍDEO – família de primatas que inclui os gêneros parantropo, australopteco e homo. No gênero homo a nossa é a espécie sapiens.

LÂMINA DE MACHADO – é uma lasca grande, na qual um bisel preexistente à elaboração constitui a parte cortante. As lâminas podem ser: unifaciais ou bifaciais.

LASCA – fragmento obtido a partir de um núcleo de pedra (bloco, placa ou seixo). Algumas compreendem simples resíduos de retalhamento; outras, base de elaboração de objetos determinados.

LASCAMENTO BIPOLAR – o bloco a ser trabalhado (debitado) é colocado sobre uma bigorna e, em seguida, golpeado violentamente pelo batedor.

LASCAMENTO UNIPOLAR – o artesão segura um bloco de matéria-prima na mão esquerda e um batedor na mão direita.

Escolhendo uma superfície adequada (plano de percussão), bate nesta para retirar uma lasca do bloco.

LÍTICO POLIDO – obtido sobre um suporte chamado polidor fixo e com a ajuda de um abrasivo, como a areia e freqüentes lavagens com água. O polimento permite a obtenção de gumes resistentes.

MÃOS-DE-PILÃO – cilíndricas ou cônicas, são artefatos de pedra destinados à percussão difusa. Utilizados para triturar sementes, notadamente. O trabalho de esmagamento se efetua por movimentos circulares e laterais e por uma sequência de pressões e pequenas percussões.

MEGAFAUNA – a instabilidade do clima, durante o pleistoceno (glaciações) afetou grandemente os mamíferos terrestres. Muitos dos mamíferos modernos apareceram no decorrer desse período. Os mamíferos de grande porte compreendem a megafauna.

NÚCLEO – massa lítica (pedra) retalhada para a confecção de lascas. Destacada da rocha-mãe e não apresenta o plano de fratura e a face interna de uma lasca.

PALINOLOGIA – Técnicas de análise dos grãos de pólen, aplicáveis aos sítios arqueológicos. Os grãos do pólen conservam-se muito bem enterrados ou em ambientes úmidos, e como apresentam muitas formas diferenciadas permitem identificar os gêneros e até as espécies presentes, em determinada época, proporcionando a identificação do meio ambiente, e até as conseqüências da ação humana sobre o mesmo.

PICOTEAMENTO – confecção de artefato lítico pela percussão repetida de uma superfície por um batedor, provocando seu esfarinhamento, com consecutiva abrasão progressiva.

PIRIFORME – em forma de pêra. Geralmente empregado para caracterizar a tipologia de urnas funerárias da tradição Aratu.

PLANO DE PERCUSSÃO – para a extração de lascas a partir de um núcleo, o artesão seleciona o ângulo e a pressão (pancada) sobre o ponto de impacto. A forma e a orientação (ângulo utilizado) assegurarão diferentes tipos de lascas.

PLATÔ – planalto.

PLEISTOCENO – época que segue ao plioceno (terciário) e marca o início do quaternário. Estendeu-se nos dois últimos milhões de anos até doze mil anos passados, quando dá-se o início do holoceno. Este período testemunhou a evolução biológica e cultural do gênero homo.

PONTAS DE PROJÉTIL – quase sempre bifaciais, recebendo, às vezes, acabamento por pressão. Corpo triangular com a aletas e o pedúnculo.

PROPULSORES – mecanismo utilizado pelos caçadores pré-históricos para impulsionar objetos como lanças, dardos, etc.

QUARTZO – mineral mais freqüente na crosta terrestre. Elemento fundamental das rochas eruptivas, sedimentares e metamórficas. Incolor e transparente, apresenta-se em variadas colorações, sendo predominantes o translúcido e o opaco. Brilho vítreo. Quando fracionado e rolado, é o principal integrante da areia.

RASPADOR – utensílio de lasca ou de bloco da série de ferramentas plano convexas. Sua forma é submetida à função que é a

de raspar os materiais ósseos ou lenhosos. Por seu bordo funcional os raspadores são classificados. Os mais comuns são os raspadores frontais (terminais) e os raspadores laterais.

RESSONÂNCIA MAGNÉTICA – Técnica para medir a intensidade do campo magnético terrestre em dado ponto. Tal intensidade pode ser alterada pela presença de objetos metálicos, construções ou estruturas enterradas, o que permite a localização de evidências arqueológicas sem necessitar de escavações.

SENSORAMENTO REMOTO – Exploração e mapeamento da superfície terrestre por satélites, usando métodos variáveis, como, por exemplo, fotografias em infra-vermelho, micro-ondas (Radar) etc. Utilização de imagens obtidas por satélite para localização de sítios arqueológicos, tanto pela identificação direta, como indiretamente, através de alterações do relevo, solo ou cobertura vegetal.

SÍLEX – constituído de quartzo fibroso ou calcedônia, de cor cinza, amarela ou preta. Compacto, muito rijo, duro (risca o vidro). Translúcido nos cantos.

SUPERFÍCIE DE VASO CERÂMICO COM ALISAMENTO – tratamento úmido, deixando a superfície lisa e fosca.

SUPERFÍCIE DE VASO CERÂMICO COM POLIMENTO – executa-se quase a seco, com um objeto duro, dando ao vasilhame um brilho variável, de acordo com o apuro do trabalho e o grão da argila.

TEMBETÁ – do tupi, significando pedra do lábio inferior. Adorno de forma geralmente alongada, confeccionado o predomi-

nantemente com matéria-prima mineral e introduzido em furo no lábio inferior.

TRADIÇÃO – os arqueólogos utilizam a expressão tradição em lugar de cultura ou costume, porque freqüentemente, trabalham apenas as manifestações materiais e não as próprias culturas. Caracteriza-se como grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal.

TRIDÁCTILO – configuração geométrica que tem três dedos.

URNA CARENADA – no maior diâmetro do bojo há uma quilha ou carena, fruto de uma brusca inflexão angular.

ZOÓLITO – peça lítica em forma de animal.